

Memórias

Roque Gilberto Annes Tomasini

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 17/09/2016

Título : Emergência da Civilização Eurasiana

Categoria: Memórias

Descrição: Compêndio da “HISTÓRIA UNIVERSAL – Livro de Willian McNeill...

Compêndio da “HISTÓRIA UNIVERSAL – Livro de Willian McNeill.

500.000 AC. Emergência de vários tipos de homens e proto-homens.

30.000 AC. Aparecimento de vários tipos de homens completamente modernos, Homo-Sapiens

7.500 AC. No Oriente Médio – Mesopotâmia ou Pérsia – começa o cultivo de cereais.

4.000 AC. Já existia população no vale do Rio Nilo - África.

3.200 AC. Os Persas ou Assírios da antiga Mesopotâmia, hoje desmembrada em várias nações, Iran, Iraque, Síria, Líbano, Jordânia, Israel, Arábia Saudita e Turquia, berço de todas as raças e

disseminadas nos cinco continentes, já difundiam a agricultura no cultivo de arroz, algodão, laranjas, trigo, cana-de-açúcar, e hortigranjeiros.

2.654 AC. Construção das Pirâmides do Keops, pelos Faraós, no Egito. 100.000 homens trabalharam durante 20 anos, trazendo pedras com até 2.500 quilos das encostas do Rio Nilo.

A evolução dos povos Persas ou Assírios da antiga Mesopotâmia, berço de todas as civilizações, durante os anos 4.060 até 1700 AC. expandiram-se para os continentes Asiáticos, Africano e Europeu. Os Asiáticos formaram os povos Mongóis, Chineses e Japoneses. Os Indianos são formados pelas raças de gregos e árabes. Os que emigraram para a África apresentam mutações diversas: os do Norte com feições do árabe, moreno cabelos pretos e encaracolados e nariz adunco, os do Lesteabissínios e kenianos são pretos, cabelo pixaim, porém de nariz perfilado; os demais, africanos, para o Sul e Oeste, também pretos, cabelos pixaim e nariz chato. Os que emigraram em direção ao Continente Europeu, partindo da Turquia e Grécia são de pele clara e cabelo crespo ondulado. Quanto mais ao norte do continente Europeu, continuaram de pele branca e o cabelo de preto ao alourado - Suecos ou Escandinavos. Durante os anos 540 da era Cristã os Árabes invadiram a Espanha através do Estreito de Gibraltar. Permaneceram até o ano 1245, ocupando mais de 60 % do território. Conhecidos por mouros introduziram a medicina, astronomia, matemática, filosofia e a alquimia. Hoje seus descendentes, tanto Espanhóis e Portugueses são mestiços, cabelo preto e barba cerrada.

Data : 17/09/2016

Título : A Imigração de Italianos ao Brasil

Categoria: Memórias

Descrição: Em 1874, o governo Imperial Brasileiro e o governo Italiano...

Em 1874, o governo Imperial Brasileiro e o governo Italiano convencionaram a transferência 100.000 italianos ao Brasil, sendo 20.000 para o Rio Grande do Sul. O Imperador D. Pedro II incumbiu da missão o empreendedor o Sr. Caetano Pinto, para percorrer a região norte da Itália (Trento, Tirol e Lombardia), onde predominava população pobre, trabalhadora e de boa saúde, com grande percentagem de analfabetos e submetidos ao trabalho escravizado pelos “senhores da terra”. Não eram proprietários das casas de moradia, pagavam aluguel e arrendamento. Era quase impossível escolher uma profissão alternativa. Viviam em regime de escravidão, pois não tinham para onde ir ou a possibilidade de trocar de patrão. Era um povo submisso por várias gerações e explorado como mão de obra barata.

O Sr. Caetano Pinto, após conhecer a região e a situação da população, expediu uma Circular sob o nº15. 421 de 24 de outubro de 1.874 e amplamente divulgada e lida para conhecimento dos analfabetos, das vantagens para emigrarem ao Brasil, oferecendo transporte em navios

movidos a vapor e velas com a saída pelo porto de Gênova. Centenas de famílias formaram filas para serem incluídas nas listas de espera para embarcar.

A América, para eles, representava a liberdade, sobretudo terra, muita terra para cultivar e ainda terra de sua propriedade, emancipação e o fim da escravidão a que eram submetidos por esses “senhores velhacos”.

Os nossos ancestrais, Tirolezes tiveram, também uma vida sofrida e do estrema pobreza, não diferente de centenas de outros da grande leva de imigrantes ao Brasil. Depois de 35 dias de viagem até o Porto do Rio de Janeiro, onde muitos lá ficaram, seguindo os demais à Porto Alegre, desembarcando no dia 4 de setembro de 1876. Permaneceram em quarentena para exames de possíveis portadores das moléstias transmissíveis. Liberados, foram embarcados em pequenos barcos, subindo o Rio Caí até o improvisado porto de Montenegro.

Lá estavam as autoridades e Membros da Comissão de Terras que os aguardavam com animais de montaria para transportar os poucos pertences e condução para os idosos e crianças. De Montenegro até o destino do acampamento e denominado pelos imigrantes de Nova Milano, hoje com o nome de Emboaba e próximo de Farroupilha, tem uma distancia aproximadamente 45 km, partindo de uma altitude, no nível do mar, de 35 metros para subir até 720 metros. A caminhada levou 3 dias, abrindo picadas a facão e machado, subindo as encostas escarpadas. Muitos chegaram com os pés inchados e sangrando. Em Nova Milano se abrigaram em barracas cobertas de lonas, enquanto as autoridades da Comissão de Terras, Órgão do Governo da Província, procediam ao cadastramento, obedecendo ao critério com relação a composição das famílias, número de filhos por casal e sexo. Como a região é topograficamente montanhosa, cada casal receberia áreas maiores ou menores.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Os Emigrantes e a Colônia de Terra

Categoria: Memórias

Descrição: ADAMO TOMASINI e LÚCIA TOMASINI, troncos das famílias, nascidos no Tirol...

ADAMO TOMASINI e LÚCIA TOMASINI, troncos das famílias, nascidos no Tirol, e aqui chegado com 71 anos e Lucia nasceu no ano de 1819 e chegada com 57 anos. Ambos faleceram em Sartorina, local que fica entre o Rio Burati e Garibaldi, jurisdição da Colônia “Conde d’Eu” ou Garibaldi.

O casal Adamo e Lucia com seus quatro filhos, receberam o Lote nº 47 da Légua 29 e Travessão São João com uma área de 4 colônias, segundo dados constantes no Livro do Arquivo Histórico das Imigrações, folha 44, em Porto Alegre.

O título Definitivo foi expedido em 8 de agosto de 1882, quando Adamo tinha 79 anos.

Estas terras e recursos, como se imaginava, não foram simplesmente doados ou de mão beijada. Foram pagos ao Governo até o último centavo ou “mil réis” da época, conforme consta em um documento histórico em poder de José Biaggio Tomasini, com o seguinte teor:

Anotações no verso do documento nº 749

Nº 749

COLONIA CONDE d’EU

Livro de contas correntes página 20. O colono BIAZI TOMASINO, chegado à esta colônia em outubro de 1876 estabelecido no lote nº 23 da Linha Estrada Geral 2ª Secção ficou debitado para com a Fazenda Nacional:

Adiantamentos e subsídios em dinheiro e alimentação:	150\$000
Ferramentas:	11\$300
Valor do lote, conforme titulo provisório que lhe foi entregue nesta data com 87.283 braços quadrados:.....	261\$849
Pelos 20% do artigo 6º do Regulamento de 19 de janeiro de 1867:.....	52\$369
TOTAL:.....	

Colônia Conde d’Eu, 26 de janeiro de 1884 475\$518

Assinatura do Colono

Biasi Tomasini

Assinatura do Diretor

Joaquim R. Antunes

“Ricevero da Tomasini Biasi por pagare sua terra nº 23 la quantia de réis 290\$000”. Data ilegível, ano 1884. Assinado por Domênica Loss.

Confrontando as anotações constantes no Livro Histórico das Imigrações em Porto Alegre, onde consta a colônia ou lote nº 47.

No documento supra, consta o lote nº 23. Presume-se um desdobramento posterior do nº47 para cada membro da família. As dúvidas podem ser verificadas em Garibaldi ou “Colônia Conde d’Eu”.

Data : 17/09/2016

Título : Os Quatro Filhos do Casal Adamo e Lucia Tomasini

Categoria: Memórias

Descrição: 1.1 - BIAGGIO TOMASINI nasceu no dia 3 de fevereiro de 1848...

1.1 - BIAGGIO TOMASINI nasceu no dia 3 de fevereiro de 1848 e aqui chegado com 27 anos, solteiro. Casou com sua noiva DOROTHEA LOSS após sua chegada ao Brasil. Ela nasceu no dia 8 de dezembro de 1855. Casou com 21 anos em 1876. Seus pais BATISTA LOSS e MARIA LOSS ambos falecidos na Itália. Biaggio faleceu em Ilópolis no dia 2 de setembro de 1931 e Dorothea, também falecida em Ilópolis, no dia 27 de abril de 1930.

1.2 - CESARE TOMASINI - nasceu no ano de 1850 o aqui chegado com 25 anos. Faleceu em Bento Gonçalves onde deixou muitos descendentes. Era Pai da “Leonora” que costumava viajar e se hospedar em casas de parentes, com preferência a do Tio José e Itelvina Tomasini.

1.3. LÚCIA TOMASINI - nasceu no ano de 1853 e aqui chegando com 22 anos. Ignora-se com quem casou e onde faleceu.

1.4 - DOMÊNICA TOMASINI - nasceu no ano de 1856 e aqui chegada com 19 anos. Da mesma forma ignora-se com quem casou e onde faleceu.

Não foram realizadas pesquisas sobre a descendência deixadas pelas duas filhas, Lucia e Domênica. Possivelmente deverá existir no Cartório do Registro Civil ou na Catedral de Caxias do Sul.

O casal Adamo e Lucia e seus quatro filhos eram todos analfabetos e católicos.

Data : 17/09/2016

Título : O Início da Vida na Colônia

Categoria: Memórias

Descrição: A família Adamo e Lucia Tomasini

O navio atracou. Adamo e sua esposa pensam: já estamos no Brasil. Hora de começar a vida na terra prometida.

A família Adamo e Lucia Tomasini, meses após, de posse de suas terras, providenciou a construção da moradia.

E agora? O que fazer?

DESMATAR, CONSTRUIR, QUEIMAR, PLANTAR, COLHER, VIVER.

Como havia muitos pinheiros, derrubaram os de grossura até 70 cm, cortados no comprimento de 3 metros para serem lascados com auxílio de machado e cunhas de madeira dura, batidas com uma marreta feita de pau roliço.

Lascadas as tábuas com grossura variante, após com o machado eram falquejadas. Como não havia pregos valeu-se de um trado, furando tabuas e os barrotes, também falquejados, contrapinavam com cavilhas de madeira dura nos barrotes.

TRADO-VERRUMA

O telhado foi feito com sobras de pinheiro lascado, também cavilhados. Com a casa pronta, de chão batido e rusticamente mobiliado, providenciaram a derrubada de mato para formar a pequena lavoura. No primeiro ano pouco produziu. Para se alimentar, além das poucas provisões, valeram-se da farta caça, principalmente de pacas, macucos, nambus e pombas. No segundo ano, com melhorias das instalações, a lavoura foi ampliada com plantio de milho, trigo, abóbora e hortigranjeiros ou hortaliças. A produção era muito boa, mas havia muitos “sócios” – pacas guaraxains e macacos – causando elevados danos. Em compensação, muitos entraram nas panelas, de carne saborosa. A caça era feita com armadilhas e alçapões.

Com o passar do tempo puderam construir nova e mais ampla moradia com madeira serrada entre dois operadores, utilizando uma serra larga e com 2,0 m de comprimento. A tora montada sobre um andaime com um operador na parte superior, orientador do fio e outro na parte de baixo puxando a serra.

memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Os Dez Filhos de Biaggio e Dorothea

Categoria: Memórias

Descrição: Em Sartorino nasceram seus dez filhos...

Em Sartorino nasceram seus dez filhos: Carlos, Cesare, João, Augusto, Marieta, Lucia, Biaggio, Terezinha, Pedro e José.

Oito filhos casaram em Sartorina, José casou em Alencastro e Pedro em Bento Gonçalves, depois de se mudar à Ilópolis.

Carlos Tomasini casou com Leticia Somensi e em segundas núpcias com Josefina Sonai, tiveram 12 filhos.

Cesare Tomasini casou com Irene Donati, tiveram 13 filhos. João Tomasini casou com Margarida Perizzolo, tiveram 13 filhos.

Augusto Tomasini casou com Augusta Colombeli, tiveram 11 filhos. Casou três vezes e viuviu duas.

Marieta Tomasini casou com Pedro Loss.

Lucia Tomasini casou com Clemente Perizzolo.

Biaggio Tomasini casou com Pierina Bertuol, tiveram 11 filhos. Terezinha Tomasini casou com Angelo Travi.

Pedro Tomasini casou com Lydia Nardom, tiveram 5 filhos. José Tomasini casou com Etelvina Baú, tiveram 7 filhos.

Todos os 10 filhos e filhas forma alfabetizados pela sua mãe Dorothea, pois não havia professores para todos os imigrantes. Além de alfabetizar foi a parteira de muitos dos seus netos e de centenas de outros familiares. Com o conhecimento de enfermagem, na Europa, preparava remédios caseiros e outros. A família se dedicou a agricultura até 1903, ocasião em que foi montada a primeira serraria por João Tomasini e de propriedade da família-7 irmãos.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : O Pai Vai Procurar Trabalho Fora da Agricultura

Categoria: Memórias

Descrição: Em 1984, o pai João, com 13 anos de idade pediu o consentimento da mãe para procurar emprego...

Em 1984, o pai João(meu avo), com 13 anos de idade pediu o consentimento da mãe para procurar emprego, pois não via futuro na agricultura. O emprego conseguido foi com um comerciante para trabalhar de madrinheiro ou puxador de tropas de mulas com cargueiros para transporte de mercadorias e produtos agrícolas, entre Bento Gonçalves e Montenegro. Certa ocasião, em uma das viagens, foi capturado por um contingente de revolucionários que lutavam contra Julio de Castilhos, quando da revolução de 1893.

A Revolução de 93 eclodiu em fevereiro, quando, na Capital da República - Rio de Janeiro. - houve mudanças de governo. O Marechal Deodoro da Fonseca foi substituído pelo Marechal Floriano Peixoto. Em consequência, todos os governadores das Províncias também, deviam ser substituídos. Julio de Castilhos governava na ocasião a Província do Rio Grande do Sul. Devia ser substituído pelo federalista Gaspar Silveira Martins.

Julio de Castilhos não concordou, preferiu enfrentar o governo, pois tinha sob seu comando o maior e bem armado contingente do exército. Preferiu a revolução, declarada em fevereiro de 1893 contra o Governo Federal.

Em todo o Estado, de norte a sul, principalmente na região de Passo Fundo houve movimentação de tropas. O General Francisco de Lima, comandando 3.500 homens Castilhistas para enfrentar as forças do Cel. Prestes Guimarães e Gumercindo Saraiva com 3.200 homens, na sua maioria vinda do centro do país. Juntou-se a esse um regular contingente de Federalistas para enfrentar as forças Castilhistas, recrutadas na região de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Veranópolis e Soledade, sob o comando de Luciano Decusatti, o do Coronel Chico Pedro. Os Federalistas marcharam em direção à Passo Fundo para combater os Castilhistas. Foi justamente, quando da passagem dessas tropas, que capturaram os tropeiros do comerciante, entre as quais estava o pai João Tomasini, que trabalhava como madrinheiro – madrinheiro é o que segue na ponta ou frente montado em um animal manso com um cincerro (sino) pendurado ao pescoço.

Como presa estratégica, tiveram que acompanhar o efetivo dos revolucionários. Passaram por Bento Gonçalves, Farias Lemos, atravessando o Rio das Antas para pernoitar em Pinhal Alto, município de Guaporé.

Lá descansaram, enquanto isso o pai aproveitou para visitar a serraria do Sr. Guilherme Heck, movida com roda d'água. O Sr. Guilherme notou sua curiosidade, acompanhou-o para explicar seu funcionamento. Respondeu-lhe, depois, que um dia gostaria de voltar para ali trabalhar.

As tropas descansadas prosseguiram sua marcha em direção de Soledade para juntar-se a outras em apoio às do Cel. Prestes Guimarães. Antes do Rio Jacui encontraram um pequeno foco de Castilhistas, os quais foram sumariamente eliminados por degolas. Não faziam prisioneiros.

Depois tomaram rumo a Passo Fundo para se encontrar com o grosso das tropas do Gumercindo Saraiva. Acamparam próximos do Tope de Três Passos, entre Ernestina e Marau. Como a noite era muito fria - junho - fizeram uma grande fogueira para se esquentar.

O pai tinha uma moeda de 500 réis que, de tanto manusea-la ficou lustrosa. O “Carrasco”, nas proximidades notou a moeda e sem lhe falar a tomou. Assustado e com medo, passou a noite quase sem dormir, pensando nas degolas. No dia seguinte, pela manhã. Foi comunicar o fato ao Comandante que, surpreso, lhe perguntou se havia reclamado. Respondeu que não porque ficou com medo. O Comandante lhe entregou outra com a recomendação de não mostra-la a ninguém.

No dia 6 de junho 1894 as forças do Cel. Prestes Guimarães, Luciano Decuzatti e Cel. Chico Pedro, tiveram um encarniçado combate com as forças Castilhistas sob o comando e comandados do Gal. Francisco de Lima, emboscados, recebendo fogo inclusive de canhão. Muitos tombaram mortos ou degolados.

Os Castilhistas recuaram para juntar-se com outras tropas em Passo Fundo. Na periferia de Passo Fundo houve, no dia 26 de junho, um grande combate no local conhecido por Pinheiro Torto, contra as tropas Castilhistas que, em número inferior recuaram para se juntar com o grosso das tropas, estrategicamente distribuídas entre capões e banhados, a menos de 3 km do povoado de Pulador. Lá a batalha foi decisiva, conhecida como a “Grande Batalha do Pulador”. As tropas de Gumercindo Saraiva e Prestes Guimarães, composta em sua maioria de cavalaria, marcharam em perseguição dos Castilhistas, quando foram emboscados com fogo cruzado de diversas armas, de canhões e fuzis, todos modernos. O capinzal dos banhados, que estava seco devido a geadas, foi incendiado, criando a maior confusão. Lutaram durante cinco horas. Terminada a munição de ambas as partes, partiram pela “arma branca”, espada e lanças. Por fim, esgotadas as energias físicas os federalistas de Gumercindo e Prestes, recuaram em direção ao Pinheiro Torto sem serem perseguidos. Tombaram mais de 500 homens e 1.000 feridos. No local dessa batalha, existem dois marcos de pedra, com inscrições comemorativas do acontecido erguidas em 1,900 por briosos passofundenses, para transmitir a posteridade o significado desse feito histórico.

Tomaram parte entre, os principais combatentes: Gal. Francisco de Lima Rodrigues, Cel. Gervásio de Lucas Annes, Cel. Firmino de Paula, Cel. Nascimento Vargas (pai do Getúlio Vargas), Cel. Pedro Lopes de Oliveira e outros todos Republicanos e Castilhistas. Entre os Federalistas Cel. Prestes Guimarães, Gumercindo Saraiva - Uruguaio - Luciano Decuzatti e o Cel. Chico Lopes.

Com o término da Revolução, no dia 27 do junho de 1894, o pai e os tropeiros regressaram pelo mesmo caminho. O pai continuou trabalhando para o comerciante por mais alguns meses, quando resolveu voltar para casa dos pais e ajuda-los na agricultura. Antes de completar 17 anos, manifestou a seus pais o desejo de voltar a Pinhal Alto para trabalhar na serraria do Guilherme Hack. Novamente teve o consentimento. Em Pinhal Alto, recebido e lembrado quando passou em 1894, foi admitido para trabalhar em serviços gerais. Aos domingos nada tinha para fazer ou para onde ir. Ele e um companheiro propuseram ao Sr. Guilherme para trabalhar, nos domingos, por empreitada derrubando pinheiros e toras prontas, ganhando nessas condições um extra. Aceita a proposta, ofereceu 200 reis por pinheiro. Durante 5 anos, desempenhou todas as funções até chegar a de serrador. Com mais de 22 anos voltou para casa em Sartorina, satisfeito pelo que aprendeu e entusiasmado para montar uma serraria nos mesmos moldes. Faltava-lhe dinheiro. Como era costume, aos domingos, ir a Bento Gonçalves assistir a missa, teve por companheiro o “Velho Baú”, avô da Tia Itelvina, ocasião em que lhe manifestou o desejo de montar uma serraria. Sabia que o velho Baú tinha dinheiro e por isso lhe pediu emprestado o suficiente para comprar a ferragem na Fundição Farina, em Bento Gonçalves. O Baú concordou, condicionando que, a garantia seria as terras da família mediante hipoteca. Como a sua mãe Dorothea, sempre com a última palavra para tomar decisões, concordou. A importância foi de 1.000\$000 - um conto de réis -. A ferragem foi encomendada e a construção da serraria, com a ajuda dos irmãos e carpinteiros, foi imediatamente montada e movimentada com roda d’água. Diversas rodas de madeira, dentadas com madeira de arçá e cabriúva formavam as engrenagens para aumentar a rotação dos volantes. A lubrificação era

composta de cera e sebo. Pronta e em pleno funcionamento alcançou a produção de 4 dúzias de taboas em 20 horas consecutivas. As taboas eram bitoladas com 3 cm x 33 x 6m60 para construção de moradias do tipo sobrado com aproveitamento do sótão. Como não havia estradas, as tábuas eram transportadas a cavalos ou burros até o local da construção e as curtas transportadas em lombo de burros com uma cangalha especial. Muitas dessas casas ainda existem na região, principalmente entre Bento Gonçalves e Farroupilha, pela estrada antiga e que passa pela linha São Pedro.

Texto extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Carlos- o irmão que conheceu o Brasil a bordo de um navio mercante

Categoria: Memórias

Descrição: 1 - CARLOS. O tio Carlos, o mais velho da família, casado com Letícia Simensi...

O tio Carlos, o mais velho da família, casado com Letícia Simensi, surpreendeu os irmãos, principalmente o pai João que estavam na serraria, dizendo-lhes que, como irmão mais velho da família a serraria passava a lhe pertencer. Vocês podem construir outra. O pai custou a acreditar da atitude. Foi então procurar a sua mãe Dorothea e informa-la da situação e atitude do Carlos. Ela pensou um pouco, analisando as consequências, lhe disse: “João, entre irmãos não se briga.” Construam outra melhor. Acatou respeitosamente o conselho, pediu aos demais irmãos o preparo da madeira necessária para a nova construção, desta vez em Alencastro, além do Rio Burati, aonde quem vai à Farroupilha ou 5 km de Sartorina. Desta vez mais aperfeiçoada e de produção maior.

Carlos, viúvo, trabalhou pouco mais de 6 meses quando vendeu a serraria. Com o dinheiro comprou um cavalo de sangue inglês e arreamento especial, todo guarnecido de prata. Não havia outro metal na época. Com dinheiro e o bom cavalo, empreendeu uma viagem até o Rio de Janeiro, que durou 5 meses. Lá chegando com o cavalo em péssimo estado e sem dinheiro procurou por um comprador de cavalo. Não foi difícil. O comprador fechou negócio, não pelo cavalo, mas pela prata do arreamento – aproximadamente 3 kg. Foi depois, até a Praça Mauá, zona portuária, puxando conversa com uns marinheiros, dizendo-lhes que era cozinheiro e gostaria de viajar de navio. O Comandante de um dos navios, informado, o admitiu. Depois, a bordo e o navio em movimento foi mandado para a cozinha. Constataram que não tinha nada de cozinheiro. Foi então mandado descascar batatas. Assim conseguiu viajar, escalando todos os portos nacionais até Manaus. Após 3 anos de viagens e aventuras, regressou. A família toda residia em Alencastro. Apresentou-se a sua mãe Dorothea, contando-lhe a sua aventura e viagem. Manifestou-lhe o desejo de voltar a trabalhar com seus irmãos. Dorothea o mandou

para se entender com seu irmão João que é o dirigente dos negócios da família. Apresentou-se com a maior naturalidade, cumprimentado com certa frieza. Contou-lhe da sua viagem e, em seguida lhe propôs a voltar a trabalhar com a família. O pai João ficou surpreso pela proposta. Avivou-lhe a memória de quando se apropriou da serraria. Em resposta lhe disse: “Como irmão te recebemos, mas, para trabalhar junto nunca mais.” Te daremos toda a madeira necessária para construíres a tua casa em qualquer lugar e menos próximo possível. A casa foi construída no lugar que tomou o nome de “Barracão”, cujo nome foi em função do estilo da casa de moradia. A casa – Barracão – construída há 100 anos ainda existe. Com a casa pronta contraiu o segundo casamento com Josefina Sonai. Todos os filhos do primeiro casamento foram morar no Barracão. Eulália e Clementina, filhas do primeiro casamento casaram em Garibaldi. O Júlio 3º filho, viveu sempre com os avós. Alberto ou Albertinho saiu de casa antes de completar 16 anos, vivendo na região de Montenegro e São Sebastião do Cai - aprendeu falar alemão -. A 5ª filha – a Ancila – foi morar com sua irmã Eulália, em Casca e lá casou com Victório Garbini. Dos 7 filhos do 2º casamento, o Adolpho, também saiu de casa antes de completar 16 anos. Viveu em Porto Alegre, Curitiba e Rio de Janeiro, como militar da Aeronáutica. Teve um acidente em Belém, quando o seu avião caiu sofrendo uma lesão no joelho direito, não podendo mais voar. O Carlos Tomasini continuou morando em Bento Gonçalves onde foi um político muito respeitado e lúcido. Foi Getulista passando depois para simpatizante de Ademar de Barros. Faleceu com 96 de idade.

Os outros seis irmãos, com a saída de Carlos, trabalharam com muitas dificuldades e unidos. Com a nova serraria ganharam dinheiro, antes e depois da Iª Grande Guerra Mundial de 1914, conseguindo comprar pinhais em Ilópolis e em Colorado com os Irmãos Guerra e Rizzardí, onde, antes tiveram uma serraria em parceria com o nome de Tomasini, Rizzardí & Guerra, sendo 50% para os Tomasini. A serraria movida com roda d’água trabalhou até 1921, quando foi instalado um locomovel Lanz de 15 hp.

Quando se mudaram de Sartorina para Alencastro, construíram casas provisórias, melhoradas em 1915. Em Alencastro, na casa provisória nasceram: Lucia, Idalina, Joana, Pedrinho e Armando. Na nova casa, ainda existente, porém agora reconstruída em alvenaria, nasceram: Luiz, Rosa, Maria, Alice, Julieta e o Arnaldo. Em Ilópolis: Norma e Ermes. Ainda, sobre a casa de Alencastro construída sobre alicerces da pedra e na parte baixa um porão, sendo um no lado da casa e outro um abaixo da cozinha. O debaixo da casa era a cantina para o vinho e o da cozinha, um porão, também para depósito de viveres.

Só o porão é da construção original. Proprietário atual ignorado.

Em 1923, antes de se mudarem para Ilópolis, venderam a serraria, e casas aos Irmãos Cavalet, conhecidos como “Fáfas”. A casa do pai João foi vendida a um primo do Bernardo Signor, com terras, instalações, arvoredo e um parreiral, ainda existente.

Há 25 anos passados, o Adolpho Tomasini foi visitar o pai, Carlos Tomasini, em Barracão, junto com seu primo Luiz. O Carlos era muito bom de conversa. Entre os diversos assuntos, após a as questões mais pessoais, predominou a conversa sobre a política e costumes dos seus vizinhos. Carlos declarou que não gostava de padres, pois, os consideravam homens iguais a ele, mas respeitava a fé das pessoas. Depois passou a contar a sua famosa viagem até Manaus, como tripulante de navio. Omitiu a viagem a cavalo até o Rio de Janeiro. Contou com ricos detalhes, principalmente sobre Manaus. O porto flutuante, a Alfândega, construída com pedras importadas da França, devidamente cortadas e numeradas de acordo com o projeto feito por arquitetos franceses e americanos; sobre o grande Teatro de Manaus, que considerava mais

opulento do que existia em Belém do Pará, também construída com pedras francesas. As pedras vinham de graça porque serviam do lastro para os navios navegarem com estabilidade. Não tinham mercadoria para transportar. Vinham buscar borracha e madeira.

Extraído das memórias e Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Teatro de Manaus

Categoria: Memórias

Descrição: Sobre o episódio de sua viagem até Manaus, tive oportunidade de conferir...

Sobre o episódio de sua viagem até Manaus, tive oportunidade de conferir "in loco", por ocasião de 3 viagens que fiz àquela cidade em 1982. Lá verifiquei que no porto flutuante - que devido à variação do nível do Rio Amazonas, de até 6 metros - foi feita uma plataforma com piso de madeira sobre grandes tambores. Conheci a construção da Alfândega e o grande Teatro. Tudo conferia com a descrição feita por Carlos, nos mínimos detalhes. Em resumo, a história sobre a personalidade do tio Carlos.

1 - CESÁRIO. O tio Cesário, segundo filho do Biaggio e Lúcia, era um grande trabalhador. Não foi, porém, muito feliz em seu casamento. O pai João, quando soube do namoro com Irene Donati o procurou, com muita cautela para não magoá-lo, pedindo para esquecer esse namoro, propondo-lhe em compensação que lhe daria o seu cavalo e dinheiro suficiente para se ausentar durante 6 meses e esquecer o namoro. Magoado, não aceitou. Terminou por casar e vivendo na casa dos pais. Com o nascimento de sobrinhos denominados por Irene de "ratazanas", achou que o trabalho do marido era, também, para sustenta-las. O Cesare achou melhor se mudar para Colorado (Boa Esperança), onde lá residiam os Damiani, e seus conhecidos, os Guerra. A Irene gostava muito de bailes "kerbs". Os filhos de Cesare, geneticamente puxaram pela mãe. Não queriam nada com o trabalho. Pouco tempo depois os irmãos Tomasini, em sociedade com os Guerra e o Rizzardi, instalaram a segunda serraria próxima da casa do Cesare. Para ajudar a família lhe entregaram um terno de bois e carroções para abastecer a serraria com toras de pinheiro. Os filhos pouco ajudavam. Já endividado e sem a colaboração dos filhos tratou de vender bois e carroções, se dedicando a trabalhar na agricultura. Seus irmãos sempre o ajudaram com dinheiro e forneceram madeira para construir uma nova casa. Ele era uma pessoa muito bondosa. Não se queixava das dificuldades e da pouca sorte com os filhos, principalmente homens, que não gostavam do trabalho. Em uma das viagens que fiz para levantar dados para a contabilidade das serrarias, encontrei-o a caminho para sua casa, quando lhe dei uma carona no automóvel. Durante o trajeto entre outros assuntos, desabafou dizendo: "Sobrinho, não preciso te explicar pelo que estou passando. Estou carregando uma pesada cruz e cheia de sofrimento". Comovido, lhe caíram as lágrimas.

Perguntei-lhe em que poderia ajuda-lo. Constrangido, pediu-me si podia emprestar-lhe algum dinheiro para comprar remédios. Achou muito quando lhe dei 200 cruzeiros (equivalente a 3,5 salários). Disse-lhe mais que, os seus irmãos recomendaram ao João Guerra, seu vizinho, a lhe entregar quanto dinheiro precisar e tudo por conta deles. O casal teve 13 filhos e Cesare faleceu aos 96 anos, quando já era viúvo.

2 - JOÃO. Dando sequencia, pela ordem dos filhos de Biaggio e Dorothea, caberia um espaço ao pai João. Esse trabalho é um memorial sobre a sua vivência e passado, do qual, ao longo dos meus anos sou testemunha. Como filho, desde minha adolescência, conheci-o com uma personalidade preocupada, responsável, de iniciativas próprias e sem egoísmo. Honrando princípios adquiridos e orientados pela sua mãe Dorothea, cujo lema era a união da Família.

3 - AUGUSTO. O tio Augusto, quarto filho de Biaggio e Dorothea, em toda a sua vivência teve predileção pela pecuária. Muito pouco ligado a parte industrial ou comercial da madeira. Auxiliava nas safras de erva-mate ou limpeza (roçadas) dos ervais. Sempre foi sócio igualitário com o João, tanto na Casa Comercial como na criação de animais em geral. Essa tendência por animais a teve ainda quando morava em Alencastro, continuando em Ilópolis, quando em 1915 foi para lá residir.

Quando em Ilópolis, os filhos do João, Armando e Luiz, tinham de chegar cedo à sua casa para avisar-lo que o pai desejava falar-lhe, pois cedo saia a cavalo para ver o gado. Recebia o recado muito contrariado, alegando compromissos a atender - em suas cavalgadas pelas Invernadas, as quais muitas vezes aos domingos. Relutava mas acabava atendendo. Esse hábito vinha de longos anos e para isso tinha um esquema montado: diariamente, bem cedo, um filho e uma filha se revezavam para uma missão definida. À filha cabia acender o fogo, esquentar a água para o chimarrão, cuia com erva, preparo de um grande bife e ovos para estalar. O Augusto aparecia devidamente trajado com botas e bombachas, sentava na cabeceira da mesa, servida com uma cuia e uma chaleira com 1,5 litros de água. Tornando seu chimarrão tranquilo enquanto a filha o observava para ver quando a chaleira estivesse com a ultima dose. Imediatamente estalava os ovos e o bife na chapa do fogão. Servia tudo acompanhado de um pão e um litro de vinho. Não sobrava nada. A missão do filho era tratar e dar o cavalo encilhado e amarrado a um pé de cinamomo. Tomava a seguir o cavalo e percorria as invernadas para regressar ao anoitecer. Assim, todos os dias com ou sem chuva. A Casa Comercial em sociedade com o pai foi fundada em 1919, com bom sortimento de fazenda, secos e molhados e até remédios. Era gerenciada por Frederico Magnanti e Olimpio Lucca. Em 1926 passou a ser gerenciada pelo Natal Bozzetto, Bernardo Signor e Joaquim Tomasini. Em 1937, sob a gerencia de Joaquim, com estoque muito reduzido, encerrou sua atividade, mantendo, porém, sociedade igualitária na criação de animais. O Augusto teve 11 filhos. Casou três vezes, viuvo duas e faleceu aos 74 anos em consequência de um derrame cerebral.

4 - BIAGGIO. O Tio Biaggio, quinto filho de Biaggio e Dorothea, sempre se destacou como assíduo trabalhador. Tinha grande predileção pela agricultura pomares e parreiras. No setor da madeira ou erva-mate sempre estava pronto para colaborar e comandar equipes. O parreiral com área de 3 hectares, pertencia aos 5 irmãos, mas era por ele administrado. Convocava seus irmãos e filhos, quando das fases da poda, sulfatagem, e vindima. A elaboração do vinho era na cantina do pai João. Tinha uma grande paixão no cultivo e trato do parreiral, como para degustar o bom vinho que se produzia. Gostava das caçadas de veados, armadilhas para pacas a caçar perdizes nos campos de Soledade. Era um bom atirador,

conseguindo um aproveitamento de 95 % dos tiros, em média, nas suas caçadas. Muito bom no tiro de revolver.

Ficou viúvo aos 70 anos de Pierina Bertuol. Faleceu aos 87 anos.

5 - PEDRO. O Pedro, sexto filho homem de Biaggio e Dorothea, casou após se mudar para Ilópolis com Lidia Nardon. Depois de casado passou a morar junto a serraria, a ele entregue para gerenciar - serraria de Tomasinl & Cia. - Como vivia reclamando que o locomóvel não prestava, mandou um recado ao seu irmão João, dizendo que não trabalharia mais na serraria porque o locomóvel não prestava. O pai João e o tio Biaggio foram examinar o locomóvel. Abriam a tampa inferior. Estava cheia de barro ressequido. Abriam a maior, superior também cheia de barro escorrendo. A serraria ficou parada dois meses, aguardando um produto da firma Bromberg para desmanchar o barro. Depois de limpa trabalhou com sobra de pressão.

A partir daquele dia e por um curto período trabalhou normalmente e sem problemas mecânicos. A serraria funcionava sem problemas mecânicos, pino novo e o locomóvel em perfeitas condições.

A partir daquele dia abandonou a serraria e foi morar em Ilópolis. Lá passava o dia aprendendo a tocar clarinete e a cortar cabelos e barbear. O Biaggio o convocava para ajudar nas lidas do parreiral, principalmente sulfatar.

Mandou dizer ao pai João que queria vender a sua parte e se mudar para Bento Gonçalves. Assim vivia insistindo com os demais irmãos, até que um dia o pai se reuniu, ao lado da casa e em baixo de uma árvore. Discutiram pausadamente durante 5 horas sem chegar a uma definição. Devem estar lembrados sobre o que aconteceu com o nosso irmão Carlos quando nos "confiscou" a serraria e recomendação do nossa mãe Dorothea de que, "entre irmãos não se briga". Aceitei respeitosa e resignadamente aquela recomendação, considerando o meu esforço para montar aquela serraria, que foi todo "água-abaixo". A partir daquele dia, todos devem estar lembrados, embora muito jovens, assumi a responsabilidade e direção de todos os negócios da família. Não será agora que iremos nos separar e dessa forma, enquanto estivermos vivos. Quero lembrar a vocês quando começamos a construção da nova serraria em Alencastro, tudo por minha iniciativa. Coube-me inclusive, assumir a administração e os negócios da "família" - cinco irmãos -, comprando pinheiros, terras e venda da madeira. Assim procedendo conseguimos comprar terras e pinhais em Ilópolis, Arvorezinha e Colorado e mais tarde em Santa. Catarina. "Foi dessa maneira que você, Pedro, conseguiu seu patrimônio, apesar da tua pouca contribuição para consegui-lo." Todos, apesar dos desabafos do João, ouviram silenciosamente. A reunião terminou tranquilamente, unidos na mesma sociedade.

O tio Pedro, a partir daquele dia providenciou a mudança para Bento Gonçalves e mais tarde para, Porto Alegre. Comparecia em Ilópolis somente para receber dinheiro das firmas em que era sócio.

A separação dos sócios (5 irmãos) foi em consequência da exaustão dos pinhais. As terras foram divididas proporcionalmente. O Tio Pedro, quando da divisão e negociação das terras se reservou, naturalmente para a sociedade, de todos os pinheiros com diâmetro acima de 40 cm, cabendo-lhe 1/8 ou em cada 8 um pinheiro. Todos foram serrados e a madeira dividida. Até hoje acontece o ridículo: reivindica que, lhe cabem, todos os pinheiros, hoje, com diâmetro superior aos 40 cm. Os de 39 ou a menos cresceram, muitos hoje com mais de 50 cm. Alega que são todos seus. O casal ainda vive. Ele deve estar com 96 anos. Tiveram 5 filhos e um falecido com menos de 30 dias.

6 - JOSÉ. O tio José, caçula da família, e único a prestar serviço militar em Santa Maria. Foi sempre bom parceiro do pai no desempenho de serviços em todos os setores das firmas e muitas vezes acompanhou na resolução de negócios. Tinha fama de bom atirador de revólver. Em 1933, quando da revolução contra o Cel. Flores da Cunha, revolucionário, passaram por Ilópolis um contingente dos 500 soldados, entre cavalaria e motorizada, que após uma marcha forçada de 20 horas, pararam para um breve descanso e se alimentar.

O pai providenciou por dois bois que não serviam mais para o trabalho com carroças e arrasto de toras, mandou amarra-los no pé de eucalipto existente na praça. Quando chegaram, muitos foram à procura de animais e alimentos. Quando chegaram à praça foram diretos aos bois, abatendo-os. Nem tinha terminado de morrer tiravam pedaços do carne para assar em fogo de palha, espetados em sarrafos:

Durante o descanso de 3 a 4 h das tropas, um Tenente sabendo a existência de Tomasini no local, quando ocasionalmente se encontrava próximo do José, e, ao reconhecê-lo perguntou se atirava bem de revólver. O José ficou meio assustado com a pergunta, mas a fisionomia não lhe era estranha. Ao se identificarem abraçaram-se.

Ato contínuo, o José foi desafiado para atirar como faziam no quartel, atirando por dentro do gargalo de um litro e lhe tirar o fundo sem quebrá-lo. O desafio foi aceito. O primeiro a atirar foi o Tenente numa distância dos 15 metros e o litro foi quebrado. O José com O seu 38 SW, cano longo (S W - era considerado o melhor revólver na época), na mesma distância, deu o tiro e o litro não se mexeu. O Tenente deu um pulo e disse: "você errou". O José pediu para o Tenente buscar o litro para verificar. Estava sem o fundo. Mais uma vez se abraçaram alegremente, depois de muito tempo decorrido.

O José não gozava da boa saúde, como os demais irmãos. Casado com Itelvina Baú - ainda viva - tiveram 7 filhos e faleceu aos 78 anos.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A Mudança dos Tomasini de Alencastro para Ilópolis

Categoria: Memórias

Descrição: Foi em 1923, após venderem a serraria, terras e algumas casas...

Foi em 1923, após venderem a serraria, terras e algumas casas aos Irmãos Cavalet – Féfes. A mudança com todos os pertences de quatro casais e filhos, mais Pedro e Julio totalizando vinte e seis pessoas. A caravana composta de quatro grandes carroças com carroçarias de 5,50 metros e altura 1,20 m. Três carregadas com pertences e uma com os filhos. Nas três carroças foram adaptados caixotes no formato da carroçaria, todas puxadas com ternos de mulas, sete para cada

carroça. Muitos viajaram a cavalo e os avós viajaram em uma carruagem de 4 rodas, com toldo, molejamento especial, conduzida e puxada por dois cavalos brancos. O condutor era o proprietário da carruagem.

A partida foi na primeira hora da tarde, chegando ao anoitecer em Bento Gonçalves, pernoitando na grande casa de um primo da esposa do pai João, Benigno Perizolo, com um grande salão. No dia seguinte a caravana seguiu por Faria Lemos, descendo o morro para atravessar o Rio das Antas, subindo a encosta para descansar em Pinhal Alto. Após breve descanso, a descida da serra para pernoitar em Mussum. No dia seguinte a viagem continuou margeando o Rio Zeferino para subir a serra, trajeto mais difícil e conhecido por “Morro do Zeferino”. Todos tiveram que desembarcar para aliviar a carga e os que podiam ajudavam a empurrar as carroças em várias etapas para um breve descanso dos animais. Às 9 horas da noite a caravana chegou a Borgueto, próximo de Anta Gorda, onde havia um animado baile no salão do único hotel e previsto para o pernoite. Houve muitos protestos e compreensões. Foram se retirando quando viram o numero de gente e colchões se espalhando no chão.

No dia seguinte, a última etapa para chegar à Ilópolis, pelas quatro horas da tarde. A caravana foi recebida com muita festa e foguetório, pelos pioneiros, entre os quais estavam: José e Alberto Bozzetto, Augusto Tomasini (havia se mudado para Ilópolis em 1915), Luiz Bresolin, Leopoldo Spezia, Antônio, Victori e Garibaldi Bertuol, Olimpio Lucca, Frederico Magnanti, Natal e Ângelo Bozzetto, Oscar e Dante Spezia e Joaquim Tomasini. Ilópolis era, na ocasião, um pequeno povoado de uma só rua. Assim mesmo com relativa estrutura. Havia um hotel, uma casa comercial, uma ferraria, uma marcenaria, uma serraria, uma cervejaria, uma escola municipal, um pequeno curtume artesanal, para preparo de arreamento de montaria e carroceiros, de propriedade de Guilherme Telo, e uma pequena igreja de madeira. Tinha um pouco mais de quinze casas Na única rua, quando chovia, o barro chegava às canelas. Para passar armaram pranchões para servir de calçadas. A casa do pai João era de duas águas e coberta de taboinhas, com três quartos e uma grande cozinha, a do tio Biaggio era maior e abrigava duas famílias e os avós Biaggio e Dorothea.

Em 1929 todos construíram novas casas e confortáveis de estilo, As ainda existentes são as que eram do tio Biaggio e do Alberto Bozzetto. Todas elas com um grande porão de pedra. As casas do pai e do tio José foram mais tarde demolidas e reconstruídas em alvenaria. A do pai, antes, foi vendida para as freiras do hospital. Foi a vontade do pai, um gesto de gratidão pelo atendimento durante a enfermidade que o vitimou. Todos os filhos concordaram.

Extraído das memórias de Luiz

Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A Erva-mate

Categoria: Memorias

Descrição: Os primeiros habitantes eram descendentes de índios, provavelmente do grupo Guarani...

Os primeiros habitantes da região de Ilópolis eram descendentes de índios, provavelmente do grupo Guarani. Os únicos e proprietários de extensas áreas de terra havidas do Governo Imperial pertenciam às famílias Gomes e Mello. Numerosas outras habitavam na região, tais como: Manoel Gélo, Solidário Batista, Manoel Braga Viuva Júlia, Viuva Joana, e descendentes do casal conhecido por “Cristóvão Colombo”, falecidos no mesmo dia com aproximadamente 100 anos de idade e muitos outros. Esses primeiros habitantes, provavelmente herdaram o hábito do chimarrão dos Guaranyes.

O preparo da erva-mate consistia em apanhar, dos extensos ervais, um feixe de galhos, pesando aproximadamente quatro quilos, atado com cipós, e após levado sobre o fogo na altura de um metro cujo fogo servia, também, para o preparo da comida e esquentar água. Quatro dias depois a erva estava seca e em condições para ser levada ao “Pilão” para socar até o ponto para o chimarrão. Eles não conheciam o sistema que utilizava o “Barbaquá”, que foi construído pelos anos de 1916 pelos primeiros habitantes e fundadores de Ilópolis, conhecedores do sistema.

Os primeiros colonizadores que chegaram a região, conhecendo o grande potencial dos ervais, nativos, começaram a extração de forma rudimentar e artesanal. Os “barbaquás” eram pequenos com área da secagem de 3 x 3 metros na forma do alçapão feito com varas do mato. Para secar, o calor era conduzido por um conduto subterrâneo com pouco mais de 10 metros.

A erva era colhida por 4 a 6 tarefeiros. Antes do desgalhe preparavam lenha e a construção de um para-peito feito com roliços de madeira sobrepostos para se protegerem do calor. A erva colhida passava pelo processo de “sapeco” que consistia em: era feito um fogo com labaredas de um metro de altura, aproximadamente, levando, de cada vez um feixe de três a quatro ramos erva-mate para fazer a primeira secagem impedindo o início do processo de fermentação, deixando-a verde, caso contrário ficaria escura e sem valor comercial.

Terminado o sapeco, ainda no local da colheita, a erva era preparada para ser transportada ao setor de industrialização. Eram montados “gabaritos” no solo com estacas distantes de 60 cm x 1,40 m e em seguida formavam uma rede de taquaras lascadas, onde colocavam a erva-mate sapecada, desgalhando os ramos deixando somente aqueles com grossura de até um centímetro. Quando o volume estava completo amarravam o mesmo com as taquaras previamente preparadas, formando assim o que era conhecido como “raido”. Ainda hoje esse sistema de “raido” é utilizado para o transporte da erva-mate colhida dentro dos ervais. Foi eliminado somente o sapeco devido ao rápido transporte até a secagem já dentro da indústria.

Para transportar a erva-mate até o barbaquá, muitas vezes transportadas nas costas, utilizavam a barrigueira do arreio dos cavalos, com a parte larga colocada para ser envolta na testa, caminhando lentamente, com o peso de até 80 quilos e a levavam até o barbaquá. A erva, quando sapecada, podia ficar depositada dois a três dias ao galpão para secar.

Os tarefeiros tinham a obrigação de, quando seca a erva, de cancheá-la no chão batido. Depois enchiam balaies de taquara e revestidos com folhas das mesmas, secas, para evitar a umidade. A erva, assim pronta, era transportada em cargueiros com mulas até o mercado consumidor, geralmente o de Soledade.

Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Ouriço em Ilópolis (Modernização no Cancheamento da erva mate)

Categoria: Memórias

Descrição: Em 1927 a erva passou a ser sapecada nos próprios barbaquás...

Em 1927 a erva passou a ser sapecada nos próprios barbaquás, mais amplos e assoalhados com taboas. A sapecadeira era um tubo cilíndrico de chapa de ferro com 70 cm de diâmetro por 3,50 m, amontoado sobre um leito inclinado, tocado a manivela e abastecida com pequenos feixes. O fogo devia ser mantido permanentemente, com o cuidado de não produzir muitos labaredas para evitar a queima das folhas. A máquina, para permitir a entrada do fogo, era toda vazada com furos de 2,5 cm. Toda a erva colhida no dia tinha que ser sapecada, não podia sobrar para o dia seguinte, pois, depositada, sem o sapeco, fermentava e preteava as folhas, não servindo e tinha que ser retirada e jogada fora.

No ano 1934 a produção entre as três firmas: Bozzetto & Cia. Tomasini & Cia. e Irmãos Tomasini alcançou mais de 60.000 arrobas: Grande parte industrializada em um soque ou monjolo montado junto à fábrica de caixas e aplainados e movida por um locomóvel.

Em 1935, o monjolo foi montado junto com o nhoque (armazém) e movido com motores elétricos. Com a ampliação da produção, houve também o aumento de tarefeiros, muitos vindos da região de Soledade, superando 100 homens, além dos inúmeros familiares, voluntários, ganhando por tarefa. Eu e o Armando, com uma carroça puxada por uma junta de bois pesada, e os filhos do tio Augusto com uma carroça puxada com mulas, recolhíamos toda a erva dos barbaquás, sendo antes anotado em caderneta de cada um o peso da sua erva produzida.

Quando das safras, nos meses de maio a setembro, as serrarias paravam e seus empregados eram aproveitados em vários setores. O pai, durante as safras teve sempre destacados setores no desempenho das safras, do mato até a erva pronta e estocada. José Bozzetto supervisionava a produção e o Alberto Bozzetto auxiliava na parte mecânica e manutenção. Eu e o Armando, junto com o pai, em pleno inverno e fortes geadas, com auxílio de uma pequena escada subíamos nas erveiras para o desgálhe, destocando os troncos condenados a secar, processo esse que resultava na recuperação da erva.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A Comercialização da Erva-mate

Categoria: Memórias

Descrição: A partir do 1926/27, aos poucos, a erva-mate passou a ser comercializada em Soledade...

A partir do 1926/27, aos poucos, a erva-mate passou a ser comercializada em Soledade, tendo como principal comprador e intermediário o Agenor Chaise, pai do político Sereno Chaise em Porto Alegre. Com a melhoria das estradas passou a ser vendida em Passo Fundo. O transporte era por carroças com capacidade dos 3.500 quilos e puxadas por cinco juntas de bois, em comboio de seis, de propriedade de Gregório Trilha e um seu irmão. Em Passo Fundo, inicialmente, os compradores foram Max Ávila e Oribes Marques. Mais tarde, com o surgimento da Empresa Riograndense do Mate, administrada por Victor Isler, Arthur Langaro e Manoel de Araújo, passou a ser exclusiva compradora e pontual nos pagamentos.

Agenor Chaise e Oribes Marques ficaram devendo a quantia de 55:834\$300 (cinquenta e cinco contos oitocentos trinta e quatro mil e trezentos réis)- dinheiro da época, sendo a porte do Agenor Chaise 17:000\$000, cujo valor constava em C/Corrente e do Oribes representado por 3 Notas promissórias vencíveis em 10/01/34, 10/07/34 e 10/10/34, - estão em poder do Luiz Tomasini -. O total do débito entre os dois representava na ocasião, 1.800 bois, cujo preço estava entre 30 a 35\$000 a cabeça. O Agenor para amortizar seu debito entregou em duas ocasiões 90 cabeças entre bois e vacas.

A Empresa Riograndense do Mate em 1929 foi transferida a Porto Alegre e ampliada para exportação, com instalação de maquinário adequado. Depois de bem instalados, conseguiram sensibilizar e convencer as autoridades de então a monopolizar o ramo da erva com exclusividade, tanto para exportação como no comércio regional. As 3 firmas de Ilópolis, como outras, não podiam comercializar sua erva na região do Alto Taquari a não ser pagando uma taxa do 2\$5000 (dois mil e quinhentos réis) por arroba à Empresa Riograndense do Mate. Como a produção era grande, tiveram que se associar. Podiam, porém vender livre de taxas somente dentro do município de Encantado.

Seis anos depois os preços do Alto Taquari se tornaram competitivos e rentáveis aos da Empresa Riograndense. Reunidos os sócios das 3 firmas, examinaram as condições para se retirarem da Empresa e a liberdade de comercialização, embora os Estatutos da mesma condicionasse a perda do Fundo da Erva a que tinham direito, no valor de 200:000\$000 (duzentos contos de réis), muito dinheiro em 1934.

Várias ervateiras seguiram o exemplo, muitos da região de Guaporé, Venâncio Ayres, Palmeira e Erechim. Antes da debandada de ervateiros, a empresa com um grupo de sócios fundaram a Siderúrgica Rio-grandense, que por incompetência e má administração acabou por ser vendida ao Grupo Gerdau.

Com o enfraquecimento e a retirada de alguns fundadores, entre os quais, Arthur Langaro e Manoel Bastos de Araújo, os poucos que sobraram, partiram para o ramo da madeira, tendo como principal sócio José Lahorge, junto com Victor Isler.

Em Porto Alegre montaram uma fábrica para aproveitamento e beneficiamento da madeira para exportação. Victor Isler entrou na política, se elegendo Deputado Federal, representando a classe madeireira no Capital, Rio de Janeiro. Parava no Hotel Copacabana e em Porto Alegre tinha um palacete. O filho, único homem, todos os anos passava o carnaval no Rio e fazia viagens ao exterior. Resultado: o Deputado gastava muito, sendo necessárias remesses contínuas de dinheiro.

Depois de 41 anos a Empresa Riograndense do Mate e a madeireira que alguns sócios haviam criado, deixaram de existir e assumidas pela Gaúcha Madeireira, credora por empréstimos de dinheiro e madeira.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Como e quem Administrava as três Firmas de Ilópolis

Categoria: Memórias

Descrição: A Firma Bozzetto & Cia. sempre foi administrada pelo Triunvirato...

A Firma Bozzetto & Cia. sempre foi administrada pelo Triunvirato composto por José Bozzetto, que atuava no setor burocrático e contábil; por João Tomasini, no setor comercial e industrial; e por Alberto Bozzetto no setor de manutenção e mecânica com a supervisão do pai. Augusto e Leopoldo Spezia, sócios, não interferiam na administração. As reuniões aconteciam ocasionalmente para resolver os pequenos problemas. Não havia balanços contábeis, valendo, porém os saldos devedores dos fregueses e o saldo em Caixa. Os livros eram um C/Correntes e um Borrador. Quanto ao dinheiro valia o montante em cofre, provavelmente, acima de tudo, a mútua confiança.

O Natal F. Bozzetto foi estudar em Lajeado. Após três anos cursou o “Técnico de Contabilidade”. Voltou com muito entusiasmo para assumir a contabilidade, comprando livros necessários. No escritório, seu pai José perguntou: “Para que todos esses livros?” O Natal foi explicando a finalidade de cada um. O José lhe respondeu que não entendia porque de tantos livros, se com um Borrador e um C/Corrente são suficientes. O meu sistema eu entendo perfeitamente e este é muito complicado. Prefiro o meu sistema. Não deixou o Natal tomar conta do escritório. Com a melhoria das estradas e aumentos dos negócios foram se acumulando créditos em C/Correntes a cobrar, alguns com mais de 10 anos, principalmente da zona colonial.

Em 1935 contrataram um contabilista de Porto Alegre e conhecido do Sr. José, Sr. Francisco Locatelli, para introduzir a verdadeira contabilidade, a pretendida pelo Natal. Francisco, contratado, mandou imprimir formulários diversos entre as quais faturas e duplicatas. Emitiu a cada um dos devedores duplicatas selada acompanhada da fatura. Os devedores quando receberam assustados por causa dos selos, vieram em seguida pagar. Assim, mais de 95 % das contas antigas foram pagas em 30 dias.

As firmas Tomasini & Irmãos, desde 1903, em Sartorina e depois Alencastro, e em 1923, a Tomasini & Cia, em Ilópolis, sempre foram administradas pelo pai, comprando terras e pinhais e sua comercialização em Porto Alegre, cuja madeira seguia por balsa pelo Rio das Antas junto com a de Bozzetto & Cia. Na indústria e comercialização da erva mate foi sempre administrada pelo pai, com grande colaboração de seus irmãos Biaggio e José..

Extraído das memórias de Luiz

Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A Serraria de Ilópolis

Categoria: Memórias

Descrição: Foi em 1923/24 que conheci a primeira serraria montada em Ilópolis...

Foi em 1923/24 que conheci a primeira serraria montada em Ilópolis e localizada nas terras de Izidro Gomes. Havia, no local, ainda madeiramento do galpão, e onde estava montada a roda d'água. A serraria foi instalada por Alberto Bozzetto e Jose Bozzetto pelos anos de 1917. Em 1918 foi transferida para Ilópolis para aproveitar os pinheiros derrubados por um vendaval, cujos pinheiros e serraria pertenciam à nova sociedade, com a entrada dos sócios José e Augusto Tomasini, cuja parte foi comprada de João Damiani, fundando assim a firma Bozzetto & Cia. Na serraria foi instalado um locomóvel Lanz de 13 HP, comprado da firma Bromberg & Cia. e desembarcado no porto de Rio Grande e transportado por via ferroviária até Pulador, próximo de Passo Fundo. João Ferri, de Arvorezinha, foi buscá-la com cinco juntas de bois, rodando. A viagem durou seis meses. Enfrentando chuvas, rios cheios e abrindo estradas de todas as formas até chegar próximo de Arvorezinha, quando foram impedidos por Pacífico Vieira de passar por suas 12 colônias de terras, cujo local era considerado único para passar. Não houve propostas para permitir a passagem. Durante 30 dias de vai e vem de Ilópolis para consultar. A solução foi comprar as terras. Essa área, posteriormente foi permutada por 60 alqueires com o Sr. Pastori que tinha em Ilópolis e posteriormente vendida aos Irmãos Tomasini.

Em 1927 essa serraria foi mudada para uma área, hoje coberta pelo lago formado do açude, sendo serrador o Ângelo Cavalini. Em Ilópolis foi instalada outra locomóvel Lanz de 18 HP

para movimentar a fábrica de caixas e aplainados e um anexo para um monjolo de erva-mate. Em 1930 foi instalado um gerador para luz elétrica para iluminação do povoado.

Trabalhava ao clarear até as 11,00 h da noite. A fábrica produzia aplainados para construção e caixas para frigoríficos Costi e Orlandini de Roca Sales.

Toda a produção de madeira ou erva-mate era puxada por carroça com 8 animais. A carga máxima era de oito dúzias de taboas ou aproximadamente 3.000 quilos. As estradas eram péssimas e tinham que passar por Anta Gorda para ir até o Rio Zeferino, lá depositadas para embalhar quando das enchentes. A erva-mate transportada, inicialmente por um caminhãozinho Ford 1929 com capacidade de 1.000 quilos, passando também por Anta Gorda, seguindo, seguindo, depois por barcos pela zona do Alto Taquari. Em 1928/29, por iniciativa da firma Bozzetto & Cia. e a colaboração da Tomasini & Cia., construíram a estrada da Cordilheira – sob protesto dos moradores de Anta Gorda. Custou 57:000\$000 (cinquenta e sete contos de réis) valor esse ressarcido pela Prefeitura de Encantado 15 anos depois, sendo parte compensada por impostos.

Extraído das memórias de Luiz

Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A Construção da Ponte sobre o Rio Jacaré

Categoria: Memórias

Descrição: Com a abertura da Estrada da Cordilheira melhorou o transporte em geral...

Com a abertura da Estrada da Cordilheira melhorou o transporte em geral, sendo possível melhorar a carga com o Ford 1929, o qual tinha uma cabine larga, construída de madeira, para acomodar mais três passageiros. Em 1933 compraram outro caminhão, Ford V-8 ano 1933, tendo também construída uma cabine larga para acomodar mais três passageiros. Carregava 3.500 quilos de erva-mate. Em 1929 compraram um automóvel Fiat 501 para viagens a Passo Fundo, Bento Gonçalves, e outras localidades. Em 1931, em transação com erva-mate compraram um auto Chevrolet 1930 para os mesmos fins. Os motoristas eram o Alberto e o Natal Bozzetto. Devido às condições das estradas, somente viajavam com tempo bom.

Na estrada que levava a Encantado, logo na descida do morro da Guabiroba, a passagem do Rio Jacaré era na localidade do Buffon, margeando sempre o lado direito. Quando chovia o rio não dava passo.

O Intendente de então, Augusto Pretto, encomendou uma ponte metálica da Alemanha, a qual devia como foi, montada a dois quilômetros adiante do Buffon. Antes, os engenheiros alemães

vieram escolher o local para ser montada, entregando à Prefeitura o projeto da construção das duas cabeceiras de concreto.

A ponte, desmontada, chegou em 1934, acompanhada do Engenheiro responsável pela montagem. A previsão constava do projeto, de quatorze meses para ser montada.

O Intendente, Augusto Pretto, achou exagerado o prazo estabelecido pelo engenheiro. Convidou, por telefone, o pai João para avaliar e examinar a possibilidade de assumir, com uma equipe de sua confiança, enfim, auxiliar o Engenheiro.

No projeto, devido à profundidade do rio, constava oito meses para montar os andaimes, devido a constantes cheias do rio e mais seis meses para armar a ponte. O pai aceitou a missão. Providenciou uma equipe de competentes braçais, carpinteiros e ferreiros, totalizando trinta e quatro homens. Sem perda de tempo construíram um grande galpão para alojar a equipe. Tudo pronto e instalado providenciaram a madeira serrada e varas de eucaliptos com até quinze metros. Em seis dias os andaimes estavam prontos e em condições de atravessar o rio sobre eles.

O Engenheiro ficou surpreso pela rapidez, começou então a montagem das primeiras peças metálicas, num total de três ao bloco de concreto. As peças eram todas numeradas com letras e números.

Após montadas essas peças o Engenheiro informou ao pai que ia até Estrela a convite da colônia alemã para assistir um Kerbs. O acampamento dele ficava do outro lado do rio. Antes de sair disse ao pai para aguardar sua volta para continuar a montagem.

Inconformado o João, no dia seguinte, convidou o Garibaldi Bertuol para acompanhá-lo até o acampamento do Engenheiro, não se esquecendo de levar algumas ferramentas. Localizaram um baú fechado com cadeado e dentro todas as plantas da ponte. Foi fácil. Retiraram os pinos das dobradiças e, todas as plantas. Todas as peças metálicas estavam depositadas na margem esquerda do rio. Uma após outra, seguindo a ordem da numeração e letras, montaram as restantes.

Cinco dias depois voltou e, quando, no automóvel da Prefeitura chegou, desceu 50 metros antes do seu acampamento e foi até a ponte. Todos os trinta e quatro homens estavam nos remates. Dirigiu-se para o pai, que também estava com um martelo batendo rebites com 25 mm de grossura, retirados da forja, o engenheiro lhe reclamou que os rebites não estavam com as cabeças arredondadas. O João o encarou, apanhou um martelo e o entregou, dizendo-lhe para bater como os demais para arredondá-los. Não se intimidou. Ficou ao lado do pai João batendo os rebites. No fim reconheceu a equipe e sua capacidade.

Em vez de quatorze meses ficou pronta em quatorze dias. Ficou seu amigo, lhe entregou uma sua fotografia com dedicatória.

Eu e o Armando, como vínhamos fazendo, durante a construção da estrada da “cordilheira”, com um cavalo cada um, carregados com quatro sacos de pão, feitos pela mãe Margarida, e pelas irmãs Idalina e Joana, durante dois dias. No dia seguinte, antes de clarear o dia, a cavalo vínhamos de Ilópolis, com os quatro sacos de pão, para na tarde entregar no acampamento.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A Estrada da Cordilheira

Categoria: Memórias

Descrição: Foi iniciada 1928/29, desviando Anta Gorda e construída em uma cordilheira dos morros...

A construção da estrada da Cordilheira foi iniciada 1928/29, desviando Anta Gorda e construída em uma cordilheira dos morros, tomando, por isso, o nome de Cordilheira. A população do Anta Gorda reagiu contra, ainda quando da projeção. Não adiantou, pois estava projetado pelo Intendente Antonio De Conto. Ao começar as escavações, os colonos e ali vizinhos, devidamente instruídos, pelo Sub-Intendente, Leolino Fava, armados de espingardas e foices postados, sobre o barranco, ameaçando a todos, prometendo atirar em quem desse mais uma picaretada.

Leolino Fava residia em Anta Gorda, e tinha interesse em não permitir a abertura da estrada. O pai, administrando os trabalhos, mandou parar os serviços. No dia seguinte foi até Encantado levar a conhecimento do Intendente. Leonel Fava, pai de Leolino era o Delegado do município. Recebeu ordem do Intendente para recolher todo o armamento disponível para os praças (policiais) irem até onde estavam começando a abertura da Cordilheira. Leonel respondeu que não precisava, mandaria uma ordem ao seu filho Leolino.

Todos os colonos foram retirados recomeçando os trabalhos. Quando chegaram à divisa da propriedade de um polaco, que também fazia parte do grupo de colonos, este apareceu com o seu “bacamarte” com calibre maior de uma 12, carregado pela boca e com metais /braçadeiras; como anteriormente, postou-se sobre o barranco das escavações, prometendo atirar no primeiro a fincar picareta na terra. O pai notou que falava sério, mandando o pessoal se retirar e como ia caindo à tarde recolheram-se ao acampamento.

O BACAMARTE

No dia seguinte, bem cedo, o Joaquim Tomasini, sem nada dizer, Foi até a casa do Polaco, que, desconfiado, lhe perguntou o que é que queria. O Joaquim, com muita calma, lhe respondeu que gostaria ver a sua espingarda porque nunca tinha visto igual. Sempre desconfiado, terminou por mostrá-la, dizendo-lhe que foi trazida pelo seu pai da Polônia. Perguntou se interessava vende-la oferecendo 200\$000 (duzentos mil réis). Era muito dinheiro, representava, na ocasião, seis salários para qualquer trabalhador. Não ganhava isso em um ano. Não resistiu, fechando negócio. Em seguida voltou ao acampamento com o “canhão” na mão e dizendo: pessoal, podem voltar ao trabalho, o Polaco está desarmado.

O Joaquim tinha grande disposição para qualquer trabalho. Acompanhou até o fim da abertura da Cordilheira, sempre de cozinheiro. Nas horas vagas partia para a picareta. Ainda, quando foi

começada a estrada, pediu ao João para lhe reservar um trecho próximo do acampamento, para ele escavar. O terreno era quase pura terra. Enquanto o feijão ia cozinhando, com uma picareta nova e com uma ponta de 20 cm de comprimento que, dotado da muita força, fincava-a até o cabo removendo torrões. Cada vez que fincava bradava em voz alta: “varda come se fa laorar) (veja como se trabalha). Repetia a frase cada vez que fincava a picareta. A turma, cinquenta metros longe, se limitavam a rir, continuando cada um o seu trabalho.

Em dado momento parou de gritar. Um dos operários voltou-se para olhar o porquê parou de bradar. O Joaquim estava deitado. Diversos foram ver o que tinha acontecido: estava com a ponta da picareta fincada no pé esquerdo atravessando a bota uns 10 cm. O pai tentou puxar a picareta por duas vezes. Mandou segurá-lo, tentando mais uma vez. O Joaquim gemendo de dor. O pai, então, para poder arrancar a picareta fincada sola da bota girou-a de um lado a outro conseguindo, assim, puxa-la. Em seguida, foi levado a cavalo à Ilópolis para ser medicado pela vovó Dorothea, aplicando o seu famoso remédio. Oito dias depois estava de volta, apoiado em uma muleta, assumindo como antes as funções de cozinheiro.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A Implantação de Telefones, Iluminação nas Residências, Telefones e Melhorias Implantadas em Ilópolis

Categoria: Memórias

Descrição: Em 1928 foi instalado o primeiro telefone municipal...

Em 1928 foi instalado o primeiro telefone municipal em Ilópolis. Os aparelhos eram presos às paredes e tocados a manivela. O fone era separado e devia-se aproximar a uma corneta para falar. Era precário e mal se ouvia.

Antes de 1930 a iluminação nas residências era com espermacetes, lamparinas a querosene com pavio e a mais moderna era a de acetileno, por último surgiu o lampião, também a querosene, a pressão igual ao sistema dos fogareiros. A luz era equivalente a uma lâmpada 500 Wats. Nas noites de bailes era pendurado no centro do salão.

O lampião mais antigo era quadrado, com quatro vidros para proteção do vento, e no centro uma lamparina a querosene com pavio. Servia para sair de noite.

O Bernardo Signor, em 1926, apresentou a primeira lanterna com pilha, como as atuais.

Em 1927 Ilópolis teve seu primeiro automóvel, um Ford 1926, de propriedade de Frederico Manganti, gerente da casa comercial do pai e do tio Augusto.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Alguns Desastres (Incêndios) Ocorridos em Instalações das Indústrias Locais

Categoria: Memórias

Descrição: Em 1929 incendiou a primeira fábrica de caixas e aplainados...

Em 1929 incendiou a primeira fábrica de caixas e aplainados, causado por fagulhas da chaminé. Foi de noite. Em seguida construíram outra com maquinário novo mais amplo e equipada com um gerador de energia elétrica.

Em 1942, quando da 2ª Guerra foi novamente incendiada. Um ato criminoso. Naquele tempo, todos os da origem Italiana ou alemã da região eram considerados 5º coluna. Passou na ocasião por Ilópolis, um desconhecido que teve contatos com o Subprefeito Arnobio Brunet Prates – interventor e delegado – foi visto rondando a fábrica. De noite, pelas 2 horas, a fábrica incendiou e o estranho sumiu. Os prejuízos foram totais. Devido a constante produção de madeira foi novamente reconstruída, desta vez de alvenaria e instalada um locomóvel Wolff de 45 HP, para movimentar outro gerador de energia elétrica. A construção ainda existe, tendo sido vendida aos Irmãos Predebon.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A Implantação de uma Usina Hidroelétrica

Categoria: Memórias

Descrição: Em 1946 foi inaugurada a Usina Hidroelétrica com um gerador de 400 KWA...

Em 1946 foi inaugurada a Usina Hidroelétrica com um gerador de 400 KWA, movido com turbina da fabrica Wirtz, de Estrela. Foi fundado por um grupo de Ilópolis, entre os quais muitos herdeiros das famílias Bozzetto e Tomasini. A empresa gestora da usina levou o nome de “Força e Luz Ilópolis Ltda.”.

Uma grande barragem foi construída – a atual –, sob orientação e administração, do pai, sendo auxiliado pelo Natal Bozzetto e o Bernardo no levantamento topográfico e o Alberto Bozzetto no preparo da madeira (os canos eram de madeira, com diâmetro aproximado de 60 cm) para o encanamento da água até o “castelo” – funciona como uma caixa d’água antes do início da queda –, ponto mais elevado e de onde, por canos do ferro, em queda até a turbina. Os pedreiros que prepararam as pedras foram orientados pelo mestre João Merlin.

A Usina funcionava com sobra de energia, chegando abastecer Encantado através de uma rede existente de Putinga. Posteriormente, Encantado passou a receber energia da CEEE – Cia. Estadual de Energia Elétrica. A sobra foi utilizada para reforçar um grupo gerador de Arvorezinha. Assim funcionou a Força e Luz, quando por repetidas estiagens, e devido a vazamentos na tubulação de madeira, (que não recebia os devidos reparos) e pelo elevado custo em sua substituição por cano de ferro, foi desativada, de comum acordo entre os sócios, em face da proposta da CEEE ligar sua rede à da “Força e Luz Ilópolis”.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A Dissolução das Empresas

Categoria: Memórias

Descrição: Todas as empresas fundadas por Bozzetto & Cia., Tomasini & Cia...

Todas as empresas fundadas por Bozzetto & Cia., Tomasini & Cia. e Tomasini & Irmãos, com a morte de quase todos os seus titulares, gradativamente foram assumidas pelos seus herdeiros e sucessores. Não havia dificuldades à frente. Tudo estava funcionando com exceção do setor da madeira por motivo da exaustão dos pinhais. A princípio, todos eufóricos e cheios de inovações.

Como havia ainda uma pequena reserva de pinheiros, nas áreas divididas e que pertencia a firma Bozzetto & Cia. e com uma serraria montada movida à eletricidade e os pinheiros, a custo “Zero”, despesas mínimas, administrada por incompetentes que não prestavam contas, seus sócios herdeiros partiram pela retirada da madeira, mais ou menos correspondente a sua parte e negocia-la diretamente. Assim acabaram com a pequena reserva de pinheiros sem a devida prestação de contas.

Com o setor de erva-mate, não foi muito diferente. Tudo instalado e em pleno funcionamento o mercado consolidado. Aconteceu que, na hora da escolha dos administradores surgiram duas correntes disputando o cargo de “Caixa” e a posse da chave do cofre. Não houve harmonia e falta de confiança dos incompetentes mais afeitos a disputar cargos. Resultou, em consequência, a retirada de muitos sócios, um verdadeiro “racha”. Menos da metade dos herdeiros permaneceram na firma, admitindo sócios não herdeiros. Em pouco tempo as dívidas foram se

acentuando e retirada de mais sócios, terminando por ser vendidas a um grupo proprietários de ervais nas periferias de Ilópolis.

O grupo dissidente de herdeiros preferiu ampliar e melhorar seus ervais com replantio de mudas entre os espaços existentes entre as erveiras, inclusive, reflorestando com Pinus.

Assim, alguns dos herdeiros da 2ª e 3ª geração estão dando continuação e mantendo a posse dessa riqueza. Ilópolis é uma cidade bem estruturada, ruas largas, calçadas com paralelepípedos adornadas com belas residências. É o único município com mais de 65% de áreas verde, coberta quase totalmente com vegetação nativa, onde se encontram muitas araucárias e erva-mate. A água é cristalina com fontes e nascentes abundantes. Em tempo de estiagem prolongada a cidade de Arvorezinha, distante pouco mais de 10 km, é abastecida com caminhões tanques de fontes existentes e preservadas do município de Ilópolis.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A Personalidade dos Avós Biaggio e Dorothea Loss Tomasini

Categoria: Memórias

Descrição: O avô Biaggio sempre foi uma figura pacata e cheia de bondade...

O avô Biaggio sempre foi uma figura pacata e cheia de bondade. Brincava muito com seus netos. O conheci em Alencastro de cabelos brancos. Não trabalhava, mas gostava de rachar lenha quando tinha cepos cortados, levando depois a lenha para a tia Pierina, – morava na casa do filho Biaggio – para que ela lhe fizesse um café. Nunca interferia quanto ao comportamento dos familiares. Não dava ordens.

Sempre gozou de boa saúde e raramente saía da casa, devido ao deslocamento do fêmur - osso da coxa - por isso mancava. Creio ser gênese hereditária, pois, seu filho Cesare, de Colorado, de imagem e semelhança física, tinha o mesmo problema e dificuldade de caminhar. Outro que tive oportunidade de conhecer é um neto do Tio Carlos e filho da Eulália, casada com André Quarengui, com semelhança física, também se queixava do fêmur.

O avô Biaggio seguidamente nos contava seu passado de quando vivia no Tirol. Sobre as guerras, a fome, a pobreza em geral daquela gente. Os invernos rigorosos com neve alcançando um metro de altura. Todas as moradias tinham na parte de baixo da casa uma local que servia para alojar os poucos animais, principalmente durante o inverno. Em muitas ocasiões por não suportar o frio, passavam as noites deitados na palha entre os animais para aproveitar seu calor.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A Dorothea

Categoria: Memórias

Descrição: A vovó Dorothea tinha uma personalidade definida...

A vovó Dorothea tinha uma personalidade definida, determinada e sem preconceitos. Sempre foi uma boa orientadora e conselheira.

Antes de emigrar exercia enfermagem em um hospital austríaco, onde adquiriu conhecimentos práticos e uma bagagem para formação da sua família. Sabia ler, escrever e fazer contas.

Como não havia professores em Sartorina alfabetizou todos os seus filhos. Como enfermeira conhecia e preparava remédios caseiros e diagnosticava alguns casos de doenças. Lembro-me de uma ocasião quando a mãe estava preocupada com a magreza do Armando. Ao examiná-lo lhe respondeu: “não te preocupes, está com a pele lustrosa. É magro mesmo”. Preparava um remédio para uso externo e de muitas aplicações. Não havia o que não curasse. A fórmula era secreta e ninguém podia estar nas proximidades quando o elaborava. Era composto com Pain Espellar e Prompto Alívio, de fabricação alemã. Quatro produtos componentes no preparo, entre os dois citados, mais breu e azeite de oliva. Quando tudo pronto tinha uma textura e cor de mel novo e, depois, era embalado em vidros.

Como enfermeira foi também parteira de todos os seus netos e de muitos vizinhos.

Em Ilópolis se dedicava exclusivamente no tratamento de doenças, partos, torceduras e fraturas expostas ou não. Era muito solicitada para atender doentes ou partos, nas localidades vizinhas. Vinham buscá-la com um cavalo encilhado com “Selin”. Por não ter confiança nos outros cavalos, me mandava chamar e providenciar o cavalo “Tordilho”, que vinha lhe servindo ainda quando residia em Alencastro. Eu a acompanhava sempre. Não viajava com chuva. Com as parturientes era muito severa quanto aos cuidados com os bebês. Tinha uma estatura de 1,70 m e peso aproximado de 80 quilos, Sempre usou lenço na cabeça. Tanto os filhos como seus netos lhes dedicavam muito respeito o carinho. Era muito severa e de poucas palavras quando contrariada.

Em 1928 ficou doente devido à alimentação que não lhe fazia bem. Não se queixava de dores. Em 1929, os familiares constataram que não estava bem, levaram-na para uma consulta, em Bento Gonçalves, com o Dr. Jorge e depois com o Dr. Tachini. Os dois diagnosticaram câncer proveniente de úlcera no estômago. Em casa tomou os medicamentos ministrados para aliviar a dor porque a cura era só um milagre. A doença foi progredindo cada vez, mais com bastantes dores. Apareceu não se sabe o porquê uma pessoa que se intitulava médico e que, com uma injeção a base a “prata” com 200 cm³, que se aplicada a curaria. Os 5 filhos se reuniram, mais o Bernardo Signor depois das explicações autorizaram a aplicação, pois tinha um custo de 100\$000 (cem mil reis). O “médico” lhes disse que, caso não surtisse alívio da dor tinha outra

do mesmo tamanho, porém composta do “ouro” líquido. Mais uma vez se reuniram, pois consideravam o alto custo de 500\$000 – quinhentos mil réis que, penalizados, e vendo sua mãe sofrendo, autorizaram a aplicação. O “médico” tinha uma seringa especial. Por 30 dias as dores quase desapareceram, quando, gradativamente voltaram as dores foram aumentando, vindo a falecer em 27 de abril de 1930. O “médico”, depois de aplicada a injeção viajou. Nunca mais foi visto.

Extraído das memórias de Luiz

Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Recordações da minha juventude

Categoria: Memórias

Descrição: Devia ter três anos quando, pela primeira vez me vi através de um espelho...

Devia ter três anos quando, pela primeira vez me vi através de um espelho que estava encostado na parede no chão. Trajava um saiote curto e uma touca de algodão listrado. Outras vezes com um macacão curto, sendo na parte traseira com um botão de cada lado para ser aberto quando das necessidades fisiológicas.

O SONO NO CARRO DA SERRARIA

Lembro-me, também, quando eu o Armando acompanhávamos o pai até a serraria que ficava 300 metros da casa. A serraria era movida com roda d’água, muito lenta, porém melhor construída do que a de Sartorina. Em uma das ocasiões, enquanto o pai lidava na serraria, me colocou sentado no carro da grade, logo depois de começar um novo fio de falquejo, o carro ia lento.

Com o balançar peguei no sono. O empregado Romano Rasia ao trazer de volta o carro para um novo fio, com pequenos impulsos, cai pelo lado de dentro. Entre a travessa do carro e o assoalho tinha que tinha 15 cm, resultando o deslocamento dos ombros. O pai, nas proximidades, me ergueu e seguido de um rápido exame me levou em seguida na casa de um velhinho, a 2 km da serraria que, também entendia de fraturas.

Lembro-me quando me examinou e em seguida foi buscar duas talas de madeira e colocadas uma na frente e outra nas costas, enfaixando-as. Como chorava muito, foi buscar duas laranjas e quando as entregou para mim disse: olha, essas laranjas tem estrelinhas. Era laranja de umbigo. De volta para casa, a Vovó Dorothea estava nos esperando e bastante preocupada. Fez-

me um rápido exame, pedindo-me para movimentar as mãos e os dedos, constatando que estavam normais, tranquilizou os pais, que logo ficaria bom.

Extraído das memórias de Luiz

Tomasini

“O PORCO MASCHIO”

Com pouco mais de 4 anos, lembro-me quando o “Bilo Téfe” - Cavalet - morador da Linha São Pedro, chegou à casa do pai para conversar. Estavam sentados no avarandado, entre a casa a cozinha; me aproximei do Bilo que me ergueu no colo. Enquanto conversavam passei a mão em sua barba, longa e vermelha, lhe disse: parece um pelo de porco. Mal tinha terminado a palavra jogou-me no chão. O pai, surpreso, lhe perguntou por que havia feito isso? Respondeu que eu lhe havia chamado de “porco maschio”. A palavra “porco maschio” era considerada altamente pejorativa ou uma ofensa.

Há 72 anos – acredito que em 1920, ou próximo a esse ano - aconteceu, na linha São Pedro, onde o Bilo residia, o seguinte episódio. Na Linha São Pedro o Padre da Paróquia, uma vez por mês ia rezar missa na capela. Os moradores das periferias costumavam mandar publicar pelo Padre os avisos e reclamações. O Padre, depois de publicar os futuros casamentos, seguidos dos agradecimentos pelas ofertas das galinhas, queijo, salames, manteiga e o azeite de oliva para a “lâmparina”. A seguir, após o costumeiro sermão sobre os evangelhos, tornava públicos os avisos e reclamações dos paroquianos, entre os quais, pronunciados em Italiano na língua de Vêneto, pois, todos o entendiam, comunicando: “se ah perduto um porco maschio!”.

Os paroquianos se entreolharam, espantados, por causa da palavra “maschio”, considerada por eles um sacrilégio por ser pronunciada dentro da Casa da Deus. O Padre achou não tinham entendido bem, repetindo o aviso: si, si, se ah perduto um porco maschio de quei com doi penati e destro! Todos notaram o semblante do Padre com ar de riso e todos começaram a rir. A partir daquele dia houve gozação aos moradores da Linha São Pedro. Bastava alguém pronunciar a palavra “porco maschio” para se entreverarem em pauleira. Até hoje, a 3º e 4º geração não admitem essa palavra, nem por brincadeira, mandam mudar de assunto.

Em Flores da Cunha, 20 anos depois aconteceu a história do Galo, que todos conhecem. Eles foram mais inteligentes não se deixaram gozar. O Galo hoje é marca de diversos produtos do município.

OS PRIMEIROS ANOS NA ESCOLA

Em 1923, quando chegamos de mudança à Ilópolis, - entre as várias casas existia a primeira Escola Municipal, que era constituída de uma única sala, abrigando crianças e adultos. Analfabetos aos mais alfabetizados. Para dar como concluída a série eram necessários cinco anos, no mínimo, quando era conferido o livro “Seleta”, considerado grau máximo. A primeira professora foi a Olinda Preto, muito severa, não perdoava e as lambados com vara de marmelo, ou o castigo de joelho sobre grãos de trigo eram comuns. Em 1927 foi substituída pela Maria Porto, muito boa professora. Em 1930 a escola passou para Grupo Escolar Estadual, já contando

com três professoras, sendo que me lembro da Elvira Fontana, que casou com Armando Bau e Sofia Galanterwich. Em 1933/34 estudei com diversos adultos em uma escola noturna, tendo por professores o Natal Bozzetto e Bernardo Signor, no casarão do Leopoldo Spezia. Aprendi muito com eles porque os temas eram vinculados aos negócios e transações das firmas locais, portanto, com base prática e teórica.

O pai não se descuidou em nos transmitir ensinamentos para enfrentar a realidade e saber lidar com a terra, animais e serviços gerais. Dizia-nos: “Para saber mandar no futuro, aprender a fazer”.

AS PRIMEIRAS RESPONSABILIDADES DE TRABALHO

Eu e o Armando, com uma carroça e uma junta de bois, pesados, durante o ano, quando não se transportava madeira das serrarias até a fábrica de caixas e aplainados abastecíamos, de lenha, os três barbaquás, antes e durante as safras. Transportávamos também a erva cancheada para o armazém “nhoque” em Ilópolis. Quando não se lidava com erva-mate ou lavouras, o tio Biaggio nos convocava para as lides do parreiral, que pertencia aos 5 irmãos.

O serviço com o parreiral começava quando com as podas, sulfatagem, indo até a vindima, terminando na elaboração do vinho, na cantina que ficava no porão da casa do pai. A uva na medida em que ia chegando era esmagada com uma máquina e em seguida despejada com baldes para dentro das pipas para fermentação. Devia-se acompanhar dia e noite durante a fermentação para evitar o transbordo e vazamento pelo chão. Era necessário movimentar os bagaços para sair os gases, com um pau de 1,20 m, que na ponta era pregada uma tábua de 15 cm, formando um “remo”. Durante a noite se fazia necessário um plantão.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Episódios Envolvendo meu Primo Joaquim

Categoria: Memórias

Descrição: Com o aumento da produção foi necessário a construção de mais duas grandes pipas...

HISTÓRIAS DO JOAQUIM

O CHUTE NO COITADO DO PORQUINHO

Na casa do pai, com o aumento da produção de vinho foi necessário a construção de mais duas grandes pipas e montados sobre um estaleiro de 5,10 metros e por isso sobraram dois pedaços de 40 cm jogados no chão. Em uma das noites fui escalado junto com o Joaquim Tomasini e Julio, irmão do Albertinho Tomasini. Por cama tínhamos um monte de palha de trigo, mas sempre atentos na fermentação. A última carroça chegada com uva ficava para dentro da cantina que tinha uma porta larga. Como caía uva no chão ao despejar, ficava para o dia seguinte recolher.

Havia muitos porquinhos soltos e de diversas famílias que, de noite, aproveitavam para comer a uva caída no chão. Lá pelas 3 horas da madrugada ouviu-se um porquinho mastigar as sementes da uva. A noite era da lua cheia.

O Joaquim levantou pedindo para não fazer barulho, procurando para localizá-lo. Nós, atentos para ver o chute, quando ele recuou três passos, depois de localizado, emendou um forte chute no porquinho, que pesava em torno de 10 quilos, atirando-o a uns 3 metros de distância. Nós como sabíamos das suas proezas nos limitamos a rir. Poucos minutos depois, mais um porquinho. Como antes, levantou e começou a procurar o novo porquinho, que devido a claridade da lua externa, dificultava a visão do vulto no porão. Quando localizado, recuou quatro passos e dizendo-nos baixinho: “Varda como se fa” - (veja como se faz) - Aconteceu que em vez do porquinho era um dos cepos com 40 cm de comprimento. O chute foi tão violento para o cepo voar cinco metros adiante para fora da cantina. O Joaquim se retorcia de dor, pulando em uma só perna e segurando o pé do chute. Eu e o Júlio tivemos um ataque de risos a ponto do acordar o pai que veio na sacada perguntar por duas a três vezes o que estava acontecendo. Nós de tanto rir não podíamos falar e, quando mais calmos, contamos o acontecido e o pai começou a rir e se recolheu. Nós, nada podíamos fazer a não ser aguardar ao clarear do dia para levá-lo em um carrinho de mão até a casa da Vovó Dorothea para medicá-lo. O pé ficou inchado que, mais parecia uma melancia. Uma semana depois estava caminhando com apoio de uma bengala.

NEM A ESCADA AGUENTOU A CARGA DO JOAQUIM

O Joaquim tinha uma excelente saúde e dotado de muita força. Certa ocasião, quando trabalhava na casa comercial, foi desafiado para ver quem carregava mais sacos de feijão nas costas e levá-los do outro lado da rua no depósito. Começaram com dois sacos cada um, depois três, a seguir quatro e por fim o Joaquim mandou colocar dois sacos um cada ombro e um atravessado. O desafiante desistiu. O Joaquim com 300 quilos caminhava lentamente e quando colocou o pé na escada de três degraus a mesma desmoronou e ele caiu, por sorte para frente, sem se machucar.

O ESTOURO DA BOLA E FIM DA PARTIDA

O Joaquim gostava muito de jogar futebol, sempre na defesa “beker”, e sempre descalço já que nem a chuteira 44 lhe servia. Certa ocasião convidaram o time de Putinga – localidade próxima – para disputar uma partida de futebol. Entre os “atletas” havia um ferreiro alto e forte, mandando um recado de que não tinha medo de enfrentar o Joaquim. Quando do jogo os dois

se enfrentaram com a bola dividida e os chutes foram ao mesmo tempo. A bola estourou, saltando pedaços para todos os lados. Como não havia outra bola reserva a partida terminou.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A Formação e a Vida Profissional de Luiz Tomasini e Questões Envolvendo as Empresas em que os Irmãos Tomasini Participavam

Categoria: Memórias

Descrição: Eu, com a idade entre 17 até 19 anos, além do trabalho no setor da erva-mate...

O SERVIÇO DENTRO DE UMA INDÚSTRIA

Eu, com a idade entre 17 até 19 anos, além do trabalho no setor da erva-mate, passei a trabalhar na fábrica de caixas e aplainados, inclusive operando máquinas. Também, aos 17 anos, junto com os tios Biaggio e José trabalhei na serraria dos Irmãos Tomasini. A minha missão era de foguista. Tinha que levantar antes das 4,50 h no inverno, com as geadas chegando a clarear o resto da noite. O locomóvel, aquele que vinha sendo maltratado pelo tio Pedro, quando com o fogo aceso e pressão suficiente, apitava como sinal para os tios chegarem. O tio Pedro quando abandonou a serraria e veio morar em Ilópolis deixou mais de 200 toras para serrar. Trabalhamos durante 3 meses e quando faltava as 2 últimas toras o pino do um dos volantes como sempre, quebrou e vou pedaços da armação para todos os lados.

OS ESTUDOS NO COLÉGIO MARISTA EM GUAPORÉ

Quando completei 19 anos o pai me mandou estudar em Guaporé no Colégio dos Irmãos Maristas. O Armando foi um ano antes. Ao ingressar, os Maristas fizeram uma avaliação ou uma espécie de “vestibular”. Perguntaram-me: “Sabes escrever, ler e fazer contas?” Respondi que sim. Mandaram-me ao quadro negro a escrever frases por eles ditadas e algumas operações de matemática. O resultado de minha avaliação possibilitou meu ingresso no 3º ano Propedêutico. Os dois anos seguintes foram o 1º e 2º ano curso de contabilidade, concluindo, o segundo lugar entre 13 colegas. Formei-me assim como Técnico em Contabilidade.

Em regime de internato as aulas eram muito puxadas com 8 horas diárias, além de mais duas entre a parte da manhã e da noite para estudar e fazer os temas. As aulas eram de religião línguas: português, inglês, espanhol, latim e italiano gramatical. Matemática: aritmética e

álgebra. Outras matérias: datilografia, estenografia - método Duplosie, caligrafias: rondas, gótica inglesa e comercial. Em datilografia, no exame, bati 230 letras por minuto.

No último ano - 1937 de internato custou 1:234\$000 (um conto duzentos e trinta e quatro mil réis) tudo incluído, livros, uniformes e extraordinários. O equivalente a 35 bois. As viagens para Guaporé eram a cavalo, hospedando-nos no Hotel Scalco, propriedade do pai do Deputado Federal Scalco, do Paraná. Ele devia ter 12 anos, e ajudava os trabalhos do hotel recolhendo os nossos cavalos, tratando-os para a viagem de volta, que algum companheiro fazia. No dia 12 de dezembro de 1937 concluí o Curso de Técnico em Contabilidade - equivalente ao de contador.

O TIRO DE GUERRA

Naquela época, quem não fosse prestar serviço em um quartel, como o tio José fez em Santa Maria, prestava o “Tiro de Guerra”, que existia em diversas cidades do interior, facilitando a que os jovens não se afastassem de casa. Assim, no primeiro ano em que estudei em Guaporé prestei serviço militar no “Tiro de Guerra”, juntamente com outros 75 soldados. Eu atirava muito bem de fuzil. O Sargento, em uma das instruções, ofereceu uma “rapadura” para quem fizesse o melhor tiro a uma distância de 200 metros. Ganhei a rapadura. Fiz quatro centros.

O INÍCIO DO TRABALHO NA ÁREA ADMINISTRATIVA DAS FIRMAS E A MUDANÇA PARA CARAZINHO

De volta a Ilópolis comecei a trabalhar na firma Bozzetto & Cia. atendendo vários setores, inclusive o da erva-mate e madeira.

Em 1930, estava no plano do pai para eu trabalhar em Carazinho. Falava-nos sobre o grande movimento da madeira ao longo da estrada de ferro, com os caminhões reboques levantando nuvens de poeira vermelha vista a grande distância, onde se podia localizar a cidade. Em Carazinho, me mudei, em outubro de 1938, para trabalhar na Cooperativa Madeireira São Bento Ltda. na qual a firma Tomasini, Rizzardi &. Guerra era associada. A sede e escritório ficavam na residência do Ernesto José Annoni – que criou e deu condições para o Brizola estudar em Porto Alegre –, tendo por contador o Sr. Angelino Giongo aos quais o pai me apresentou. Hospedei-me no Hotel Rosa. Lá fiquei poucos dias. Saí no dia em que me serviram no almoço uma barata boiando na sopa. No mesmo dia me mudei para o Hotel Scherrer. No escritório trabalhava de auxiliar do Angelino Giongo. Com ele aprendi da teoria para a prática. O Annoni tinha um sobrinho que trabalhava com cargo de mandalete e seu nome era: Dionisio Thadeu Nedeff. - Mais tarde quando diretor da Gaúcha Madeireira se autodenominou, legalmente, para Thadeu Annoni Nedeff, tudo por causa do sobrenome “Annoni” que era conhecido e dava projeção para quem o tivesse. Em 1940 Cooperativa São Bento foi extinta por vários motivos.

AS NEGOCIATAS DO ERNESTO ANNONI

O Ernesto Annoni, como Diretor, mantinha elevada conta devedora, apropriando-se de vários créditos em C/Corrente dos associados que, através dessa manobra conseguiu comprar a Fazenda Sarandí, prometendo sociedade com diversos credores da Cooperativa. Na hora da escriturar ficou só para ele. A fazenda tinha uma área de 210 quadras de Sesmaria, ou aproximadamente

20.000 hectares. Outra compra quase em seguida foi a Fazenda Erebangó com 40.000 pinheiros. Pedia principalmente aos sócios da firma Tomasini, Rizzardi e Guerra, que tinham um saldo credor na Cooperativa de 550 contos de réis, para não sacarem, prometendo sociedade com a nossa firma.

Mandou convidar o pai e o Santo Guerra para acompanhar a compra. A compra foi fechada com um sinal de 300 contos de réis, dado ao proprietário, um argentino sendo o negócio fechado quando o mesmo vinha pelo “Trem Internacional” aproveitando a parada de 10 minutos. Tudo estava combinado com o vendedor. Quando o pai e o Santo Guerra se preparavam para ir à Estação da VFRGS pediu para não irem porque o Castelhamo podia desconfiar e não facilitar o negócio. Quando voltou da Estação, eufórico mostrou o recibo, sinal do negócio. O pai e o Santo Guerra, inclusive eu fomos comemorar tomando umas cervejas.

No dia seguinte passamos no escritório para acompanhá-lo a Passo Fundo e concretizar em definitivo o negócio. O Annoni não compareceu e soubemos que tinha ido, bem cedo, a Passo Fundo. No dia seguinte, aguardando-o no escritório, comparecendo perto das 11 horas e foi dizendo que tinha pensado muito sobre a sociedade e como a firma Tomasini Rizzardi & Guerra tinha muitos sócios - 12 - achou melhor uma com apenas três sócios composto e com o nome de “Annoni, Piana & Piccini”.

No mesmo dia “quebramos os pratos”. Eu tomei a palavra, chamando-o de velhaco e muito mais. O pai me pediu calma, mas a discussão continuou. O Annoni baixou a cabeça e indefeso. Convidei-o para ir conosco até o Banco do Estado do Rio Grande do Sul, para nos devolver todo o nosso saldo, mediante a assinatura de títulos referentes a dívidas e acessórios. Não discutiu. No Banco, gerenciado pelo Sr. José Veríssimo Noronha, expliquei o motivo da nossa presença e sobre as compras da fazenda Sarandí e o Pinhal de Erebangó. O Annoni não contestou, concordando em assinar 11 Letras de Câmbio, sendo uma correspondente aos juros. Fechamos, assim, a nossa conta com o Annoni e a Cooperativa.

O INÍCIO DA FIRMA GUERRA & CIA. LTDA.

No dia seguinte, aproveitando a presença do pai e Santo Guerra, tratamos de encaminhar papéis para registrar legalmente a nova firma “Guerra & Cia. Ltda.”. Abrimos em seguida o nosso depósito de madeira no mesmo local da Cooperativa. Poucos dias depois me mudei para São Bento, parando no hotel. Com a firma registrada na Junta Comercial e madeira estocada admiiti empregados e um capataz. Construí um pavilhão e dentro um motor para movimentar uma serra circular e destopadeira, com motor de marca International, movido a querosene. Com a falta de combustível, devido a Guerra, foi vendido para ser instalado em uma trilhadeira. No lugar instalei um motor Chevrolet 4 cilindros e movido a gasogênio. Sobrava força. Tudo funcionando e em condições, comecei a viajar, de trem, para a fronteira para promover vendas de madeira de pinho e de lei. O escritório estava em uma peça da casa do capataz. Mande

imprimir vários impressos e comprei uma máquina de escrever da marca Ideal - alemã e também um cofre.

O CASAMENTO COM A LAHIR

Em 1940 conheci a Lahir quando em visita a uma sua amiga Doralina Nunes. Comecei a namorar até 29 de setembro de 1940, quando contratei casamento, e em abril de 1941 casamos. Como chovia muito o casamento foi na casa dos seus pais em Pulador - foi quando da enchente de 1941. O pai e a mãe e mais o Armando e Zulmira vieram com um automóvel novo Ford 1941. Nós, após o casamento, voltamos com um táxi contratado até São Bento, onde tínhamos uma casa montada.

Os pais, devido a grande chuvarada, ficaram isolados, pois com a queda de pontes em muitos locais os rios não davam passo, nem por barcos. Tentaram durante 15 dias e somente com a parada das chuvas puderam voltar.

Em São Bento morei durante cinco anos, onde o Roque teve a sua gestação e nasceu no dia 13 de abril de 1944, no Hospital de Caridade em Carazinho.

A FUNDAÇÃO DA GAÚCHA MADEIREIRA

Em setembro de 1943 foi fundada a Gaúcha Madeireira Ltda. A firma Guerra & Cia. Ltda., entrou como fundadora com o capital de 250:000\$000 - duzentos e cinquenta contos de reis - integralizado com madeira e dinheiro. Devido ao aumento dos negócios pela Gaúcha mudei-me para Carazinho. A casa, também, foi mudada para Carazinho. Quando foi desmontada, tiveram o cuidado de numerar todas as tábuas para reconstruí-la em Carazinho – ainda existe (há alguns anos foi demolida e agora tem um prédio) Na Gaúcha exerci diversas funções e simultâneas com as da firma Guerra.

A PARTICIPAÇÃO NO SINDICATO DOS PRODUTORES DE MADEIRA

Em Carazinho, como centro da madeira no Rio Grande do Sul, havia a sede de três sindicatos da classe madeireira: dos Exportadores, da Indústria – fábricas – e dos produtores. Participei ativamente na dos produtores até antes de mudar-me para Porto Alegre. O Presidente era o Dr. Alberto Kepper. O sindicato tinha jurisdição sobre 70% dos produtores no Estado. Como representante classista participei em Porto Alegre de dez reuniões. Convocadas pelo Delegado do Instituto Nacional do Pinho, Dr. Plínio de Assis Brasil. As reuniões eram convocadas por Ofício ou Telegrama. As pautas dos assuntos a serem analisados eram estabelecidas através da Presidência do Instituto, sediado no Rio de Janeiro. Eram tratados diversos assuntos, inclusive as condições e desenvolvimento dos Parques de reflorestamentos em São Francisco de Paula e Canela. Certa ocasião, junto com os representantes dos outros Sindicatos participei de duas audiências com o Governador Walter Jobim. As viagens de Carazinho a Porto Alegre eram

feitas de avião da Varig ou Savag, tipo DC3 ou Electra, com capacidade para 18 e 12 passageiros. Cada passageiro tinha direito a 20 quilos de bagagem e peso máximo de 100 quilos. Como eu pesava 101 quilos, pagava um quilo de excesso.

A MUDANÇA DO CENTRO DE COMERCIALIZAÇÃO DE MADEIRA PARA PORTO ALEGRE

A partir dos anos de 1945/47, muitas firmas da região serrana transferiram-se para Porto Alegre devido a facilidade no setor das exportações e, também pela falta cada vez maior de vagões da VFRGS. Devido a isso, muita madeira passou a ser transportada por caminhão, diretamente ou até o Porto Mariante – no Rio Taquari - e depois reembarcada por água para ser descarregada no Cais do Armazém C-3.

Em 1946 foi Fundada a Cooperativa Central dos Madeireiros Ltda., que recebia madeira de diversas regiões a preços mais vantajosos e isentos do ICMS. Quando, em uma das viagens a Porto Alegre, sabia da Cooperativa e fui visitar o Abraão Zamprogna, colega Marista de Guaporé. Inteirado das vantagens em se associar, quando da minha volta procurei o Santo Guerra e depois fui a Ilópolis, expondo as vantagens em nos associar. Todos concordaram. Passou-se a entregar toda a produção menos a de 5ª qualidade. No começo ia até Ilópolis e de lá eram embarcadas nos caminhões dos sócios até Santarém – porto no Rio Taquari, pouco acima do de Mariante. Mais tarde a entrega passou a ser feita no Porto Mariante para reembarque em barcos, com capacidade para 70 dúzias, até Porto Alegre. As firmas de Ilópolis, diante das vantagens, também de associaram.

A Cooperativa, em pouco tempo, passou a ser a maior exportadora do Estado. Sua sede ficava na Rua Voluntários da Pátria nº 2.755 no terreno que pertenceu ao Santo Meneghetti, pai do Dr. Hildo Meneguetti, que foi governador do Estado. Tinha uma grande área, porém, com o volume de madeira recebida dos associados, ficou apertada. O terreno foi comprado por Cr\$ 2.600.000,00, ficando um saldo de Cr\$ 600.000,00 para pagar com garantia hipotecária, vencendo juros mensais de 12 % ao ano. A Diretoria, na ocasião era: Dr. Gabriel Tabbal, Presidente, o Dr. Laurindo Dario Lunardi, Diretor Comercial e Abrão Zamprogna. Diretor Gerente.

MINHA ESCOLHA COMO DIRETOR COMERCIAL DA COOPERATIVA

Aconteceu, quando o A. Zomprogna estava a serviço nos bancos e o credor da hipoteca foi receber o juro do mês. O Dr. Lunardi o atendeu muito mal e friamente, não se sabe qual o motivo, pois ele o conhecia e se fez de desentendido, respondendo que ali ele não tinha crédito a receber nem para comprar uma carteira de cigarros: O homem se retirou e foi direto ao seu advogado para executar a hipoteca. A salvação foi quando o Zamprogna chegou, tomando conhecimento, foi imediatamente na casa do credor e com o dinheiro na mão. Não adiantou. Mandou-o se entender com o seu advogado. Resultado: tiveram que pagar Cr\$ 60.000,00 de honorários, como se a hipoteca tivesse sido executada. Diante do grave acontecimento, foi convocada com urgência uma Assembleia Extraordinária. Compareceram 95 % dos associados. Na medida em que foram chegando tomavam conhecimento da gravidade do fato.

Aberta a Sessão o Dr. Lunardi apresentou por escrito a sua exoneração, alegando motivos de ordem particular e para se dedicar a advocacia. Aceita por unanimidade, sua exoneração, os associados trataram, entre os presentes, um substituto para o cargo de Diretor Comercial. Todos alegavam motivos que não podiam se afastar dos seus negócios e na produção da madeira. Todos passaram a apontar para o meu lado. Relutei, mas acabaram me elegendo por aclamação seguida de uma salva de palmas.

O salário era de Cr\$6.000,00. Acabei aceitando por ter um companheiro o colega de colégio, o A. Zamproga, pois conhecia a sua personalidade e o largo tino comercial. Ele foi uma dos fundadores da Cooperativa Central.

Quando eleito e aceito o cargo, condicionei que, como os outros associados não podia me afastar dos negócios, pois estava na administração da firma Guerra & Cia., não poderia me ausentar sem antes transmitir as funções e outro substituto.

Em junho de 1949 me mudei para Porto Alegre, residindo em um sobrado onde embaixo funcionava o escritório da Cooperativa e todo o depósito de madeira e fábrica.

Ainda, sobre amigo Zamproga, quando em uma de suas costumeiras viagens a Mussum e Guaporé em visita aos familiares, na volta, pela estrada velha entre Bento Gonçalves e Farroupilha, ia a sua frente um caminhão reboque com madeira. Reduziu a marcha para poder conferir a marca e se era de algum associado. Quando se deu conta o automóvel capotou em um barranco de 15 m morrendo no local. Sua mulher e filha nada sofreram.

Nova Assembleia para um novo substituto. Eu e o Dr. Tabbal fomos até Canela e Gramado onde havia diversos sócios descontentes da madeireira Agrícola Ltda., todos com boa produção. Feito o convite, uma comissão foi examinar as instalações da Coop. e a situação patrimonial. Foram abertos livros contábeis, A comissão apresentou um substituto e candidato, o Darci Travi, filho do Basílio Travi e velho conhecido do pai e comprador de madeira em Farroupilha. Convocada a assembleia fui eleito por unanimidade. A produção aumentou em 30 % com a entrada do novo grupo. A área da Voluntários da Pátria ficou pequena. Ao lado das instalações, do Moinho Riograndense, com interesse em ampliar suas instalações. Como havia uma grande área na Av. Sertório e de propriedade dos filhos de João e Santo Guerra - era um banhado. Fechamos o negócio então com o Moinho Riograndense e simultaneamente a compra na Av. Sertório. O terreno tinha 54,5 m de frente por 110 m de fundo com frente para duas ruas. Com base na área do terreno fiz um projeto para ali depositar mais de 10.000 dúzias de madeira em área coberta, um grande escritório na frente com a Av. Sertório e nos fundos um sobrado com largura de 50,50 m com sete apartamentos para empregados, sendo na parte térrea para depósito. No centro do terreno um grande pavilhão para a fábrica de aplainados e beneficiamento para exportação. Todas as instalações construídas em 1951 ainda permanecem intactas e hoje de propriedade dos Irmãos Guerra.

Durante os anos da minha administração na Coop. por três vezes viajei para a Argentina para promover vendas, acompanhado do representante Alexandre Giordano.

Em 1957, quando o grupo de Ilópolis e Colorado passou a diminuir a entrega de madeira a Coop. porque os preços de venda no local e região se tornaram mais vantajosos, embora pagando ICM. Pelos estatutos da Coop. para continuarem sócios deviam entregar a totalidade da sua produção, que por força dos Estatutos não podia continuar na administração. Fui eleito Diretor no dia 8 de abril de 1949 e no dia 24 do agosto de 1957, quando da convocação da Assembleia Geral Ordinária, apresentei a minha exoneração. Conforme Atas, consignada a

presença acima de 30 associados ou 95 %, fui alvo de louvores o reconhecimento, principalmente pela implantação das novas instalações que além do reconhecimento me gratificaram com a importância de 150.000 mil cruzeiros que correspondia a 10 meses de salários da administração. Como não podia ser, fui homenageado com um grande churrasco e discursos à minha despedida, a qual teve cobertura pelo jornal Correio do Povo, conforme fotos em meu poder.

Senti-me extremamente gratificado.

TRABALHO NA GAUCHA MADEIREIRA

No dia seguinte, como estava previamente combinado, me apresentei a direção da Gaucha Madeireira S.A. para assumir funções administrativas. Como fundador da Gaúcha, vinha, acompanhando sua evolução e deficiências em vários setores, principalmente no da extração e serrarias.

Apresentei, então, um plano para recuperar esses setores, considerados muito importantes e mal administrados, tanto na produção como no setor da exportação. Aprovado o meu plano, o Nedeff pediu-me, em primeiro lugar examinar e reorganizar o depósito da madeira localizado na cabeceira da pista da aterrizagem (atualmente esta área é ocupada pelo sistema de sinalização de aproximação das aeronaves) de aviões e eventualmente a instalação de alguma máquina para preparar madeira para venda em construções. Um projeto foi apresentado ao Comando da 5ª Zona Aérea, por ser considerada área de segurança, e, quando faltava a chancela do Comandante, aconteceu um levantamento de diversos oficiais da Aeronáutica em Jacareacanga, o comandante solicitou transferência para o Rio de Janeiro. O novo Comandante em vez de examinar o projeto encaminhado nos deu um prazo de 120 dias para retirar toda a madeira do local, pois era um próprio do Governo Federal. Imediatamente passei a procurar novos locais para transferir a madeira. Todos pequenos e muito afastados.

Aconteceu naqueles dias me encontrar com o João Marodin, exportador de madeira, com planos de se transferir para Curitiba. Perguntou-me se conhecia alguém interessado em comprar o seu depósito já montado com galpão para armazenar muita madeira. Procurei não demonstrar que estava procura de um. Disse-lhe que o Nedeff se encontrava em Porto Alegre e o informaria da oferta. Imediatamente fui a um telefone e informei ao Nedeff, inclusive que já conhecia o local. Fomos em seguida ao local e no mesmo dia fechou-se o negócio.

As vendas a varejo evoluíram de tal forma, sendo necessário alugar uma fábrica da Madeireira Getuliense, parada e com bom maquinário. Eu não podia atender todas as frentes inclusive a construção do pavilhão de alvenaria para a montagem do maquinário, no depósito comprado do Marodin. Por isso, convidei o Balduino Tomasini que estava trabalhando na Coop. no setor de vendas e conhecedor de uma grande freguesia. Ele tomou conta das vendas e coordenava no preparo de bitolas para varejo. A Gaucha M. tinha em parceria uma grande área na Vila São Pedro, próxima das indústrias Zivi & Hercules passando a Avenida Sertório, pela área e, por ser muito baixo foi necessário aterrar, em vários lugares com mais de um metro de altura. Lá foram construídos 5 pavilhões com mais de 7 000 m² de área coberta, para abrigar até 25.000 dúzias de madeira. Alternativamente, durante as instalações na Av. Sertório e Rua Padre Hildebrand, viajei para Buenos Aires para promover vendas e acompanhar descarga de navios

com nossa madeira. Na minha volta conclui em definitivo as construções e instalação de maquinarias para beneficiamento e preparo de madeira para exportação.

Tudo funcionando e estruturado, o Nedeff achou importante a abertura de uma filial em São Paulo, pois, já mantinham negócios naquela praça. Para lá viajamos e depois de 5 dias o Nedeff retornou e eu fiquei durante 40 dias para me entrosar e verificar locais para depositar a madeira que vinha de Laguna e Porto Alegre desembarcada no Porto de Santos e em condições para pronta entrega. O mercado oscilava muito em função da entrada por via ferroviária e muita era desembarcada em Itararé. A madeira vinda por ferrovia era de qualidade superior a de por via Atlântico. Surgiu o restabelecimento de estradas e construções de pontes na região da produção no Estado do Paraná e as entregas eram diretamente nas obras com classificação muito superior a vinda por ferrovia. Difícil era para nós competir. Analizados os prós e os contras mandei um relatório ao Nedeff, sugerindo, inclusive, a não instalação da filial, pois, tínhamos bons compradores nas praças do Rio e norte do País. No minha volta fui substituir um Diretor da Filial de Laguna, em gozo das férias de 30 dias. Encontrei tudo muito desorganizado, muitas contas a pagar e salários atrasados. A fábrica de aplainados e aproveitamento desorganizada e sem assistência por parte da direção. O maquinário em condições de sucateado. Em 30 dias fiz o que pude, ao menos em melhores condições do estado anterior. A madeira procedente da Serra, Bom Jardim descia a serra por um cabo de aço com o comprimento de 800 metros. Com todo o manuseio a partir da serraria, descarga ao lado do cabo e depois na base carrega-la nos caminhões, onde, devido a altura e largada nas plataformas rachava mais de 50 % das taboas. Depois mais uma descarga no depósito em Laguna.

Além de pessimamente mal serrada, com grossuras em uma única tábua, de 2 cm até 4 cm, quando devia ser bitolada em 25 mm ou uma polegada. Quando voltei à Porto Alegre comecei viajar ao Nordeste substituindo o Diretor Jocy T. Silveira. Antes dele quem viajava ao Nordeste era o Diretor da Filial de Laguna, Idalino Nedeff. Tanto um como o outro se desgastaram devido a grande desorganização da matriz e sob o comando do Thadeu Nedeff. Era uma reclamação atrás de outra, em todas as praças. Esses Diretores viviam prometendo que não aconteceria ou se repetiria as faltas de cumprimentos, principalmente e devido ao faturamento antecipado ao do embarque de 30 a 60 dias. Cada viagem que eles faziam, ultimamente era para “quebrar galhos”. Para o perfeito e cabal desempenho o Nedeff me passou uma procuração com amplos, e plenos poderes perante repartições e bancos. As minhas viagens ao Nordeste se acentuaram a partir de 1961 até 1970, cujas viagens eram alternativas da Argentina. Lá, ao menos, eram mais tranquilas e tratadas com pessoas mais cultas. Promovendo vendas ou assistindo descargas no porto. Tanto para o norte como para a Argentina, permanecia no mínimo de 15 até 59 dias. Por duas vezes viajei para Baía Blanca, que fica no sul e quase na Patagônia, cidade muito bonita e onde esta fundeada a esquadra naval. Fui uma vez na cidade de Rosário, o maior porto de embarque de cereais. A surpresa que tive nessa cidade foi, quando no hotel, folhei a Lista de Telefones: uma pagina inteira de assinantes “Tomasini”. Não contei e creio ser superior a 150. Também, por duas vezes viajei ao Uruguai.

No Nordeste, fui a cidade de Recife, devido ao não cumprimento das condições do negócio e por atraso na remessa dos documentos para deliberar a carga no porto cujo documento mais importante era o Conhecimento de Embarque com Frete Pago. A venda foi para a Madeireira Pinto Ltda. A madeira, assim mesmo, foi retirada do porto mediante a assinatura do um certificado e recolhido ao seu armazém. Aconteceu que, 2 diretores da Coop. Madeireira Caxiense Ltda. foram lhe vender madeira. O Diretor da M. Pinto não se interessou porque tinha

um lote estocado e recebido da Gaucha. Eles, simplesmente, com ar irônico, lhe retrucaram: da Gaúcha? Onde esta a madeira? Foram os dois examinar as taboas - na verdade era inferior a da Caxiense - se dirigiram ao Amadeu Pinto, Diretor, dizendo-lhe, que madeira igual a essa os meus empregados não a querem nem de graça. É um verdadeiro lixo. O Diretor Amadeu Pinto, sem perda de tempo constituiu três advogados e entrou com uma ação na Justiça contra a Gaucha, comunicando que o Lote estava a disposição. Tive que viajar urgente, levando os documentos do embarque - os conhecimentos - que, quando entregues nada podia reclamar, pois o lote estaria legalmente entregue. Logo na minha chegada, com o nosso representante fui até a firma para lhe entregar esses documentos. Não os aceitou de forma alguma e mandou para me entender com seus advogados. Após examinar a situação, considerando que a madeira estava depositada em seu armazém, não estava propriamente a disposição. Tentei a entrega por mais uma vez. Fui então até o Correio, preenchi um AR - recibo de recebimento - e coloquei os documentos dentro de um envelope - aéreo -, dei 200 cruzeiros a um funcionário do Correio para ir entrega-los, que ficava da outra margem do Rio Jaguaribe. De lá do correio se avistava a sede da Madeireira Pinto. Quando vi que o estafeta vinha do volta com o recibo me considerei vencedor da questão.

No hotel, de noite, preparei uma minuta de uma carta para acerto. Pela manhã, acompanhado do representante fomos ao escritório. Quando entramos a primeira palavra foi: sim senhor! Conseguistes me passar os documentos, mas somente por via aérea - por causa do envelope - Respondi-lhe que foi o único meio. Ficou convencido que o partir do recebimento estava legalmente de posse da madeira. A seguir apresentei-lhe a minuta da carta constando as condições do acerto: retirados da ação tramitando na Justiça contra a Gaúcha; prorrogação de todos os títulos vencidos e a vencer com juros por sua conta; abatimento dos 5 % sobre o valor da fatura em vez de 50 % como pretendia e o abatimento sobre as madeiras faltantes mediante entrega dos respectivos Certificados para cobrar do Seguro, cujo acordo devia ser assinado na presença do chefe da Carteira do Banco do Brasil com assinaturas das partes e do Banco. Quando lá chegamos o chefe da Carteira, exclamou: salve, salve pelo que vejo fumaram o cachimbo da paz! - Antes de irmos até o Banco e quando leu a minuta, disse: Tomasini suba no escritório e bata essa carta e depois vamos até o Banco. Por fim, depois de tudo acertado, passei um telegrama urgente ao Nedeff do feito. Em resposta recebi um grande elogio, me informando que acabava de subscrever em meu nome 600.000,00 em Ações da Gaucha. Pensei, até que enfim me gratificou em reconhecimento. Na minha volta fui à Passo Fundo e, como de costume, quando voltava das seguidas viagens, relatava os assuntos resolvidos ou a resolver. Depois fui até o Contador para verificar a minha C/Corrente. Surpresa! As ações estavam debitadas. Que gratificação! - Assim, mesmo me senti gratificado por ter tido a oportunidade de viajar, embora a serviço, mas, as expensas da Gaúcha e da Coop. Central, por 18 viagens à Argentina e mais de 20 ao norte dos pais, durante 9 anos.

Deixei de viajar ao norte e à Argentina para reorganizar o Departamento da Produção em Bom Jardim da Serra, onde funcionavam 4 Serras-de-fita e 7 Tissot e Grade-cheia, parte dessas em parceria. Tudo estava sob a administração de Isaac Nedeff, irmão do Thadeu. Não entendia nada sobre o setor. Dava pena ver a desorganização. Muita sucata. Constavam 27 caminhões registrados, mas, somente 8 trabalhando precariamente. Os outros foram desmanchados e sucateados. A produção mensal não alcançava 3.800 dúzias. O pinheiro mal aproveitado quando podia ser tirado mais uma ou duas toras, porque o serrador não queria serrar nós.

A melhor serraria e com o melhor pinhal era campeã da madeira desbitolada. O carro transportador da tora para a fita estava cheio de soldas e torto. Tive que mandar fazer um carro novo em Carazinho, no Fritz que, depois de montado serrava a madeira bem bitolada. O locomovel de 150 hp não produzia 40. O grande defeito estava na ante-fornalha com 1/3 de passagem da ar pela parte de baixo, resultando a queima de um jogo de grelhas a cada 6 meses, quando deveria durar 6 anos. Mandei abrir, com uma picareta, um buraco maior. Resultado, o fogo melhorou 70 % e mantendo a pressão atmosférica do vapor, mas, ainda não produzia a força de 150 HP. Um domingo pela manhã o Gerente, também não satisfeito, foi abrir uma passagem do locomovel à chaminé. Havia uma passagem correspondente a 30 % a da chaminé. Depois de aberto fiz uma experiência, colocando palha de trigo na base da chaminé e a sucção foi violentamente aspirada. Construí-se um canal maior correspondente à chaminé e o resultado foi positivo. Sobrava vapor e não queimava grelhas. Antes não havia lenha suficiente, queimava e não produzia vapor. A produção aumentou de 600 para 1.800 dúzias e bem cerrada.

As outras serrarias tinham problemas idênticos quanto aos locomoveis. Tudo foi sanado. Parti, depois para o aproveitamento total do pinheiro montando serras circulares para fazer cabos de vasouras e aduelas ou engradados para as cerâmicas. Não sobrava lenha para queimar, tudo passou a ser aproveitado e vendido. Havia quatro tratores para o mato, mas tres alternadamente viviam quebrados. Tinham mais de 15 anos. Da frota de caminhões, somente quatro estavam em condições para retirar a madeira das serrarias ao depósito. Os quatro para puxar toras do mato às serrarias também com mais de 10 anos, seguidamente quebravam. A manutenção da frota era feita numa oficina pequena que antes fora uma estrebaria. Quando entrava um trator não cabiam os mecânicos. Um motor Chevrolet movimentava um aparelho para solda elétrica e por uma correia o torno mecânico também bastante gasto. O escritório estava instalado em uma pequena casa de moradia com dois quartos e uma sala, com os alicerces, de lado, afundando. Havia um projeto para construção em urna única área todas as instalações: Escritório amplo e dois dormitórios e respectivos sanitários para quando se viajava para lá e pernoitar. Foi na mesma área construído um almoxarifado, uma área para um novo torno mecânico, soldas e 10 boxes para caminhões e com 8 metros de comprimento. A de Bom Jardim da Serra viajei durante 8 meses, tempo suficiente para deixar tudo funcionando em plenas condições. Viajava com um “Fuca” apelidado de “Capitão do Mato”.

Voltei para Porto Alegre para assumir uma nova missão. O INCRA tinha em Cazuza Ferreira - São Francisco de Paula – uma área de 1.000 hectares de terras demarcados para assentamento de agricultores e com 3.500 pinheiros, sendo muitos com mais 1,50 metro de grossura. Publicou um Edital de Concorrência Publica, propondo a venda desses pinheiros antes dos assentamentos. O Nedeff me mandou junto com o João Camargo, funcionário da Gaúcha em São Francisco de Paula para verificar o pinhal. Era todo com média de 10 dúzias. Passamos dois dias percorrendo o mato e colhendo informações de visitas de outros interessados.

O guarda me informou que, a empresa que apresentar um projeto para reflorestar uma área existente e sem mato ganharia pontos na proposta. No dia da abertura das propostas, a da Gaúcha tinha um preço colocado em 2º lugar, mas como constava o compromisso de reflorestar, a concorrência foi ganha pela Gaúcha. Houve protestos de duas firmas com preços iguais, mas nada adiantou. Viajei imediatamente para Ponta Grossa encomendar a Serra de-fita e acessórios. Na volta fui com o Camargo a procurar um local para instalar a serraria. Foi muito difícil devido o terreno ser muito dobrado. Por fim, conseguimos localizar uma área com três proprietários. Tivemos que comprar toda a área de um e permutar com o lindeiro a excedente. O local não

podia ser melhor. Tinha água e um pequeno desnível. Recebi as escrituras e em seguida a demarcação das instalações. Imediatamente tratamos da compra de um locomovel Wolf de uma Arroeira de Porto Alegre, cuja oferta existia antes da compra do pinhal. Era muito pesado e desenvolvia 120 hp. Após a compra fui a São Paulo comprar um Gerador Elétrico Asea para desenvolver 100 hp, quase novo. Enquanto isso levei carpinteiros para Cazuzza Ferreira para construir os pavilhões. Um para abrigar o locomovel e o gerador; um para a serraria e um para secagem da madeira, com trilhos para troler tinha o comprimento de 100 m, exclusivamente para madeira da Iª e IIIª. A de IV a V era secada ao ar livre. Com a produção da energia elétrica própria toda a serraria era movimentada por motores elétricos. Levou-se quatro meses para instala-la e começar a serrar. A instalação desta serraria não foi uma das melhores, mas a melhor de todas. A madeira bem bitolada, comprimentos exatos e toda banhada, menos a de IV e V. Foi a melhor madeira que entrou nos depósitos da Gaucha e muito elogiada. Durante seis meses dei assistência e manutenção em geral, comparecendo por lá a cada 10 dias. Tinha por gerente o Sr. João Camargo, de São Francisco de Paula.

Enquanto isso, em Porto Alegre, foi eleito Diretor o filho do Thadeu, Wilson V. Nedeff, para o setor de Porto Alegre. O outro existente foi transferido para Curitiba. Esse Diretor Wilson era uma nulidade de marca maior, não entendia nada e não sabia mandar, Eu fiquei preocupado com essa mudança e procurei o Thadeu para me melhorar o salário para efeito de aposentadoria correndo as despesas sociais por minha conta. Não concordou. Eu e outro colega também da administração, fomos sendo preteridos das nossas habituais funções. Não recebíamos ordens para serviços. Ambos, então, tratamos de vender nossas ações enquanto valiam alguma coisa. Após a venda entrei em férias.

TRABALHO NA FIRMA GEHM & BENVEGNI

Fui a Passo Fundo a convite do Iber Benvegnú, já conhecedor da minha situação dentro da Gaucha e minha experiência e administração. Quando cheguei fomos diretos ate a serraria acompanhado do Iber e o Enio Gehm, cuja serraria estava instalada e funcionando há três meses. Estavam atrapalhados com o aproveitamento total do pinheiro. Muitos sarrafos aproveitáveis e costaneiras grossas, tudo amontoado no tempo. Perguntaram-me se estava disposto assumir a administração do setor. A minha resposta foi afirmativa. Propuseram-me, inicialmente, um salário superior em 150 % do que recebia da Gaucha. Tudo acertado voltei para Porto Alegre. Dez dias depois assumi o setor. Antes, apresentei a minha demissão a Gaúcha.

Na nova firma, tratei de instalar algumas maquinas auxiliares para o total aproveitamento. Tudo foi transformado em bitolas em bitolas especiais para indústria moveleira em Bento Gonçalves, retalhos para preenchimento dos compensados e os resíduos que sobravam iam para a Indústria de Papel em Santa Catarina, vendido a peso. O faturamento dos aproveitamentos, antes mal aproveitados ou para lenha, pagava todas as despesas do setor da serraria.

A Firma Gehm & Benvegni e mais um sócio argentino, este com 50% do capital, resolveram montar uma grande serraria, toda automática, em Manacapuru, cidade próxima de Manaus. Como entendia do ramo, me convidaram para conhecer o local e o terreno que fica nas barrancas do Rio Solimões. Precisou de uma pequena terraplanagem. Na volta fomos até Ponta Grossa - Paraná - encomendar todo o maquinário - da ultima geração, todo automática e de fabricação "Schiefer". O volante da serra-fita com 1,80 metros de diâmetro. A serraria podia ser operada

por apenas seis homens. Feita a encomenda voltei para Manacapuru, onde já se encontravam dois carpinteiros levados de Passo Fundo, iniciando as escavações, conforme planta da Schifer, concretagem das bases das máquinas e o levantamento do pavilhão da Serraria. Concluído esse, se construiu outro grande pavilhão para secagem da madeira, com 100 metros por 12 entre coluna e abas de 3,5 metros, todos cobertos de alumínio. Tudo encaminhado voltei para Passo Fundo, e em seguida, com os dois diretores fomos a Ponta Grossa verificar o andamento da encomenda. Estava um pouco atrasada. Os dois diretores regressaram e eu fiquei durante oito dias acompanhando os serviços. Havia muitas encomendas e todos com pressa para receber o maquinário. A minha presença foi muito importante.

Como havia madeira dura e mole para serrar, a serra tinha que ter duas velocidades para o bom desempenho. Em Passo Fundo, antes da ida a Ponta Grossa fiz uma planta para as duas velocidades ligando no mesmo 2 motores. Para a troca das velocidades bastava acionar uma chave elétrica de reversão. O sistema foi aprovado pela Schifer e vendido para muitas madeireiras da região. Cinco dias depois da minha volta a Passo Fundo seguiram quatro caminhões “Truck” para transportar o maquinário até Manacapuru. Os dois diretores e eu fomos acompanhar o carregamento. Tivemos que esperar três dias para terminar a fabricação e o carregamento. A frota seguiu com faixas ao lado das carrocerias com o nome da firma, “Madeireira Solimões S. A. Os caminhões seguiram até Rio Branco, isto é: Porto Velho no Acre e de lá foram embarcados quatro caminhões em cima de uma barça mista, para transporte do combustíveis e cargas.

Os quatro caminhões levaram tres dias descendo o Rio madeira até chegar em Manaus, e, seguida até Manacapuru.

Após a notícia da chegada, viajei com o Diretor Enio Gehm para montar o maquinário (25 dias depois) a serraria entrou em pleno funcionamento. Toda a montagem conforme plantas, foi feita por mim e com auxilio de diversos empregados, mais uma vez senti-me feliz por mais esse feito.

A firma; Gehm & Benvegnu, resolveu montar uma grande fabrica de esquadrias em Esteio, com o objetivo de utilizar grande parte da madeira de Manacapuru. Duas cargas de navio foram embarcadas num total de 500 m³. “A fábrica foi construída dentro de um projeto “faraônico” e financiada pelo Badesul”. Com área construída de 5.000 m² - um exagero - Acompanhei desde a terraplanagem e aterros do terreno até a instalação de todas as máquinas.

Demorou dois anos para ficar pronta. E, quando foi implantado o projeto havia grande demanda por esquadrias e muitas construções. Depois de pronta o funcionando aproveitaram apenas seis meses da euforia do mercado. “Houve crise nas construções em todo o país”. Em consequência, as fabriquetas do Paraná e Santa Catarina invadiram o mercado com produto inferior e bem mais barato. Para as construtoras interessavam preços. Como o mercado estava saturado, dificilmente se conseguia vendas nas boas obras. Tiveram que partir para a popular. As dividas foram se acentuando e a dispensa de empregados. Venderam todas as instalações, menos parte de maquinaaria a uma firma do Porto Alegre, para fabricar Cosmo Piso e Colchões.

Antes da venda, no dia 25 do agosto de 1976 me aposentei. Continuei trabalhando, inclusive no setor de vendas, seis meses antes de fechar em definitivo.

Ainda em 1988 projetei mudar-me para Passo Fundo, quando no dia 18 de agosto de 1989 vendi o meu apartamento nº 901 e, em 23 de outubro/89 passei a ser Passofundense, residindo no apartamento de nº 403 – Edifício Tapajós, Av. Brasil Oeste, nº 888.

VENI, VIDI, VICI-Cesar

Biaggio Tomasini e seus 10 filho(a)s, assim como seu filho João e seus 12 filho(a)s passaram por necessidades e sacrifícios que, a juventude, em 2015, sequer pode imaginar. Também tiveram grandes alegrias, dentro das aspirações da época.

Vieram amontoados em navios, encontraram o mato a ser desbravado, lutaram e venceram.

Ao longo do caminho, partindo da pequena localidade de Caoria, pertencente a comunidade de Canal San Bovo, muitas saudades dos antigos relacionamentos familiares foram deixados no Tirol, na época pertencente a Áustria. Impelidos pela fome, pela falta de esperança num futuro melhor, se atiraram a esta aventura chamada América.

Obrigado a vocês. Quanto mais conhecemos sua história de lutas, mais lhes admiramos e somos agradecidos.

Neste ano de 2015, quando se comemora 140 anos da chegada dos emigrantes italianos no Rio Grande do Sul, nada melhor para agradecer-lhes, do que colocar no papel, num livro, um pouco da sua história. Muitos já se foram desta vida e muito da memória pode ter sido perdida. Este é o grande objetivo desta publicação. Narrar um pouco a odisseia dos antepassados, mesmo que de uma forma simplificada e, certamente, incompleta. Fica o desafio para as novas gerações darem continuidade de preservar a memória da família.

Esta publicação, com base nos documentos escritos por Luiz Tomasini, narra um pouco da luta de um segmento da família Tomasini, descendente de Biaggio e que pouco deve mudar em relação aos descendentes do irmão Cesare, hoje concentrados na região de Gramado. Poderia ser de outras famílias de personagens casados com filhos e filhas de João Tomasini, como das famílias De Conto, Bozzetto, Donatti, Langer, Annes, Denardi, Giacomini, Martini, Periollo, Fanti, Schwertner, Ferri.

Mudariam os nomes, mas continua o prazer, a satisfação de regredir no tempo e ver o que foi conquistado, de nos sentirmos participantes desta luta que vocês enfrentaram e venceram.

Aos que já se foram, estejam onde estiverem, temos a certeza de que, mais uma vez, estarão desbravando os caminhos, para a chegada dos que, hoje, ainda estão nesta vida. Até lá.

Vocês vieram, viram e venceram.

Data : 17/09/2016

Título : A Polenta e as Caldeiras

Categoria: Memórias

Descrição: Meu pai, Mário, filho do Intendente Antônio De Conto...

Meu pai, Mário, filho do Intendente Antônio De Conto, foi designado para acompanhar os trabalhos por parte da Prefeitura. Encontrou-se com o pessoal de Ilópolis no local onde iniciariam os trabalhos e contou-nos uma versão que confirma o narrado pelo Luiz, contudo com alguns detalhes que para mim são muito importantes. O encontro da turma que estava abrindo a estrada com os colonos da Anta Gorda ocorreu e fez com que os trabalhos fossem paralisados. O avo João teria dito aos colonos que o pessoal de Ilópolis se retiraria e que o mesmo deveria ser feito por eles, pois se houvesse uma briga muitos morreriam, mas os de Ilópolis acabariam vencendo, pois eram em maior número, estavam mais bem armados.

Assim, ele e mais um companheiro que havia vindo de Encantado, foram levados para dormir em Ilópolis, sendo ele (Mário) convidado para ficar na casa do João e seu companheiro para a casa de um Bozzetto. Chegando à casa do João, contava o pai que viu uma linda moça na frente do fogão mexendo a “méscola” da polenta (um tipo de colher de madeira utilizada para mexer a polenta na panela). Segundo ele, ao vê-lo parece que a moça começou a mexer a polenta com mais vontade e como não podia deixar de ser, movimentando as “cadeiras” com mais vigor.

Como resultado da abertura da Estrada da Cordilheira e de uma polenta, o casal Mário e Lúcia tiveram 14 filhos, sendo eu o 11º deles, que muito agradeço a Deus pelo episódio.

Arnaldo José de Conto

Data : 17/09/2016

Título : O Biaggio

Categoria: Memórias

Descrição: O Biaggio sempre foi uma figura pacata e cheia de bondade...

O Biaggio (filho do emigrante Adamo, que chegou no Brasil em 1876) ,sempre foi uma figura pacata e cheia de bondade. Brincava muito com seus netos, com os quais convivía diariamente desde Alencastro, pois sempre residiu junto com filhos e próximo a grande maioria dos mesmos.

Já em Alencastro possuía cabelos brancos que lhe davam um ar de vovô. Não trabalhava, mas gostava de rachar lenha quando tinha cepos cortados, levando depois a lenha para sua nora – morava na casa do filho Biaggio – para que ela lhe fizesse um café. Nunca interferia quanto ao comportamento dos familiares. Não dava ordens.

Sempre gozou de boa saúde e raramente saía da casa, devido ao deslocamento do fêmur – osso da coxa – por isso mancava. Creio ser gênese hereditária, pois, seu filho Cesare, de Colorado, de imagem e semelhança física, tinha o mesmo problema e dificuldade de caminhar. Outro que tive oportunidade de conhecer, um neto do tio Carlos e filho da Eulália, casada com André Quarengui, com semelhança física, também se queixava do fêmur.

O avô seguidamente nos contava seu passado de quando vivia no TiroI. Sobre as guerras, a fome, a pobreza em geral daquela gente. Os invernos rigorosos com neve alcançando um metro de altura. Todas as moradias tinham na parte de baixo da casa uma local que servia para alojar os poucos animais, principalmente durante o inverno. Em muitas ocasiões por não suportar o frio, passavam as noites deitados na palha entre os animais para aproveitar seu calor.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Comentários acrescentados por Arnaldo José De Conto

O problema no fêmur do bisavô Biaggio, provavelmente seja originário da “luxação congênita do fêmur”, que minha filha Cássia teve e foi operada com três anos para correção. Segundo os médicos, que fizeram a cirurgia, esse é um defeito de origem genética, que teria se originado na região dos Alpes, o que inclui o TiroI. O mesmo é transmitido para os descendentes, com intervalos de até seis gerações sem se manifestar.

Ainda segundo os médicos, o problema surge mais na linha feminina, mas os homens também são afetados. Atualmente esse problema é mais conhecido e os pediatras que atendem os partos fazem um exame logo após o nascimento e, caso constatarem o problema providenciam e orientam os pais para procederem a um ajuste nas fraldas da criança de forma a corrigir o problema naturalmente em poucos meses, evitando com isso futuras cirurgias.

Data : 17/09/2016

Título : O Pedro

Categoria: Memórias

Descrição: O Pedro, a partir daquele dia providenciou a mudança para Bento Gonçalves...

Segundo memórias de Luiz Tomasini

O Pedro, a partir daquele dia providenciou a mudança para Bento Gonçalves e mais tarde para, Porto Alegre. Comparecia em Ilópolis somente para receber dinheiro das firmas em que era sócio.

Comentários adicionados por Arnaldo De Conto

Em Porto Alegre, Pedro morou sempre nas proximidades da Ramiro Barcelos. Criou a família, alguns dos filhos formados em curso superior. Segundo me falavam era um homem bastante alegre, embora não muito afeito a trabalho e grandes negócios. Viveu sempre dependente das sociedades que manteve com os irmãos. No entanto vale acrescentar alguns episódios desse lado da vida de Pedro em Porto Alegre.

Sempre manteve bom relacionamento com um grupo de amigos que gostavam de sair para se divertir, inclusive na noite. O grupo de amigos era alegre e costumavam “aprontar” para se divertir. Em uma noite de inverno frio, em que o Pedro não estava junto, ligaram para o telefone da casa dele, já de madrugada, até que ele levantasse e descesse do andar de cima da casa para atender a ligação. Quando atendeu falaram: “Pedro, o que tu estás fazendo só de cueca nesse frio fora da cama”? Volta já para a cama antes que pegues uma doença. E davam risada. É evidente que o Pedro também devia “aprontar” outras para seus companheiros de noitadas de “jogo de bolão”, pelo menos, contam que ele saía de casa com o seu predileto para que não desconfiassem para onde realmente ele ia.

Outra que me contavam envolveu sua filha Terezinha que estudou Farmácia. Segundo falavam, nos primeiros dias que estava na faculdade teve que preencher uma ficha onde constava a profissão do pai. No almoço em casa contou para a família dizendo que: “No espaço para a profissão do pai eu co- loquei que ele não fazia nada.” O protesto dos irmãos foi imediato e disseram: “Terezinha, você não sabe que o pai é industrial!” Ela espantada havia respondido. “Ora, eu não sabia que industrial não fazia nada.”

O Pedro pode não ter sido um grande trabalhador nas indústrias em que era sócio, mas sem dúvida foi uma pessoa alegre e que viveu feliz até seus 97 anos.

Data : 17/09/2016

Título : Bruno Schwertner e o perfume

Categoria: Memórias

Descrição: Em Ilopolis, ainda morava na casa de meus pais...

Em Ilopolis, ainda morava na casa de meus pais. O Bruno Schwertner passava férias na nossa casa. Penso que tinha uns 5 anos. Havia comprado um vidro de cristal, tampa de cristal de perfume Frances Narciso. Raro naquela época. Pelo menos para nós.

Estávamos na cozinha conversando e tomando “mate” quando Bruno veio lá de dentro todo perfumado.

- Bruno, o que você fez?
- Derramei uns óleos no teu quarto.

Quase 50 anos depois ou mais, em Porto. Alegre, meu neto João Gabriel 4 anos, saindo do meu quarto todo perfumado. Gelei. Lembrei-me do Bruno.

- Joãozinho, o que você fez?
- Vovó, eu perfumei todo o teu quarto! Você ficou feliz?

Beatriz Donatti

Data : 17/09/2016

Título : Avelino engoliu a chapa

Categoria: Memórias

Descrição: Meus pais, Avelino e Joana, estavam em Passo Fundo...

Meus pais, Avelino e Joana, estavam em Passo Fundo, domingo e foram almoçar com a família da Maria Helena. Mesa posta, comida italiana (massa, galetto, maionese, vinho, etc.). Todos à mesa saboreando os bons pratos que a Maria Helena sabe fazer. Em certo momento, meu pai desesperado falou: Maria Helena, Maria Helena, engoli a chapa!

Como, pai! Engoliu a chapa! De que jeito? Como engoliu? Engoli a chapa. Engoli a chapa, falava desesperado.

A Maria Helena levou os olhos para o prato do meu pai e a chapa estava, no prato, grudada numa perna do frango que ele havia recém tentado morder.

Beatriz Donatti

Data : 17/09/2016

Título : O Papagaio

Categoria: Memórias

Descrição: O filho do tio Pedro (irmão do vovô) e da tia Lidia...

O filho do tio Pedro (irmão do vovô) e da tia Lidia, o Balduino, era o filho mais velho. Tinha um papagaio que falava muita coisa. Quando o Balduino chegava em casa, ia até o pátio onde o papagaio estava, dizia: Ô, Puto!

O papagaio imediatamente respondia; Só eu? Só eu?

Beatriz Donatti

Data : 17/09/2016

Título : Beatriz e a ovelha

Categoria: Memórias

Descrição: Minha casa, em Ilópolis, ficava muito perto da casa dos avós João e Margarida...

Minha casa, em Ilópolis, ficava muito perto da casa dos avós João e Margarida. A Maria De Conto era neta. Foi criada pelos avós. Nós tínhamos uma diferença de mais ou menos 2 anos. Eu vivia brincando com ela na casa dos avós. O terreno era muito grande. Aquilo era nossa floresta cheia de bichos imaginários e reais. Um dia trouxeram e soltaram no terreno uma ovelha. Nós adoramos. Dávamos, escondido, pastinho, pão com uma latinha cheia de água, caminhávamos ao lado tentando fazê-la beber. Só não dormíamos com a ovelha. Tínhamos mais ou menos 4 e 6 anos.

Um dia nos mandaram passear na tia Rosa, que não era perto. Ela tinha um armazém onde vendia balas. Fomos correndo. Sempre que queríamos voltar, ela não deixava. Até que fomos liberadas. Ao chegar à vovó, fomos para debaixo da parreira e vimos a cabeça da ovelha pendurada. Começamos a chorar. De repente eu falei: Maria, ela não está morta. Ela está com os olhos abertos. Ao que a Maria respondeu: Mas falta o pedaço de traz.

Beatriz Donatti

Data : 17/09/2016

Título : Ave Maria

Categoria: Memórias

Descrição: Os imigrantes trouxeram, para o Brasil...

Os imigrantes trouxeram, para o Brasil, sua religiosidade e com ela seus costumes religiosos. Na casa da vovó Margarida no mês de maio, mês de Maria, o terço era rezado todas as noites em frente de uma imagem de Jesus com toda a família. Ainda pequenas, estavam também a tia Rosa e a tia Maria rezando. O terço avançava rezando Ave Maria..., Ave Maria..., Ave Maria... A certa altura a tia Maria, interrompe a reza, e diz: Chega de Ave Maria. Agora rezem Ave Rosa também!

Beatriz donatti

Data : 17/09/2016

Título : Mãe da Beatriz e a boneca

Categoria: Memórias

Descrição: Fato conhecido dos pais: quando chega visita na casa...

Fato conhecido dos pais: quando chega visita na casa, os filhos aproveitam para fazer coisas que normalmente não fariam e pedem autorizações que sabem que não ganhariam.

Minha mãe, Joana, havia ganhado, no Natal, uma linda sombrinha de *seda* estampada com flores e crianças brincando. Eu olhava para a sombrinha e achava que daria um lindo

vestido para boneca. Sabia que se pedisse não receberia autorização. A vovó Margarida recebeu visitas de umas comadres e amigas.

Comiam gostolis e tomavam mate. Conversavam animadamente. Para minha mãe Joana, havia chegado a oportunidade! Começou a pular ao redor da vovó pedindo: Mama, taio. Mama, taio. Mama taio (Mãe, corto... Mãe, corto... Mãe corto....) Tanto chateou, que a vovó, distraída e querendo se livrar, disse: Si, si, taia, taia. (Sim, sim corta, corta). Quando as visitas saíram ela viu a sombrinha toda recortada.e furiosa disse: Coça te ge fat? (o que tu fizeste?) E a menina respondeu: Te me ge dito: taia, taia. E la go taiada (tu me disseste, corta. E eu cortei).

Beatriz Donatti

Data : 17/09/2016

Título : Ivone Giacomini e o presente

Categoria: Memórias

Descrição: A Ivone Geacomini estava de aniversário...

A Ivone Geacomini estava de aniversário. Era de manhã pelas 8 horas, quando um dos filhos telefonou que um amigo ia chegar, para evitar que ela saísse de casa porque, estavam enviando com uma linda cesta de café da manhã. Não demorou muito avisaram, da portaria, que um rapaz estava subindo. Recebeu encantada o rapaz que trazia uma linda e generosa cesta cheia de coisas boas. Ela pensou:"Como este rapaz é educado veio me visitar e trouxe um presente. Que educação!" Já envolveu o moço com atenções, perguntou pela família, mandou sentar e também já ofereceu banheiro se ele quisesse usar. Em ação continua já o convidou para tomarem o café juntos. Enfim ela saltitava de alegria e gentilezas ao redor do amigo tão atencioso dos filhos. Este constrangido não conseguia falar porque ela não dava espaço. Mas numa oportunidade (rara) ele conseguiu dizer:

Dona Ivone ,sou um motoboy e vim lhe trazer esta encomenda. Por favor, a Sra. assina o recebimento.

Beatriz Donatti

Data : 17/09/2016

Título : Voo errado

Categoria: Memórias

Descrição: No ano passado 2014. Minha irmã Maria Julieta Donatti morava em Curitiba, Paraná...

Minha irmã Maria Julieta Donatti morava em Curitiba, Paraná. Ainda mora. Recebeu um convite da Rosa, amiga, para encontra-la em Fortaleza, Ceará. Passariam uns dias de férias curtindo sol, camarões, tapioca, passeios, caipirinhas mil, praias etc., etc. Comprou uma passagem aérea, no aeroporto de Curitiba, com destino Fortaleza. Tudo correto. Passagem bem definida: Fortaleza, Ceará.

Que mala levaria: Pequena, não. Média, não conseguiria levar tudo. Lógico, seria a mala grande. Na mala não poderiam faltar seus cremes milagrosos, seus chapéus, suas saias longas e esvoaçantes e nem seu fio dental (biquini é claro). Levaria chinelos, rasteirinhas e levaria também aquele sapato com salto - 15 cm. Parecia exagero, mas vá lá que ela fosse precisar! Viajaria pela manhã cedo. A filha, Mariane, atrasou-se e saíram queimando horário. Chegaram ao aeroporto e seu voo estava fechando. Mas consegui. Encontrou sua poltrona disponível. Estava feliz. Passagem para Fortaleza. Maravilha. Foi conversando, com um admirador ocasional, a viagem inteira.

Seu destino era Fortaleza. Não chegava a assimilar muito bem, mas ouvia a palavra Porto Alegre de vez em quando. Não era assunto dela. Seu assunto era Fortaleza. Não demorou muito e a aeronave aterrissou. Alguns solavancos. Não se incomodava. Fazia parte. Estava Feliz.

Todos desciam e ela ficava... Sua viagem era mais longa. Olhando da ja nela do avião, o aeroporto se parecia com outro que ela conhecia. Era coisa de mundo globalizado.

A aeromoça foi se aproximando dela e falou: Minha Senhora fez boa viagem? Chegamos ao nosso destino. Estamos em Porto Alegre.

Resumo da história: A Maria Julieta embarcou para Porto Alegre e não para seu destino. Inacreditável. A própria fiscalização de embarque não percebeu o engano.

Beatriz Donaatti

Data : 17/09/2016

Título : Luis Giacomini pegou a maçã

Categoria: Memórias

Descrição: Eu estudava em Soledade, no Maurício Cardoso...

Eu estudava em Soledade, no Maurício Cardoso, morava, por um delicioso ano, na casa do Tio Angelo e tia Maria. O Olavo era o Rui Barbosa da casa (era muito inteligente). A Ivone e eu éramos as mocinhas da casa. Vivíamos na frente do espelho e achávamos que fazíamos sucesso. O Mario Humberto, o Luis e o Paulinho eram os que faziam e aconteciam. Brincavam o dia inteiro. Nos fundos da casa havia a lavanderia com porta de madeira, com vidros e chave.

O Tio Angelo viajou para Porto Alegre e trouxe maçãs argentinas. Uma para cada um. Lindas, perfumadas, vermelhinhas, enroladas em papel azul de seda. Era a fruta dos Deuses. Nesta qualidade, só estas importadas. Nossos pomares não dominavam este cultivo.

Todos ganharam uma. A Ivone comeu a dela antes do almoço e me ofereceu um pedaço. Eu prevendo o futuro só cortei uma fatia fina.

Todos almoçaram e a minha maçã ficou sobre a mesa para que a Ivone cortasse um "pedacinho". E aí ficamos nós assim: corta Ivone.

– Não, corta tu. (Sim, apesar de ter cortado uma fatia fina, eu teria que cortar um pedaço maior...)

Corta Ivone. Não, corta tu... Corta, Ivone, e por aí fomos...

Enquanto isso o Luis, pulava ao redor da mesa com a cara mais safada do mundo, observava o que acontecia. Num gesto rápido, pegou a maçã, saiu correndo e se fechou na lavanderia. Ria, pulava, subia no tanque e dava dentadas na maçã. Desesperadas, nós duas, víamos, pelo lado de fora, minha maçã sendo devorada. Eu penso que ele comeu até o caroço.

Beatriz Donatti

Data : 17/09/2016

Título : Avelino Donatti e o pinico

Categoria: Memórias

Descrição: Na nossa fase de crianças não queríamos ir ao banheiro de noite...

Avelino Donatti e o pinico

Beatriz Donatti

Na nossa fase de crianças não queríamos ir ao banheiro de noite porque ficava fora de casa, era frio e tínhamos medo também. Tudo ficava resolvido de uma forma antiga e funcional. Pinicos. Funcionava. Todos tinham um pinico em cada quarto. O problema era de manhã. Em certa ocasião meus pais Avelino e Joana achavam que durante a noite roubavam uvas do nosso parreiral. Meu pai inventou uma armadilha, que consistia em amarrar no portão de entrada do terreno um barbante que na outra extremidade ficaria amarrado a um caneco, que por sua vez ficaria na beira de uma mesa da sala. O ladrão abriria o portão e o caneco cairia. Perfeito. Minha mãe dormia na cama pelo lado da porta do quarto para ouvir melhor os filhos se chamassem durante a noite. Pelas 5 horas da manhã o caneco caiu no chão fazendo muito barulho. Meu pai pulou por cima da minha mãe, botou o pé dentro do pinico, que estava razoavelmente cheio, chutou o pinico para a sala e não perdendo a velocidade abriu rapidamente a porta da sala que dava para a rua. Encontrou um gato brincando com o barbante.

Data : 17/09/2016

Título : Cara da riqueza

Categoria: Memórias

Descrição: Eu, Beatriz Donatti, primeiramente fiquei com uma Brasília...

Cara da riqueza

Beatriz Donatti

Eu, Beatriz Donatti, primeiramente fiquei com uma Brasília que, o que tinha de mais bonito eram os vidros raibans.

Precisei por o assoalho, arrumar a caixa de cambio, arrumar estofamento, tirar uma estopa da boca do tanque de gasolina e por a tampa, pintar, etc.

Tempos depois comprei um Fiatezinho que vivia na oficina. Depois, melhorando, comprei um Monza cinza escuro com cinza claro. Era a Cara da Riqueza... Viajei para Lajes com Carla Beatriz e Paulo Augusto, meus filhos, para um evento de Leilão de Tapetes Persas, que fazíamos para a sociedade local.

Findos os trabalhos ao meio dia fomos a um restaurante e estacionamos a Cara da Riqueza em frente do mesmo. Ao sairmos do mesmo, um senhor entrava no seu carro, igual ao meu. A Carla Beatriz achando que o nosso carro estava sendo roubado, correu, tentando se agarrar na janela com vidros abertos. Não conseguindo, se agarrava na lataria.

Meio pendurada correu atrás o que pode, quando o proprietário do veículo sem perceber o que estava acontecendo, acelerou e foi embora. Não precisa dizer que Paulo Augusto e eu nos torcíamos de tanto rir, porque vimos logo o que estava acontecendo.

Data : 17/09/2016

Título : Pilequinho em alto nível

Categoria: Memórias

Descrição: Passamos o Ano Novo, meus filhos Carla B...

Passamos o Ano Novo, meus filhos Carla B, Paulo Augusto, meu neto João Gabriel e eu, em S. Gabriel, na fazenda de nosso amigo Helio Neves. Jane e eu sentadas numa sombra a beira da piscina, tomávamos champanhe. Quando acabava uma, ela trazia outra. Assim tomamos quatro champanhes. Quando o cordeiro ficou pronto, levantamos... Eu fui fazendo zigue zague e parecia que o chão era fofo. Levaram-me para debaixo do chuveiro e etc. Passei mal mesmo. Eu só via meu neto de 5 anos e o Arthurzinho de 6 anos, com os olhos preocupados e muito sérios, acompanhando tudo.

Continuando, fomos à Canela e numa padaria o Joãozinho, meu neto estava comigo. Solicitei quatro cervejinhas (pães). O Joãozinho ficou me puxando pela saia e dizia:

Vovó, você vai beber de novo? Vovó, você vai beber de novo?

Ainda do meu neto João Gabriel, com 5 anos.

Morava na Bahia e veio passar as férias de inverno com a vovó Beatriz. Recém tinha chegado e estávamos conversando. Contava-me das namoradas também. Em certo momento me perguntou:

Vovó, você tem namorado? Ao que eu respondi: Não, não tenho. Mas vou arrumar.

Ele me olhou pensativo e preocupado e me disse: Mas quem é que vai querer uma velhinha?

Beatriz Donatti

Data : 17/09/2016

Título : Tio Carlos e a moreninha
Categoria: Memórias
Descrição: Tio Carlos Tomasini, irmão do Vovô João...

Tio Carlos Tomasini, irmão do vovô João. Os que o conheceram ou ouviram falar dele, sabem que as suas três primeiras esposas faleceram. Quer dizer ficou viúvo três vezes. Na última viuvez resolveu procurar uma secretária para resolver os problemas da casa e organizar a comida. Encontrou uma mulata novinha, esperta e faceira. Como não podia deixar de ser, o viúvo carente terminou assim: * De dia me lava a roupa e de noite me beija a boca.* Não era só de noite. Pela tarde passavam fechados no quarto, dando risadas. Afinal não havia tanta necessidade de deixar a casa brilhando. Era melhor os olhos do gringo brilharem. Na casa havia um cofre onde o tio Carlos guardava dinheiro e as joias da família. Este cofre ficava fechado a chave e ele tinha muito cuidado, quando abria, para que ninguém o visse. Mas a mulata via. Fatalmente um dia o tio Carlos esqueceu a chave no cofre. Não deu outra. A mulata viu e não deixou por menos. Limpou o cofre. A mulata desapareceu e ele antes de dar falta do conteúdo do cofre, deu falta da mulata. Tio Carlos enlouqueceu. Ligou para dois filhos. Um deles o Adolfo. Os filhos chegaram correndo para ajudar o pai. Providenciaram imediatamente a companhia do delegado de Bento Gonçalves e foram de carro pelas estradas esburacadas e poeirentas da colônia. A certa altura o Delegado falou: Seu Tomasini, as joias ainda podemos encontrar. Mas o dinheiro provavelmente ela gastou. Então não sei o que vamos conseguir.

Ao que o Tio Carlos respondeu sem pensar e rapidamente: *Orco Cane*!

As joias e o dinheiro não me interessam. Eu quero a mulata de volta.

Beatiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Uma viagem para o Oeste de Santa Catarina
Categoria: Memórias
Descrição: Meu pai contou mais de uma vez esta história...

Meu pai contou mais de uma vez esta história. Deve ter ocorrido provavelmente no início da década de 50, pois o veículo utilizado foi o Mercury 1946, do vovô João Tomasini. O vovô convidara o tio José Tomasini e o José Bozetto para ir para o oeste de Santa Catarina, com a finalidade de comprar “pinhais”, e o pai foi convidado para ser o motorista. A iniciativa foi do

vovô, e todos estavam “abonados” (com a guaiaca cheia de dinheiro), pois as compras eram feitas normalmente de nativos muito desconfiados e só teriam êxito se pagassem à vista. Meu pai aproveitando a carona e com a permissão do vovô, juntou o que tinha em casa e estava muito disposto a participar do consórcio para possível compra de áreas de pinheiros.

Os quatro saíram cedo de Ilópolis, e chegando à região de Xanxerê, ficaram muito assustados com os preços estabelecidos para as possíveis áreas a venda. A explicação foi que um grupo de “paulistas” tinha vindo para aquela região alguns dias antes e fez uma devassa. Compraram tudo que estava à venda e os últimos lotes comprados já tinham sofrido um bom ágio. Decidiram então que deveriam ir mais para o norte, e de fato foram até o sul do Paraná, na região de Pato Branco onde esperavam que os valores fossem mais condizentes.

Para surpresa dos quatro, a região também já tinha sido contaminada e a dificuldade em adquirir alguma área por valores razoáveis fez com que o grupo retornasse para as imediações de Xanxerê, onde apesar de tudo, estava um pouco mais em conta do que no Paraná. Regressaram então, fazendo planos para comprar algumas áreas pretendidas quando passaram dias antes, mesmo pagando valores que não eram considerados ideais. Pelos cálculos que fizeram, o somatório em dinheiro vivo que portavam daria mesmo assim para comprar entre vinte e trinta colônias de pinhal, mesmo considerando os valores altos para as suas avaliações.

Quando chegaram bem dispostos a comprar uma enorme área já vista nos dias anteriores tiveram uma triste surpresa. Aquela área fora vendida enquanto tinham viajado para o Paraná. Contrariados e desanimados, voltaram para casa com todo o dinheiro que tinham. O pai conta que tentou convencer o vovô e os demais que se os valores disponíveis para venda de áreas era mais ou menos uniforme, teriam que se render e pagar os valores de mercado. O vovô que tinha uma personalidade muito forte, não se rendeu... e voltaram com o dinheiro.

Edgar Denardi

Data : 17/09/2016

Título : O comilão cara de pau

Categoria: Memórias

Descrição: A mãe sempre contava que tinha um conhecido dos nossos avós...

A mãe sempre contava que tinha um conhecido dos nossos avós que sempre chegava para visitá-los próximo a hora do almoço e educadamente nossos avós o convidavam para almoçar. A mãe relatava que ele comia muito, muito mesmo e enquanto comia se sacudia feito um pêndulo, ela contava que ela, a tia Julieta e o tio Ermes diziam que era para conseguir comer ainda mais.

Nós quando crianças brincávamos com o relato da mãe e nos movimentávamos feito pêndulos a mesa quando comíamos as deliciosas comidas da mãe.

Esther Schwertner

Data : 17/09/2016

Título : Arnaldo, o Ford F-800 e a caroneira

Categoria: Memórias

Descrição: Quando o tio Arnaldo ainda era solteiro...

Quando o tio Arnaldo ainda era solteiro, um dia ia para Encantado dirigindo o caminhão do vovô, um magnífico e grandão FORD F-800 ano 1954. Na época todos os veículos no Brasil eram importados e este caminhão era um fenômeno... grandão, potente – motor V8 gasolina, e despertava os olhares por onde quer que passava. Pois neste dia, o tio Arnaldo que estava sozinho no caminhão vê uma “moça” andando pela beira da estrada justamente no sentido que se dirigia o caminhão. Prontamente parou o caminhão e ofereceu carona. A recusa foi imediata, mas como o tio Arnaldo era um galã, de muito boa conversa, a dita cuja não resistiu por muito tempo ao galanteio e subiu no caminhão. A rapariga estava longe de ser bonita e vestia-se com muita pobreza, o que supunha seria filha de algum pobre trabalhador da região. Naquele tempo o sexo era uma coisa rara e muito difícil, mas este tipo de personagem era mais ou menos o que os cavalheiros da época dispunham para satisfazer suas vontades. O tio Arnaldo não queria desperdiçar esta chance por nada e ademais a presa já estava andando na carona. Então começou o galanteio, e a pronta recusa. Insistindo de todas as maneiras que se possa imaginar e a parceira recusava todas as propostas que recebia. Diante de tal situação e sentindo que estava com boa chance de perder a oportunidade que se apresentava, lascou a última e definitiva cantada. Se até as formiguinhas de são deste tamanhinho fazem, por que tu não vais fazer? Foi a jogada decisiva... quem contou-me a história garante que ele levou.

Edgar Denardi

Data : 17/09/2016

Título : Pequenas histórias

Categoria: Memórias

Descrição: Mais uma boa lembrança... Os dias passados na Tia Rosa para fazer uvada e figada para o ano todo...

1 - Mais uma boa lembrança. Os dias passados na Tia Rosa para fazer uvada e figada para o ano todo. Eram muitas horas ao redor do tacho, onde as crianças tinham seu momento de mexer a massa.

2 - Num dos almoços de final de ano na casa da Tia Lúcia solicitei ao Carlos De Conto que me passasse um ossinho e ele pacientemente começou a retirar a carne do osso da costela para me entregar o osso completamente sem carne. Sacanagem de primo mais velho... risos.

3 - Outra que me lembro de me contarem. Em uma visita a Ilópolis, estivemos na casa do tio Avelino Donatti e passei por uma situação de perigo. Tio Avelino tinha um cachorro muito brabo. Ninguém, que não ele, se aproximava do tal cachorro. Eis que o Humberto, com dois ou três anos, desaparece da vista dos adultos. Quando a falta é notada, foi encontrado como se cavalgasse sobre o cachorro que, paciente, aceitava a brincadeira.

4 - Outra boa lembrança que tenho são os finais de ano na casa da tia Lúcia de Conto, nossa tia mais velha. Encontrávamos-nos, principalmente os Schwertner e os de Conto, e passávamos bons momentos. Em especial, o futebol reunia tios primos e filhos destes. Temos fotos desses jogos em dia de chuva, com muito barro e diversão.

5 - Eu me lembro de uma história que o pai e a mãe contavam do tempo de namoro deles (algo entre 1945 e 1950). Contavam eles que, quando o pai subia para Ilópolis, o motorista do ônibus (sempre o mesmo) desviava o trajeto normal para que o pai desembarcasse em frente à casa do vo João. Da mesma forma, no momento da volta, o ônibus saía da rodoviária e passava na casa do vo para recolher o pai.

6 - A Esther se lembrou de outra, também envolvendo o motorista do ônibus: O pai conheceu a mãe quando ela tinha 15 anos. Claro que o vo João proibiu o namoro (o pai tinha 10 anos mais que a mãe). Durante muito tempo, o motorista do ônibus entregava caixas de bombons para a mãe, como se fossem enviadas por primos, além de fazer às vezes de correio, levando e trazendo correspondências dos enamorados.

João Schwertner

Data : 17/09/2016

Título : A pontaria do José

Categoria: Memórias

Descrição: Um Tenente sabendo a existência de um Tomasini no local...

Um Tenente sabendo a existência de um Tomasini no local, quando ocasionalmente se encontrava próximo do José, e, ao reconhecê-lo perguntou se atirava bem de revólver. O José ficou meio assustado com a pergunta, mas a fisionomia não lhe era estranha. Ao se identificarem, abraçaram-se.

Ato contínuo, o José foi desafiado para atirar como faziam no quartel, atirando por dentro do gargalo de um litro e lhe tirar o fundo sem quebrá-lo. O desafio foi aceito. O primeiro a atirar foi o Tenente numa distância dos 15 metros e o litro foi quebrado. O José com o seu 38 SW, cano longo (Schmidt Wesson) – era considerado o melhor revólver na época, na mesma distância, deu o tiro e o litro não se mexeu. O Tenente deu um pulo e disse: “você errou”. O José pediu para o Tenente buscar o litro para verificar. Estava som o fundo. Mais uma vez se abraçaram alegremente, depois de muito tempo decorrido.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Luiz Tomasini e o excesso de peso no avião

Categoria: Memórias

Descrição: As viagens de Carazinho a Porto Alegre...

Excesso de peso no avião

As viagens de Carazinho a Porto Alegre eram feitas de avião da Varig ou Savag, tipo DC-3 ou Electra, com capacidade para 18 e 12 passageiros. Cada passageiro tinha direito a 20 quilos de bagagem e peso máximo de 100 quilos. Como eu pesava 101 quilos, pagava um quilo de excesso.

Data : 17/09/2016

Título : João Tomasini escapa de ser degolado pelo carrasco dos revolucionários

Categoria: Memórias

Descrição: As tropas descansadas prosseguiram sua marcha em direção de Soledade...

Luiz Tomasini

As tropas descansadas prosseguiram sua marcha em direção de Soledade para juntar-se a outras em apoio às do Cel. Prestes Guimarães. Antes do Rio Jacuí encontraram um pequeno foco de Castilhistas os quais foram sumariamente eliminados por degolas. Não faziam prisioneiros.

Depois tomaram rumo a Passo Fundo para se encontrar com o grosso das tropas do Gumercindo Saraiva. Acamparam próximos do Tope de Três Passos, entre Ernestina e Marau. Como a noite era muito fria – junho – fizeram uma grande fogueira para se esquentar.

O pai tinha uma moeda de 500 réis que, de tanto manusea-la ficou lustrosa. O “Carrasco”, nas proximidades notou a moeda e sem lhe falar a tomou. Assustado e com medo, passou a noite quase sem dormir, pensando nas degolas. No dia seguinte, pela manhã, foi comunicar o fato ao Comandante que, surpreso, lhe perguntou se havia reclamado. Respondeu que não porque ficou com medo. O Comandante lhe entregou outra com a recomendação de não mostra-la a ninguém.

Data : 17/09/2016

Título : A Estrada da Cordilheira, Joaquim e o Bacamarte

Categoria: Memórias

Descrição: Todos os colonos foram retirados recomeçando os trabalhos...

Duante a construção da estrada, muitos colonos obstruíram a construção, ameaçando usar as armas. Posteriormente foram retirados, recomeçando os trabalhos. Quando chegaram à divisa

da propriedade de um polaco, que também fazia parte do grupo de colonos locais apareceu com o seu “bacamarte” com calibre maior de uma “12”, carregado pela boca e com metais, braçadeiras. Como anteriormente, postou-se sobre o barranco das escavações, prometendo atirar no primeiro que fincasse a picareta na terra. O pai notou que falava sério, mandando o pessoal se retirar e como ia caindo à tarde recolheram-se ao acampamento.

No dia seguinte, bem cedo, o Joaquim Tomasini, sem nada dizer, foi até a casa do Polaco, que, desconfiado, lhe perguntou o que queria. O Joaquim, com muita calma, lhe respondeu que gostaria ver a sua espingarda porque nunca tinha visto igual. Sempre desconfiado, terminou por mostrá-la, dizendo-lhe que foi trazida pelo seu pai da Polônia. Perguntou se interessava vendê-la oferecendo 200\$000 (duzentos mil réis). Era muito dinheiro, representava, na ocasião, 6 salários para qualquer trabalhador. Não ganhava isso em um ano. Não resistiu, fechando negócio. Em seguida voltou ao acampamento com o "canhão" na mão e dizendo: pessoal, podem voltar ao trabalho, o Polaco está desarmado.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Custo do ensino do Luis Tomasini

Categoria: Memórias

Descrição: No último ano – 1937...

No último ano – 1937 – de internato (Guaporé) custou 1:234\$000 (um conto duzentos e trinta e quatro mil réis) tudo incluído, livros, uniformes e extraordinários. O equivalente a 35 bois.

Data : 17/09/2016

Título : Natal Bozzetto e a contabilidade

Categoria: Memórias

Descrição: O Natal F. Bozzetto foi estudar em Lajeado...

O Natal F. Bozzetto foi estudar em Lajeado. Após 3 anos cursou o “Técnico de Contabilidade” Voltou com muito entusiasmo para assumir a contabilidade, comprando livros necessários. No escritório, seu pai José, perguntou: “Para que todos esses livros?” O Natal foi explicando a finalidade de cada um. O José lhe respondeu que não entendia porque de tantos livros, se com um Borrador e um C/Corrente são suficientes. O meu sistema eu entendo perfeitamente e este é muito complicado. Prefiro o meu sistema. Não deixou o Natal a tomar conta do escritório.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Calotearam o pagamento da erva-mate

Categoria: Memórias

Descrição: Agenor Chaise e Oribes Marques ficaram devendo a quantia...

Agenor Chaise e Oribes Marques ficaram devendo a quantia de 55:834\$300 (cinquenta e cinco contos oitocentos trinta e quatro mil e trezentos réis)- dinheiro da época, sendo a porte do Agenor Chaise 17:000\$000, cujo valor constava em C/Corrente e do Oribes representado por 3 Notas Promissórias vencíveis em 10/01/34, 10/07/34 e 10/10/34, - estão em poder do Luiz Tomasini -. O total do débito entre os dois representava na ocasião, 1.800 bois, cujo preço estava entre 30 a 35\$000 a cabeça. O Agenor para amortizar seu debito entregou em duas ocasiões 90 cabeças entre bois e vacas.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Remédios da avó Dorothea

Categoria: Memórias

Descrição: Como enfermeira conhecia e preparava remédios caseiros...

Como enfermeira conhecia e preparava remédios caseiros e diagnosticava alguns casos de doenças. Lembro-me de uma ocasião quando a mãe estava preocupada com a magreza do Armando. Ao examiná-lo lhe respondeu: “não te preocupes, está com a pele lustrosa. É magro mesmo”. Preparava um remédio para uso externo e de muitas aplicações. Não havia o que não curasse. A fórmula era secreta e ninguém podia estar nas proximidades quando o elaborava. Era composto com Pain Espellar e Prompto Alívio, de fabricação alemã. Quatro produtos componentes no preparo, entre os dois citados, mais breu e azeite de oliva. Quando tudo pronto tinha uma textura e cor de mel novo e, depois, era embalado em vidros.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Tio Augusto: o comilão

Categoria: Memórias

Descrição: Quando em Ilópolis, os filhos do João, Armando e Luiz...

Quando em Ilópolis, os filhos do João, Armando e Luiz, tinham de chegar cedo a casado tio Augusto para avisá-lo que o pai desejava falar-lhe, pois cedo saía a cavalo para ver o gado. Recebia o recado muito contrariado, alegando compromissos a atender em suas cavalgadas pelas invernadas, as quais muitas vezes aos domingos. Relutava mas acabava atendendo. Esse hábito vinha de longos anos e para isso tinha um esquema montado: diariamente, bem cedo, um filho e uma filha se revezavam para uma missão definida. À filha cabia acender o fogo, esquentar a água para o chimarrão, cuia com erva, preparo de um grande bife e ovos para estalar. O Augusto aparecia devidamente trajado com botas e bombachas, sentava na cabeceira da mesa, servida com a cuia e uma chaleira com 1,5 litros de água. Tornando seu chimarrão tranquilo enquanto a filha o observava para ver quando a chaleira estaria com a última dose. Imediatamente estalava os ovos e o bife na chapa do fogão. Servia tudo acompanhado de um pão e um litro de vinho. Não sobrava nada.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Tio Pedro era esperto

Categoria: Memórias

Descrição: O Tio Pedro, quando da divisão e negociação...

O Tio Pedro, quando da divisão e negociação das terras se reservou, naturalmente para a sociedade, de todos os pinheiros com diâmetro acima de 40 cm, cabendo-lhe 1/8 ou cada um pinheiro em 8. Todos foram serrados e a madeira dividida. Até hoje acontece o ridículo: reivindica que, lhe cabem, todos os pinheiros, hoje, com diâmetro superior aos 40 cm. Os de 39 ou a menos cresceram, muitos com mais de 50 cm. Alega que são todos seus...

Extraído das memórias de Luiz

Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Avó Margarida, a escola e o ataque do coração

Categoria: Memórias

Descrição: Este “causo” aconteceu no dia 09 de junho de 1960...

Este “causo” aconteceu no dia 09 de junho de 1960, o dia da morte da Vó Margarida. Ela veio até a nossa casa, visitar a mãe, que estava no seu quarto, de frente para a praça, no segundo piso, do casarão de madeira que nós tínhamos ao lado do armazém. A Maria de Lourdes estava com quatorze dias (nasceu no dia 27 de maio de 1960), e a vó, ao ouvir o sino das dezoito horas, foi até a janela do quarto e olhou para a praça e, viu a construção da escola, no centro da praça (já estava com a estrutura concluída, faltavam os acabamentos) e, falou que estava muito preocupada com o Vo João, que estava inconformado com a construção da escola no meio da praça, a qual havia sido doada para ser praça e não para que construíssem ali a escola. Depois

disso, se despediu da mãe e foi para casa. Lá chegando, pouco depois, teve um enfarto, (na época “ataque do coração”) e veio a falecer. Com a morte da vó, o tio Ermes, o pai e o Dr. Paulo (único médico do hospital na época), formaram uma comissão para buscar doações e adquiriram um terreno, na Rua João Tomasini, onde a escola foi reconstruída, e hoje está sendo utilizada como Centro de Convivência da Melhor Idade. Este caso “fato” é a única recordação que eu tenho da Vó Margarida e ficará marcada para sempre na minha memória.

Luis Denardi

Data : 17/09/2016

Título : Os sapatinhos

Categoria: Memórias

Descrição: Quando tinha 10 ou 11 anos...

Tinha 10 ou 11 anos. Não lembro exatamente a data, num dia de inverno, fui a escola com meus sapatos preto ainda novos, filhos únicos. Usava aos domingos para passear e na semana para ir à escola.

Só ganhávamos um sapato por ano.

Choveu muito inesperadamente aquela manhã e na volta da escola para casa sem abrigo, não tinha muita escolha onde pisar.

Barro para todo lado, inúmeras poças d’água quase impossíveis de conseguir atravessar. Só pulando e olha lá... Sobrava poça d’água...

Cheguei a casa com meus sapatos e roupa enlameadas. A mãe ficou danada, pois sabia que no caminho com certeza teve muitas brincadeiras para eu estar naquele estado deplorável.

Com certeza...

Fui com meus sapatos até o tanque de lavar roupas, mergulhei meus sapatos na água, esfreguei e caprichei na limpeza, e o resultado foi que os coitadinhos dos sapatos ficaram encharcados d’água, mas limpos...

E agora para secar... Bem, tinha o forninho do fogão a lenha. Ótima ideia. Depois do almoço, o fogo estava quase apagado e o forninho ainda quentinho, não tinha perigo.

Coloquei os sapatos no forninho fechei a porta, e pensei, vou ficar aqui brincando até os sapatos secarem. Mas, não levou muito tempo, esqueci o que estava fazendo e sai, fui brincar e nem pensei mais nos meus queridos sapatos pretos.

À tardinha foi colocado mais fogo no fogão para fazer o jantar, ninguém sabia que meus sapatos estavam lá no forninho, eu também não lembrei mais e o que aconteceu???? Só na manhã seguinte quando precisava dos sapatos para ir a escola, cadê meus sapatos... Uhauuuuuuuuuuuuu.... Estão no forninho.

O que aconteceu???? Meus sapatos não estavam secos, estavam torrados, quase carvão.

Chorei muito.

Podem imaginar o drama da família italiana não? Demorei em ganhar outro par de sapatos.

Maria Julieta Donatti

Data : 17/09/2016

Título : A pontaria do Luiz e seu 32 S&W

Categoria: Memórias

Descrição: Andava um grupo a cavalo pelo mato olhando um pinhal...

Andava um grupo a cavalo pelo mato olhando um pinhal, não sei bem o local, mas devia ser nas cercanias de Ilópolis.

Pinhal maduro, diâmetro de mais de 80 cm. Se fosse comprado daria trabalho por muitos meses e, certamente, um bom lucro.

Lá pelas tantas, alguém viu uma “bocha” enorme, daquelas que só se vê de vez em quando. Pinheiro centenário, de copa.

De repente, o desafio: quem acerta um tiro na pinha?

Luiz tinha fama de bom atirador e logo foi desafiado pelo grupo para acertar na pinha.

Aceito o desafio, sossegou o cavalo e mirou. BANG...

Acreditem se quiser, a pinha veio abaixo. Caiu inteira na terra fofa do mato. Que pinha. Mais parecia uma bola de bolão. Todos foram examinar onde a bala atingiu aquela maravilha. Nenhuma marca a bala. De repente alguém disse: a bala pegou no cabo da “bocha”.

Luiz deu uma risadinha e disse que tinha atirado no cabo da pinha para não estragá-la...

Levaram a pinha de lembrança e ficou a dúvida: o revólver é que era muito bom ou o atirador tinha fama mesmo de bom no tiro.

Como todos já morreram fica somente a história para contar para os netos....

Roque Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A mais longa das noites

Categoria: Memórias

Descrição: Faz tempo... Certa ocasião o pai foi à Ilópolis e acho que...

Faz tempo... Certa ocasião o pai foi à Ilópolis-Rio Grande do Sul e acho que era na época das férias. Fui junto.

Como sempre o tio Frederico e a tia Rosa, fazendo de tudo para agradar, bom papo, comida, bebida, fogueira a lenha. Não me recordo qual dos primos ou das primas estavam lá naquela época.

Hora de dormir: o pai que já tinha uma espécie de quarto privativo, após muita comida e muitos copos de vinho. Foi para o “ninho”.

Eu fui acomodado num sofá da sala. Até aí tudo bem. Só que..., bem acima do sofá tinha um relógio, lindo, mas, como um bom relógio, fazia um TIC- TAC, TIC-TAC, TIC-TAC, TIC-TAC, TIC-TAC, TIC-TAC, TIC-TAC, TIC-TAC, TIC-TAC.

Dormir como?????? Vira para lá, vira para cá, bota o travesseiro na cabeça, pensa em tudo e mais um pouco e nada do sono. Ainda por cima, acho que o relógio batia as horas. BONG, BONG, BONG, BONG.

Nem me passou pela cabeça em parar o relógio. Como explicar no dia seguinte?

Enfim, amanhece e pulo da cama. Cara inchada. Olho vermelho e quando me perguntam se dormi bem, respondo, nem vi a noite passar.

Agora dá para rir e colocar como mais um “causo” de família.

Roque Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A praga dos Pinus elliotti

Categoria: Memórias

Descrição: Estava eu e a Lizete Augustin em São Francisco de Paula...

Estava eu e a esposa Lizete Augustin em São Francisco de Paula, uma cidade na qual gostaria de morar. Quer ir para a praia, desça 120 km pela Rota do Sol; para Caxias do Sul, ande uns 140 km; para Porto Alegre viaje uns 120 km; quer ir a Canela e a Gramado, são só 12 km.

Cidade pacata, com vários monumentos ao carreteiro, sua figura, a carroça e os bois. A beleza do Lago São Bernardo. Não se surpreenda se encontrar um gaúcho andando a cavalo ou até mesmo com seu “pingo” amarrado num poste enquanto faz algumas compras.

A noite, caminhando para apreciar o ambiente acolhedor da cidade, deparamos com o que parecia ser uma livraria. Entramos e, era mesmo uma livraria. Não uma simples livraria, mas uma livraria muito acima das expectativas para uma pequena cidade do interior. Três andares de livros, som e obras de arte. Não conheço nada similar em Porto Alegre. Muita madeira, até um pequeno elevador.

Depois de muito tempo admirando as instalações, fomos pagar algumas compras e nos atendeu uma pessoa de uns 50-55 anos, muito simpática. Encantado com aquele momento de relaxamento, disse à senhora que lá por 1963-64, tinha conhecido a cidade, quando acompanhava meu pai que trabalhava numa madeireira e que estava instalando uma serraria.

Até ai tudo bem. E, como diz o ditado: depois da bonança vem a tempestade.

Disse-lhe, CHEIO DE ORGULHO, que meu pai trazia do Rio de Janeiro sementes de Pinus elliottii importadas dos Estados Unidos, para um grande projeto de reflorestamento da Gaúcha Madeireira, empresa com sede em Passo Fundo-RS.

Ai caiu o céu.

A senhora fez uma expressão facial de espanto e de “reprovação”, dizendo: O QUE???????? foi o seu pai que trouxe esta praga para cá????? Planta invasora, que não respeita cerca de divisa e que está infestando os campos de pastagens nativas.

E prosseguiu, “dou graças a Deus que meus pais já morreram e não tem que assistir esta desgraça”.

Fiquei totalmente perdido, o chão sumiu, sem saber o que dizer. Desconversei e agradei a atenção, elogiando a linda livraria, louco para dar o fora....

Sai como um “cusco” com o rabo no meio das pernas e orelhas abaixadas.

Este episódio tem quem ser visto sob duas óticas: a da senhora, que é ambientalista e defende a preservação da flora e da fauna da região, tentando preservar uma visão de mundo baseada na herança cultural de seus antepassados. É seu direito e deve lutar por ele.

Outra visão é do caminho que o negócio florestal segue na busca de madeiras. O ideal seria reflorestar com espécies nativas, como as nossas araucárias. Problema: devemos esperar de 20 a 40 anos para corta-las. Os pinus, conhecidos como pinheiros americanos dão corte em 10 anos.

Há alguns anos, também cheio de razão, acusava os pobres pinheiros americanos de serem prejudiciais à flora e fauna brasileiras do sul do Brasil. Um professor me disse: já te destes conta de que cada pinus que é cortado significa uma árvore nativa, uma araucária que deixa de ser cortada?

Na hora mudei de opinião. Melhor conservar as matas nativas, com sua flora e fauna originais e suprir a demanda por madeira para construção e mobiliário com o reflorestamento com pinus.

Roque Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Aulas preparatórias para o vestibular em Ilópolis

Categoria: Memórias

Descrição: Acho que foi em 1964. Recém havia entrado na Faculdade de Agronomia da UFRGS...

Acho que foi em 1964. Recém havia entrado na Faculdade de Agronomia da UFRGS, quando fui a Ilópolis dar umas aulas preparatórias para o vestibular que o João Denardi e o Décio Bozzetto iriam fazer para a agronomia.

As aulas eram no colégio que fica no alto de um morro. Como eu tinha concluído o Curso Científico no Julinho (saudades), em Porto Alegre e tinha passado em 5º lugar no vestibular, encarei esta missão.

Foi a melhor turma de alunos que tive em 40 anos de ensino superior. Apesar dos meus esforços a turma não me convidou para Paraninfo e sequer para Professor Homenageado. Acho que os dois heroicos alunos não chegaram a um consenso....

Era inverno e um dia eu e o João resolvemos ir até o açude e lá também resolvemos dar uma caminhada em cima dos canos de madeira que levavam a água, da taipa até o “castelo” em que os canos de madeira terminavam e daí descia por canos de ferro para a turbina.

No início tudo bem, caminhávamos com cuidado sobre os canos molhados e cheios de limbo, escorregadios. Mas, chegou num ponto em que do lado direito tinha um enorme perau. No mínimo um tombo de 30 metros. O que fazer? Voltar?

Sabe o ditado: a curiosidade mata. Como ninguém queria morrer a solução foi sentar com as pernas bem abertas sobre o cano, que acho, deveria ter uns 60 cm de diâmetro e ir se arrastando de bunda. Vitória, sobrevivemos ao tombo e a falta de juízo. Chegamos até o castelo e, da mesma forma, voltamos. Com frio, a calça cheia de limo na bunda e felizes.

As vezes é bom ter um pouco de falta de juízo. Caso contrário não teria estas histórias para contar.

Os canos da represa eram de madeira, fixados por arcos de ferro.

Roque Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Biblioteca internacional de obras celebres

Categoria: Memórias

Descrição: Quando se começa um trabalho de reconstituição de fatos passados...

Quando se começa um trabalho de reconstituição de fatos passados, de trazer à tona a memória das pessoas descobre-se, ou melhor, se desperta nas pessoas lembranças que estavam adormecidas e que morreriam com estas pessoas.

Este caso da BIBLIOTECA INTERNACIONAL DE OBRAS CELEBRES,

Foi trazido a tona pela Beatriz Donatti.

Texto do email recebido da Beatriz:

Tomasini. Quando os filhos do Biaggio, nosso bisavo, já eram crescidos e inclusive já casados e com família, resolveram presentear a mãe Dorothea com uma coleção de livros, já que gostava muito de ler. Foram generosos e justos ao presentear a mãe com a coleção completa de 24 tomos, encadernação à couro e brochura dourada da maravilhosa BIBLIOTECA INTERNACIONAL DE OBRAS CELEBRES (tendo críticos e colaboradores especiais de 16 países, entre eles o Brasil). Esta coleção ficou na casa do tio Biazim, uma vez que ela morava com eles. Não se tem notícia com quem esta.

Eu, Roque, achei muito interessante este fato e sai à luta, perguntando a todo mundo se sabiam de algo. Onde estavam ou pior, se ainda existiam, se não haviam se perdido no tempo por serem livros velhos.

Quando iniciamos um trabalho de reconstituição de histórias de família, uma coisa é certa: se incomoda todo o mundo: email e mais email, telefonemas...

Foi o que aconteceu no caso da busca destes livros. Uma busca na internet permitiu localizar uma coleção idêntica e novamente enviei a solicitação de busca, agora acompanhada de fotos dos livros.

Em 09/07/2015, recebo um email de Paulo Roberto Tomasini, filho de Sergio Tomasini e neto de José Tomasini, dizendo que localizou a coleção e que os livros estão na antiga casa do Antoninho Tomasini, em Ilópolis-RS.

Roque Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : A cobra na gruta de Itapuca

Categoria: Memórias

Descrição: Verão de 1961...

Verão de 1961.

Não sei quem dirigia a Kombi. Só sei que estava lotada e todo o mundo aproveitando o calor do verão.

Dos que ali estavam só me lembro da Julieta Donatti.

Parada técnica: objetivo? Roubar milho verde. Roubo completo e lá foi a valente Kombi rumo à gruta de Itapuca..

Algazarra total. Todos bebem a água da fonte. Enfim, só alegria.

Não sei quem deu a ideia. Pessoal, depois desta gruta da entrada, tem outras maiores e mais bonitas. Vamos lá?

Vamosssssss. Alguém lembrou. Lá é escuro, não dá para ir.

Ai mesmo é que os machões foram se mostrar para as gurias.

Não sei onde arrumamos velas e, rastejando, passamos para a segunda gruta. Mais um pouco e, novamente rastejando, estávamos passando para a terceira gruta, quase sem espaço para se mover e com uma “potente” iluminação de uma simples vela.

Coragem, vamos em frente, não podemos fazer feio para as gurias. DE REPENTE UM GRITO NA SEMI ESCURIDÃO: COOOOBRA

Pânico geral marcha à ré a toda velocidade, rasgando a roupa e se arranhando.

Já do lado de fora da gruta os ex-corajosos aventureiros perguntavam, berrando: quem foi o filho da p.... que fez esta sacanagem???

A cobra? Até hoje não se sabe o tamanho dela, nem a cor. Alguns juram que viram.

Roque Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Compra de porco na colônia

Categoria: Memórias

Descrição: Conta seu Luiz Tomasini que certa vez acompanhou um comerciante...

Conta seu Luiz Tomasini que certa vez acompanhou um comerciante para comprar porcos numa região bem isolada, das já isoladas povoações da época. Não me recordo da data deste evento.

Mato nativa, muito pinhal e conseqüentemente pinhão. Algum milho para reforçar o crescimento e a engorda. Porco criado no mato, meio difícil de lidar.

Colocar numa balança um a um, missão quase impossível. Outro problema, não havia a balança no local.

Calcular a olho o peso de cada um: demorado e duvidoso. E dai como fazer???

Nada como o sofrimento e a experiência.

Alguém descobriu que o peso do porco pode ser relacionado à altura do mesmo.

Maravilha.

Fincaram no solo estacas de tamanho crescente. Porco com altura de 40 centímetros pesa tanto, com 60 centímetros pesa tanto. Problema resolvido.

Se comprador e vendedor estavam de acordo com estas regras, bastava colocar os porcos em fila e passar pela fila de estacas e ir anotando a altura de cada um. Simples e eficiente. Soma o

número de porcos com cada altura, multiplica pelo peso estimado e tem-se o peso total da porcada. Pagar e levar.

Mas alguém pergunta: e aquele porco corcunda que, por isso passa como porco de maior peso?

Resposta: vale a altura e ponto final.

Roque Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Esta a gente não contou para a mãe e nem para os filhos

Categoria: Memórias

Descrição: Morava em Porto Alegre, no Edifício Satélite, num prédio de dez andares...

Morava em Porto Alegre, no Edifício Satélite, num prédio de dez andares. O prédio esta localizado na Avenida Farrapos, esquina Av. São Pedro.

Na época era um belo prédio e morávamos no apto. 801. Linda vista para o rio Guaíba e nos fundos se via os aviões decolando a distancia. Prédio com 32 apartamentos.

Como não poderia deixar de ser aconteciam os namoros, as reuniões dançantes, numa sala que havia no edifício.

E aonde se brincava? No terraço do prédio estavam localizados tanques e áreas para lavar roupa para cada apartamento. Como o prédio é grande, sobrava espaço para jogar bola. Inúmeras vezes a bola passou da mureta de segurança, com aproximadamente um metro e trinta de altura e, lembro, uma vez caiu em cima de um ônibus e noutra vez por pouco não destruiu a vitrine de uma loja.

Mas, tem mais. Um dia alguém inventou de subir na mureta, com uns 30-35 cm de largura e nela caminhar. Como o primeiro aventureiro não caiu, a brincadeira passou a ser todos correrem ao mesmo tempo em cima da mureta. São mais de 20 metros de mureta. Queda de quase 40 metros.....

Ninguém caiu. Não me lembro de termos repetido a loucura.

Dona Lahir e seu Luiz (leiam esta história ai no céu), esta eu não lhes contei. Se tivesse contado o acerto de contas seria com a senhora e certamente com o pai... Escapei de no mínimo uma reprimenda verbal e de algum castigo.

Agora que meus filhos estão crescidos dá para contar.

Data : 17/09/2016

Título : Luiz e a festa do porco em Ilópolis

Categoria: Memórias

Descrição: A mãe depois de certa idade não gostava mais de viajar. Só raramente...

Roque Tomasini

A mãe, dona Lahir, depois de certa idade não gostava mais de viajar. Só raramente.

Por outro lado o pai gostava e tinha uma data em ele ficava todo agitado para viajar. Não sei se o nome correto era a “Festa do Porco em Ilópolis”. O fato era que o seu Luiz perto desta data já estava quase que de mala pronta para ir a tal festa.

Vamos Lahir? Resposta: eu não vou.

Seu Luiz ficava uma mistura de contrariedade, emburrado, entristecido.

Passa um, dois dias e novamente pergunta: vamos? NÃO.

Era a hora de um argumento poderoso para justificar a ida: é... não sei quanto tempo de vida me resta... Chantagem.

Tanto insistia que a mãe finalmente dizia: vai tu que eu fico. Maravilha. O Fuca chegava a ligar sozinho lá na garagem.

Chegando a Ilópolis-RS, o “hotel” era um quarto na casa do tio Frederico. Os dois se identificavam maravilhosamente. E por durante dias, creio que por até uma semana, era só comilança, churrasco, polenta, massa, salame, queijo, caipira, vinho, etc...

Bueno, hora de voltar para casa. Alguns quilos mais gordo.

Chega em casa o seu Luiz, feliz da vida, bateria recarregada para mais um ano de vida. E, como não poderia deixar de ser, sempre trazia um ou dois pernil de porco assado. Carne bem assada, saborosa, “loca de especial”. Afinal viajou para isso...

E, como não poderia deixar de ser, no ano seguinte, toda a novela de novo.

Data : 17/09/2016

Título : O atoleiro e a junta de bois

Categoria: Memórias

Descrição: Conta seu Luiz que havia na entrada de Ilópolis uma subida...

Conta seu Luiz que havia na entrada de Ilópolis uma subida, que nas condições da época, se chovia bastante, caminhão normalmente atolava ou faltava força para a subida.

Luiz e seu irmão Armando já sabiam disso e quando o tempo se armava para uma boa chuva, já deixavam uma junta de bois, muito forte, para ajudar o caminhão encrocado.

Contava seu Luiz que os dois ficavam com os ouvidos bem abertos e ao ronco característico de caminhão que não venciam a subida, pegavam a junta de bois, que estava também de prontidão e lá se iam eles, com um correntão.

Não dava outra, correntão no caminhão, motor ajudando e, pronto, caminhão livre.

Bem agora, era só pegar os “pilas” pelo eficiente serviço de guincho 24 horas.

Afinal, os bois precisavam comer e os valentes irmãos enchiam o seu cofrinho com um dinheiro extra.

Roque Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : O baile lá para os lados de Putinga

Categoria: Memórias

Descrição: Fim de semana. O que fazer?...

Fim de semana. O que fazer numa cidade muito pequena?

Alguém informa: tem um baileco lá pros lados de Putinga, pereto de Ilópolis.

Em meia hora lá se ia uma Kombi lotada de uma rapaziada cheia de amor para dar.

Numa estradinha que tinha mais pedra do que terra, finalmente chegamos ao local. Surpresa, o pneu da Kombi estava totalmente esvaçalhado. Havia furado há muito tempo antes da chegada, só que o motorista já havia saído com o tanque cheio “dele” e o da Kombi. Milagrosamente não descemos nenhum perau.

O salão era uma construção de madeira simples, sem energia elétrica. O conjunto musical estava localizado numa espécie de estrado a 1,5 metros acima do piso de madeira. Perguntei por quê? Porque em caso de briga os músicos e seus instrumentos estariam mais protegidos...

Vamos às danças. Salão lotado. Cada um tentando uma volta no salão com a guria que mais lhe apetecia ou que conseguia pegar... A luz provinha de um lampião, creio que de querosene, com pressão. Com o tempo diminuía a pressão e a luz enfraquecia cada vez mais. Além disso, como havia chovido, o barro dos calçados ia secando no piso e levantando um pó. A gurizada, aproveitando a chance, puxava as gurias para um corpo a corpo mais apertado..... Nem todas protestavam....

O dono do salão, nestas ocasiões, parava a festa, jogava uma água no piso para fixar o pó e dava pressão no lampião. Consequência? Meio metro de distancia entre os pares...

De repente alguém anunciava: agora “peça de dama”, ou seja, agora as gurias escolhem os rapazes com que querem dançar. Aquelas que estavam a noite inteira “encalhadas”, a espera do príncipe encantado, corriam para aproveitar a chance. Alguns “covardes” fugiam para fora do salão....

Fim de baile: hora de ir para casa.

Última chance de namorar um pouco e talvez algo mais....

Na Kombi iam só dois casais. Afinal o motorista gostava de privacidade...

O restante ia caminhando pela estrada embarrada, prometendo juras de amor e tentando pegar a mãozinha e o que mais fosse possível...

Lembro-me de um parente que estava com uma gringa reforçada. Juro: o braço superior era mais grosso e forte que perna de jogador de bola profissional. Ele, magrinho, cheio de amor para dar, tentava dar um abraço (talvez até um amasso....). De repente, naquela noite fechada só se ouvia um grito. NOMMMM. Ao mesmo tempo, gentilmente, a senhorita dava um “pequeno” empurrão que jogava o infeliz acompanhante, patinando no barro, lá do outro lado da estrada....

E eu? Juro que estava só conversando com uma gringa sobre coisas da lavoura...

Roque Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : O carrinho de lombas

Categoria: Memórias

Descrição: Não me lembro do porque, mas eu e meu irmão Sérgio nos desentendemos...

Não me lembro do porque, mas eu e meu irmão Sérgio nos desentendemos. Tínhamos uns 15-10 anos, respectivamente. Na época descer lombas em carrinho de lombo, construídas sobre chassi de “liga de madeira”, sobre o qual havia um assento ergométrico, no qual não se utilizava um cinto de segurança com fixação em três pontos e também não havia “air bag”. Era um dos brinquedos favoritos da piazada. A direção era puramente mecânica, movida com os pés..... O freio era mecânico (movimentado por alavanca de madeira) e no servo-pé (no tênis)...

Lá pelas tantas, o grau de desacerto entre nós aumentou e, eu, fiz uma pequena sabotagem no eixo dianteiro do carrinho dele. A roda era presa por um eficiente prego para não sair do eixo. Discretamente tirei o prego.

Só fiquei controlando o que ia acontecer...

Aconteceu que, o Sérgio levou o carrinho para a parte alta da calçada e liberou o freio.

Desceu a 100 por hora e, como esperado, o rolamento caiu fora do eixo e BUMMMMMM. Sem a roda direita o bólido se mandou para o lado, descontrolado.

Sérgio deu uma linda cabeçada na parede de uma casa.

Não quebrou nada. Só o susto e o “galo”. Risada geral e preocupação geral.. Quebrou a cabeça?????

Bem, hora de voltar para casa.

Agora entra em cena a mãe, apavorada com o “baita”galo na cabeça do pobrezinho do Serginho. MEUS DEUS.... QUE FOI ISSO????? QUE ACONTECEU????ESTÁ BEM????

Resposta dos dois: caiu o rolamento. Não se sabe como.

Ninguém entregou ninguém... Se entregasse, depois tinha um acerto....

Roque Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : O churrasco, o padre e o corte especial

Categoria: Memórias

Descrição: Era o ano de 1964. Estava em Ilópolis para dar umas aulas de reforço...

Era o ano de 1964. Estava em Ilópolis para dar umas aulas de reforço para o João Denardi e o Décio Bozzetto, como preparação para o vestibular de agronomia.

Domingo: festa . Não me lembro do local, sei que era perto da igreja.

Havia sido apresentado ao pároco e este me convidou para sentar ao seu lado. Ele, como autoridade máxima, na época, acho que mais que o prefeito, estava na cabeceira da mesa.

Havia um servidor de churrasco que sempre trazia um espeto caprichado para o padre dar o primeiro corte. Assim sucedeu por diversas vezes.

Lá pelas tantas, notei que o gringo veio com um espeto meio diferente e perguntou para o padre: aceita padre? SI, SI... E tirou uma lida lasca e mastigou com vontade.

E o gringo não saía do lado. Ficou ali parado e notei que estava com uma cara diferente. De gozador.

De repente, perguntou alto: e daí padre estava bom o pedaço??? Resposta: BOM... BOM....

E o gringo, falando bem alto, disse: quer dizer que o padre gosta de um bago de touro??

Sacanagem...

Roque Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Os irmãos Armando e Luiz no velório

Categoria: Memórias

Descrição: A história é mais ou menos assim...

A história é mais ou menos assim:

Um “agregado” (trabalhador que morava nas terras da família) faleceu e o vô João Tomasini designou os filhos Armando e Luiz para levar os votos de pêsames a família.

Lá se vão os dois a tardinha, rumo a uma casinha no meio do mato.

Família simples, pobre, mas muito bem relacionada. Numerosas pessoas ao redor da casa. Filharada também.

Entram os dois e cumprimentam a viúva e demais conhecidos.

Ficaram dois ao redor do caixão, sérios, pois afinal estavam representando a família Tomasini.

De repente, como num ensaio bem orquestrado, os parentes colocam o caixão num canto da sala e começam a distribuir bebida e logo surgiu uma gaita e começou um baile, uma festa.

Os dois apavorados se mandaram, meio apavorados com aquela cena.

Conclusão: cada povo, cada grupo cultural com seus costumes e suas crenças.

Roque Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Porque Emigrar

Categoria: Memórias

Descrição: Miséria, fome, semi-escravidão aos...

Miséria, fome, semi-escravidão aos proprietários de terra, falta de futuro promissor. A perspectiva de liberdade no novo mundo, na América.

Data : 17/09/2016

Título : Razões da Emigração da Itália

Categoria: Memórias

Descrição: Os Italianos começam a chegar em 1875, fugindo da miséria...

Os Italianos começam a chegar em 1875, fugindo da miséria, da "pelagra" (alimentação deficiente – com baixos teores de proteína animal).

A propaganda espalhada pelos agentes da emigração falava em país da fartura. Num dos cartazes afixados no porto de Gênova, o desenho sugere que a comida caía do céu. Nos folhetos,

prometia-se transporte gratuito, hospedagem, assistência durante os primeiros tempos, instrumentos de trabalho, sementes, assistência médica, instrução para as crianças e crédito para comprar um lote de terra.

Enfim, do inferno ao paraíso.

Aliciar imigrantes para a América tornara-se um bom negócio na Europa, desde 1830. Consequência direta da revolução industrial, em todos os países havia numerosa população excedente no campo e nas cidades. De outro lado, havia um mercado para mão-de-obra barata se abrindo na América devido às crescentes restrições ao tráfico de escravos africanos. E havia uma estrutura escravista com mais de um século de experiência no transporte de cargas humanas, que estava ficando ociosa.

Recém-unificada e em transição acelerada do feudalismo para o capitalismo, com quase 30 milhões de habitantes, a Itália era o melhor desses mercados de mão-de-obra barata e abundante em 1870. Milhões de italianos tinham bons motivos para acreditar em qualquer coisa, até mesmo no paraíso terrestre. Eram camponeses despojados de suas terras, artesãos superados pelas máquinas, pobres e suas proles numerosas que se amontoavam nas cidades. Ameaçados pela fome, parecia não haver lugar para eles naquele mundo em transformação. “Para fazer fogo, tinham que secar esterco de gado. Para defender-se do frio, muitos dormiam juntos dos animais.” As novas leis sobre a terra favoreciam os grandes proprietários e oneravam os camponeses, que perdiam suas glebas. Nas cidades, os pequenos artesãos não tinham amparo. Em 1874, quando os primeiros colonos chegavam ao Rio Grande do Sul, mais de 350 mil italianos já haviam saído para outros países. Nos 25 anos seguintes, quase 4 milhões saíram da Itália, um milhão para o Brasil. O Rio Grande do Sul receberia 84 mil imigrantes italianos até o final do século.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : As origens do Tirol Dinastia Habsburgo-Tirol

Categoria: Memórias

Descrição: Durante a segunda metade de 1500, com Leopoldo V da Áustria...

Durante a segunda metade de 1500, com Leopoldo V da Áustria, nasceu a dinastia dos Habsburgo-Tirol que durou até 1665. O Imperador austríaco Maximiliano de Habsburgo foi coroado na Catedral de Trento (Duomo di Trento) e, em 1511 promulgou o famoso Landlibell, que organizava a proteção territorial tirolesa através de atiradores selecionados entre a nobreza, burguesia e camponeses – eram os Schützen (também Sizzeri ou Scizer), organização que se mantém viva e ativa até os dias atuais em todas as regiões do Tirol histórico.

Do fim do século XIV até 1918, com exceção do período napoleônico, a região tornou-se um dos principais domínios da Casa de Habsburgo (imperadores do Sacro-Império quase ininterruptamente da metade do século XV até 1806, depois imperadores da Áustria), os quais passaram a administrar em 1815 os territórios do Principado Episcopal de Trento (secularizado em 1801, por Napoleão Bonaparte) entre os confins administrativos do Condado do Tirol, tornado parte do Império Austríaco.

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Tirol ao final da Primeira Guerra Mundial

Categoria: Memórias

Descrição: No fim da Primeira Guerra Mundial, as tropas do Império Austro-Húngaro...

No fim da Primeira Guerra Mundial, as tropas do Império Austro-Húngaro foram derrotadas na batalha de Vittorio Veneto em 29 de outubro de 1918. Apesar do subsequente armistício firmado em 3 de novembro (que passaria a valer a partir do dia seguinte), o comando austríaco recuou imediatamente, o que permitiu que as tropas italianas capturassem 356 mil soldados austríacos (Kaiserjäger) e ocupasse o Tirol, incluída a parte setentrional (Tirol Meridional) formada pelas regiões Südtirol e Trentino(Welschtirol). Os territórios do Condado de Tirol ao sul da vertente alpina foram anexados ao Reino de Itália e assim o Condado de Tirol termina sua existência com a ocupação italiana em 1918.

O Tratado de Saint-Germain-en-Laye estabeleceu que a parte meridional do Tirol seria cedida ao Reino de Itália, o que incluía não apenas a região italianófona do Tirol, chamada então Trentino, mas também a parte germanófona hoje administrativamente conhecida como Província autônoma de Bolzano(Südtirol) - à época apenas 3% da população era de língua italiana. A região do Trentino, o Tirolo italiano, também adquiriu autonomia, para que as tradições tirolesas da área fossem protegidas, inclusive das minorias de língua alemã e ladina em seu território: Val de Mòcheni (Fersental), Luserna (Lusern), Val di Fassa (Val de Fascia).

Em 1919, com o Tratado de Saint-Germain-en-Laye, da conferência de Paris, que marcou o fim do Império Austro-Húngaro, o Condado de Tirol foi dividido entre Áustria e Itália, nas seguintes áreas:

Tirol Setentrional (Nordtirol) com capital Innsbruck.

Tirol Oriental (Osttirol) com capital Lienz; Tirol Setentrional e Oriental são atualmente unidas no estado federal austríaco (Bundesland) do Tirol.

Tirol Meridional (região denominada entre as duas guerras mundiais Veneza Tridentina segundo o nome proposto em 1863 pelo linguista goriziano Graziadio Isaia Ascoli, depois

denominada Trentino-Alto Ádige), compreendendo os atuais Alto Ádige/Südtirol e Trentino, com capitais Trento (em alemão Trient); a atual capital provincial da região, com Trento(Trient) e Bolzano (Bozen) respectivamente capitais do Trentino e do Alto Ádige-Südtirol, formalizada com o estatuto de autonomia de 1972.

Fonte:Wikipedia

Extraído das memórias de Luiz Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Canal San Bovo Localidade de onde emigraram Adamo e Lucia Tomasini

Categoria: Memórias

Descrição: Segundo os documentos que servem de base para a obtenção da cidadania...

As imagens do Google permitem verificar a topografia montanhosa da localidade de San Bovo, origem de Adamo e Lucia Sperandio Tomasini.

Segundo os documentos que servem de base para a obtenção da cidadania italiana da família Tomasini, a localidade de CAORIA, distante 5 km da comuna de Canal San Bovo, é a origem geográfica dentro da comuna.

A comuna do Canal San Bovo é uma pequena localidade (125 km² e com 758 m de altitude) localizada na região do Trentino-Alto Edge, província de Trento. Tem 1.623 habitantes, densidade habitacional de 13 habitantes por km².

Código Postal 38050

Prefixo telefônico 0439

www.canalsanbovo.net

É possível passear pela cidade clicando no boneco amarelo da imagem do Google, que aciona o “street view”.

A topografia da região é de montanhas, com as pequenas comunas localizadas nos pequenos vales

As antigas raízes austríacas da região, ainda podem ser vistas em cartazes, através de sobrenomes austríacos/alemães, como Loss, da esposa de Biaggio, Dorothea.

Já em 1875 a rede ferroviária era bem desenvolvida na região trentina e, certamente, foi utilizada para o deslocamento da família até o porto de Genova. O grande problema deve ter sido o deslocamento do povoado de Caoria, até a ferrovia, numa região montanhosa, praticamente sem estradas.

Data : 17/09/2016

Título : Cemitério de Caoria

Categoria: Memórias

Descrição: Em 07/2015, Sergio Tomasini e sua esposa Luciane Tomasini estiveram em Caoria...

Em 07/2015, Sergio Tomasini e sua esposa Luciane Tomasini estiveram em Caoria (localidade que pertence a Canal San Bovo) e visitando o cemitério não encontraram nenhum túmulo dos antepassados Tomasini. Tampouco encontraram no cemitério de Canal San Bovo. Qual a explicação, se nos documentos que foram o ponto de partida para a obtenção da cidadania italiana, consta a localidade de Caoria?

No acervo do Museo Stórico Della Grande Guerra (1914-1918), Sul Lagorai, há fotos que mostram a destruição do povoado durante a guerra, inclusive o cemitério. Supõe-se que dentre os túmulos destruídos, estivessem pessoas nascidas no ano de 1805 (ano de nascimento de Adamo Tomasini) e que teriam sido sepultadas até o início da Guerra em 1914.

O atual cemitério foi construído no mesmo local do cemitério antigo, que foi destruído.

Roque G. Annes Tomasini

Data : 17/09/2016

Título : Os emigrantes Adamo e Lucia Tomasini

Categoria: Memórias

Descrição: Chegaram ao Brasil, Porto Alegre, em 04/09/1876...

Chegaram ao Brasil, Porto Alegre, em 04/09/1876:

Adamo Tomasini, com 71 anos

Lucia Sperandio Tomasini, com 57 anos

Filhos: Biaggio - 27anos; Cesare - 25; Lúcia - 22 e Domênica-19

Dados retirados no arquivo histórico - Livro Histórico - fl. 44 - das emigrações - Porto Alegre.

Título da terra

O casal Adamo e Lucia com seus quatro filhos, receberam o Lote nº 47 da Légua 29 e Travessão São João com uma área de 4 colônias, segundo dados constantes no Livro do Arquivo Histórico das Imigrações, folha 44, em Porto Alegre.

Estas terras e recursos, como se imaginava, não foram simplesmente do- ados ou de mão beijada. Foram pagos ao Governo até o último centavo ou “mil réis” da época, conforme consta em um documento histórico em poder de José Biaggio Tomasini, com o seguinte teor:

Nº 749

COLONIA CONDE d'EU

Livro de contas correntes página 20. O colono BIAZI TOMASINO, chegado à esta colônia em outubro de 1876 estabelecido no lote nº 23 da Linha Estrada Geral 2ª Secção ficou debitado para com a Fazenda Nacional:

Adiantamentos e subsídios em dinheiro e alimentação:	150\$000
Ferramentas:	11\$300
Valor do lote, conforme titulo provisório que lhe foi entregue nesta data com 87.283 braços quadrados:.....	261\$849
Pelos 20% do artigo 6º do Regulamento de 19 de janeiro de 1867:.....	52\$369
TOTAL:.....	

Colônia Conde d'Eu, 26 de janeiro de 1884 475\$518

Assinatura do Colono

Biasi Tomasini

Assinatura do Diretor

Joaquim R. Antunes

Data : 01/01/1960

Título : O voo do Avelino

Categoria: Memórias

Descrição: primeiro voo de um italiano típico

Em Ilópolis, anos atrás, éramos todos crianças e eu na idade de aborrecente. Nosso pai ia viajar até o Mato Grosso de avião. Foi um acontecimento. Para nós, cheias de fantasias, era algo especial e preocupante. O avião podia cair e Mato Grosso era cheio de cobras e onças. Enfim ele foi. Olhávamos para o céu e ficávamos imaginando a viagem e Mato Grosso. Quando voltou, de pé na cozinha, de terno cinza, lindo, cheio de coisas para contar, nós estávamos todos ao redor e inclusive minha mãe. Aí ele começou.

Lá em cima (ele queria dizer dentro do avião) eles já me ofereceram champanhe. Eu não aceitei. Ofereceram vinho. Não aceitei, Refrigerante, água. Não aceitei. E eles insistiam e eu firme. Depois veio o almoço, cafezinho. Não aceitei. Ainda vieram com bombons e eu não aceitei.

Se aqui em baixo já é caro imagina o que iam me cobrar lá em cima.

Beatriz Donatti

Data : 01/01/1960

Título : O fusca 1200

Categoria: Memórias

Descrição: história de um fusquinha denominado "capitão do mato"

O pai trabalhava na Gaucha Madeireira. Morava em Porto Alegre, mas viajava quase toda a semana para Santa Catarina, com o objetivo de supervisionar o corte dos pinheiros que abasteciam a serraria da firma. Se não me falha a memória, era no município de Bom Jardim.

O automóvel era um valente Fusca 1.200, azul e com uns pneus bem estreitos.

Ia por tudo, não refugava nada como um bom e velho Fusca.

Ia andando no meio do mato e parava quase ao lado do pinheiro que ia ser derrubado, Por isso o apelido de "capitão do mato".

A serraria ficava num local de difícil acesso, no meio de um morros.

Quando o seu Luiz notava que o tempo estava se armando para um chuva pesada, que poderia implicar em ficar isolado por dias ou até semanas nas precárias estradas de terra, pegava o Fusca e ia para a estrada.

O que não faltava na época era alguém caminhando na estrada, também tentando escapar da chuva. Dar carona era normal. Lá se ia o fusquinha, lotado.

De repente um trovão e grossos pingos de chuva. O valente fusca ia vencendo o barro e os caroneiros felizes por estarem protegidos da chuva abordo do moderno Fusca 1.200. De repente, como era comum, o fusca parou de andar e patinava sem força para vencer o barro.

Os caroneiros sempre diziam: seu Luiz vamos descer e empurrar. O potente motor 1.200 auxiliado por 2 ou tres voluntários empurrando, saia do atoleiro e todos felizes, embarrados e com a roupa encharcada, embarcavam e lá se iam rindo e contentes.

Conta o pai que nunca sujou o sapato de barro. Sempre tinha alguns caroneiros dispostos a empurrar.

Não se fazem mais fuscas 1.200...

Extraído das memórias de Luiz

Tomasini

Data : 01/01/2004

Título : Champagne no eurotunel

Categoria: Memórias

Descrição: champagne de graça no trem do eurotunel

Estávamos em Londres e tinha comprado passagem de primeira classe no trem para atravessar o eurotunel.

Expectativas mil. Vou andar de trem embaixo do mar e na primeira classe. Chique.

Belas poltronas,vagão bonito. Maravilha.

De repente aparece uma equipe do serviço de bordo perguntando se queríamos champagne. Eu disse champagne, não disse espumante e muito menos gotas de cristal....

Mão fechada, agradei a gentileza e disse que não queria. Imagine quantos euros iria custar uma taça, na primeira classe e debaixo do mar. Certamente uma fortuna não prevista nos gastos de viagem.

Uns dois metros adiante reparei que todos aceitavam a champagne. Pensei: ou estão bem de grana ou tem algo errado. Rapidamente chamei um dos funcionários e perguntei: quanto custa? Ele me olhou e disse: é grátis.

Dai dei uma de argentino em Santa Catarina, que compravam tudo e diziam:dame dos.

Ou, please , two glasses .

Burrice a minha, estou na primeira classe e queria o que? Depois mais tarde veio uma bela comida e desta vez nem pensei em recusar.

Tirei uma soneca e quando vi já estava me Paris. Não deu nem para ver o fundo do mar da janela do trem....

Este causo, na sua essencia, é parecido com o Voo do Avelino, contado pela Beatriz Donatti, acontecido com seu pai , aproximadamente em 1945.

Roque Tomasini

Data : 01/01/2017

Título : Causos de uma família Italiana no Rio Grande do Sul

Categoria: Memorias

Descrição: Todas as histórias são baseadas em fatos reais ocorridos com a família Tomasini,
...

ORIGENS DOS CAUSOS

Todas as histórias são baseadas em fatos reais ocorridos com a família Tomasini, desde sua chegada ao Brasil em 1857.

Os causos foram extraídos do livro "Familia Tomasini, histórias e causos".Parte são originários das memórias escritas por Luiz Tomasini e parte foram fornecidos por descendentes de João Tomasini, neto do emigrante Adamo Tomasini.

Data : 01/01/2017

Título : O vinho e os buracos da estrada Passo Fundo-Ilópolis

Categoria: Memórias

Descrição: Bodas de ouro do tio Frederico

O vinho e os buracos da estrada Passo Fundo-Ilópolis

Foi por ocasião das bodas de ouro do tio Frederico. Festa programada nos mínimos detalhes.

O tio elaborou duas pipas de vinho para a festa, uma de tinto e outra de branco.

Devido ao amplo relacionamento da família Denardi, a festa foi realizada no salão de esportes, com mais de 400 convidados.

As pipas foram colocadas no meio do salão e cada um consumia a vontade. Isto durante dois dias.

Comida? Imagine: churrasco, saladas mil, galeto, porco assado, polenta, pão, cuca, gostoli, etc...

Doces: o tradicional bolo, doces dos mais diferentes tipos.

Para animar a festa uma banda típica italiana e um tenor cantando melodias italianas.

Enfim, festa para não botar defeito algum e sair, no mínimo, um quilo mais gordo.

Fim de festa: todos felizes, cheios de alegria e de álcool nas veias....

Ao final, já foi anunciada a próxima festa, dos 60 anos de casados.

Naquela época meu irmão Sérgio tinha um Fiat 147, um belo carro e obviamente com pneus pequenos. Na vinda, todo cuidado era pouco. Velocidade de procissão para não danificar o carro.

Eu disse na ida para a festa.

Bem, na volta o mundo era outro. Só felicidade, só alegria. Álcool das caipiras, vinhos variados, etc... O Fiat 147 era movido a álcool nas veias do Sérgio....

A volta foi a noite. Se na vinda a demora foi de duas horas e meia, na volta foi de uma hora e trinta. Como assim? Pois não é que, ao menos na imaginação do meu irmão, tinham asfaltado a estrada. Asfalto novo, pé no fundo. Olho arregalado e uma luzinha dos faróis do carro, mais para lampião a querosene, do que para farol.

Pobre Fiat 147. Não viu nenhum buraco. Se depois foi para a oficina não sei. Se não foi é porque o carro era forte mesmo.

Enfim, como toda festa de gringo, muita comida, vinho e alegria.

Todo mundo feliz e de barriga cheia. Enfim, uma festa italiana que deu origem a muitos causos da família.

E todos já esperando a festa dos 60 anos de casamento.

Roque Tomasini

Data : 01/01/2017

Título : O canarinho belga

Categoria: Memórias

Descrição: O sonho de comprar um canarinho amarelinho

A compra do canarinho belga

Tinha uns 12 anos. Não sei por que, de uma hora para outra, inventei de ter um canarinho, bem amarelinho, chamado canário belga.

Descobri um criador de pássaro perto da minha casa e o sonho foi caminhando para a compra desta preciosidade.

Só tinha um problema: o dinheiro.

O pai sempre teve uma vida financeira que podia dar todo o conforto para a família. Acontece que, por razões que desconheço, pediu demissão do cargo de gerente da madeireira, da Cooperativa Central dos Madeireiros do Rio Grande do Sul-CEMADE.

Até que ele entrou noutro emprego, a solução foi a clássica: apertar o cinto.

A mãe, mãe é mãe, me deu um punhado de moedas e disse: vai lá e tenta comprar teu canarinho.

Feliz da vida, agarrando cada moeda como se fosse um tesouro, cheguei à casa do criador e fui atendido pela sua esposa.

Falei do meu sonho, já olhando para um lindo canarinho, e mostrei o punhado de moedas, certo de que logo levaria para casa aquele tesouro, dentro de uma caixa de papelão.

A senhora chamou o marido e explicou minhas intenções e mostrou a fortuna em moedas. Ele olhou e disse: só isso? Não vai dar.

Naquele instante meu sonho, realmente virou um sonho. Não sei se fiz cara de choro ou se fiquei com uma cara tão triste, que a senhora chamou o marido e disse: vende para a criança. Resposta: não.

Acontece que esta senhora também tinha um filho da minha idade e deve ter pensado: e se esta criança fosse meu filho? E começou a brigar com o marido.

Final da história: deixei a minha fortuna em moedinhas e, feliz da vida, levei para casa o meu canarinho amarelo.

Roque Tomasini

Data : 01/01/2017

Título : Casquete do brigadiano

Categoria: Memórias

Descrição: O casquete do brigadiano e a justiça simples e rápida

O casquete do brigadiano

Eram outras épocas. Tudo se resolvia mais facilmente.

Para que deixar para amanhã o que se pode resolver de imediato? Sem complicação.

Nas grandes cidades, certamente, haviam estruturas jurídicas complexas. Delegacias, juízes, tribunais, imprensa a procura de notícias.

E nas pequenas comunidades? Quanto muito uma pequena delegacia. Em outras, muito menos, talvez um pequeno posto da Brigada Militar.

Este caso tem por base um acontecimento na então, pequena comunidade de Ilópolis, Rio Grande do Sul.

Em que ano? Talvez há uns 40-50 anos.

Qual a veracidade do acontecido? Não me lembro de quem me contou. O tempo já apagou esta informação. Ficou o fato.

O caso inicia com a entrada de um pequeno agricultor, na época chamado de colono. Homem simples que ganhava seu pão plantando milho, criando porcos. Plantando e criando o que podia para sua alimentação.

Bem, tod

O casquete do Brigadiano propriedade tem um ou mais vizinhos. Não se sabe o porquê, o personagem do nosso caso apanhou de um vizinho e com medo de apanhar mais, foi dar parte ao representante da lei na comunidade.

Homem de pequeno porte, entra no posto da Brigada Militar e encontra o responsável, que, contam, era um enorme brigadiano, que de italiano não tinha nada. Era de pele escura. Bem escura. Homem respeitado pelo seu caráter e, também pelo seu tamanho.

Humildemente o pequeno queixoso contou seu problema e pediu providencias para o representante da lei. Perguntou se o brigadiano não poderia ir lá ao interior, meio longe da comunidade, falar com o valentão e trazê-lo preso.

O homem da lei, pacientemente, ouviu tudo e disse: não vou lá.

Surpreso o homem perguntou por quê?

Olha, disse, vou te dar o meu casquete (na época era a cobertura padrão que cobria a cabeça, peça ainda usada por algumas corporações militares).

Tu levas meu casquete, vai a casa dele diz o seguinte: amanhã de manhã, cedo, ele vem aqui, me devolve meu casquete e quero conversar com ele.

Diga também, se ele não me trouxer, eu vou lá buscar e daí a conversa vai ser muito séria.

Não deu outra, cedo o valentão, chegou para falar com o dono do casquete. Cheio de medo de levar uma cana, e, nunca se sabe, alguns tapinhas nada amigáveis.

O brigadiano disse: recebi uma reclamação e podia te prender. Mas, desta vez passa. Não pensa que tudo termina só com uma advertência.

Lá no pátio da delegacia tem um matagal de “guanxuma”. Tu vai arrancar com as mãos um quadrado de 3.0 m por 3,0m. Vou sair e até o meio da tarde quero ver todo o mato arrancado e empilhado num canto.

Explicando: a planta de guanxuma tem metade para fora da terra e a outra metade é uma profunda raiz, muito difícil de arrancar.

Meio da tarde volta a nossa autoridade máxima na comunidade e vai verificar o serviço. Tudo limpo e o valentão com as mãos em carne viva.

Pode ir, disse o brigadiano, do alto do seu 1.80 m de altura e 60 cm da largura de tórax.

Comporta-te, porque tu aprontar confusão novamente vais arrancar o dobro de guanxuma.

Enfim, tudo resolvido. Sem processo judicial e o pátio da delegacia ficou mais bonito.

Tudo resolvido na pequena comunidade italiana de Ilópolis.

Roque G. Annes Tomasini